

### editorial

## NO RETRATO QUE ME FAÇO

Mário Quintana, um mestre da nossa literatura, na sua irreverência incontida, plasmada na sofisticação dos seus versos, nos convida ao gozo dos pensamentos e sentidos, quando nos diz: “sonhar é acordar-se por dentro: de súbito me vejo em pleno sonho e no jogo em que me encontro mais uma carta sobre a mesa ponho”.

Queridos confrades, quando entro na academia, não sou mais maçom! Nem velho ou jovem eu sou, também forte ou fraco, grande ou pequeno. Minhas origens se enraízam na morada do belo... Não tenho loja, nem avental. Nem padrinho, nem venerável... Caminho entre pares, em busca da rima perfeita. Colhendo flores perdidas no jardim do bem viver, perfumando mãos estendidas na ventura do bem querer.

Assim me encontro nessa casa benfazeja, onde o ócio criativo alicerça a edificação das virtudes que devem conduzir-nos, descortinando em cada um o inenarrável universo das artes, vinculando-nos ao inarredável compromisso com a sua sobrevivência. Identificando-nos, sobremaneira, com o filósofo e poeta Albert Camus quando este declara: “no meio do inverno, aprendi que existe em mim um invencível verão”.

Como já foi dito, seja qual for a nossa origem, aqui nos encontramos despídos e desprovidos das certezas dos lugares comuns, regras ou precondições que limitam a liberdade do espírito. É certo, não sugerimos jamais, uma esquizofrenia identitária, muito menos um desleixo jocoso quanto aos princípios nos quais acreditamos. Todavia, a transição pelo qual passa o nosso planeta, bem como a maçonaria universal, implica necessários espaços de oxigenação e renovação de propósitos, relações e rumos, quanto ao nosso presente e futuro próximos. Gravitando neste mesmo eixo, o filósofo Maurice Merleau-Ponty intensifica nossas indagações ao afirmar que “se o mundo é um poema, não é porque entendemos o seu significado desde o princípio, mas sim pela força de seus acasos e paradoxos”.

Nunca precisamos tanto da arte, da filosofia e da espiritualidade como agora. As cordas que tecem as teias que nos sustentam nunca estiveram tão retesadas. Alguns argumentariam que não! Diriam: já vimos episódios mais trágicos e perturbadores do que os que encabeçam essa transição... Respeitamos tais ponderações, no entanto, muitas dessas teias do passado eram visíveis e podiam ser identificadas. Hoje, não! As cordas que nos sustentam são translúcidas, até mesmo espectrais, praticamente invisíveis... inúmeras e variadas, velozes, mutantes, insidiosas e

impiedosas... são fugazes, fugidias e contagiosas. Mais do que nos ameaçar e amedrontar, elas nos adoecem... mirando inescrupulosamente a nossa alma, tendo-a como seu alvo principal. Diante desta visão, talvez assim nos dissesse o genial Quintana em sua doce acidez “eu estava dormindo e me acordaram, e me encontrei, assim, num mundo estranho e louco... e quando eu começava a compreendê-lo um pouco, já eram horas de dormir de novo”.

Entendo, portanto, que para sobrevivermos a esse gigantesco *reality show*, que hipnotiza e domina o mundo, sem termos que flertar com paredões físicos, morais e existenciais, que, por sua vez, glamorizam esse enredo, precisamos do socorro, do abrigo e do acolhimento da poesia, das letras, da filosofia e da espiritualidade. Este conjunto vivo de medicinas anímicas pode nos ensinar a aprender da doença e do vício, da dor e do desespero, assim como dos demais monstros advindos desta torrente, sem culpá-los ou santificá-los, mas traduzi-los como faces de uma mesma esfinge, que pode ser decifrada e vencida. Para tanto, evoco a palavra profética do filósofo Bertrand Russell que nos ajuda a decodificar esse mundo de perdas com a seguinte frase: “não possuir algumas das coisas que desejamos é parte indispensável da nossa felicidade”.

Prossigo, meus queridos confrades, essa nossa breve conversa, dividindo com todos o desejo de erguemos juntos uma usina de possibilidades estéticas, dialogando com toda a sociedade onde ainda viceja a labareda da cultura. Muitas dessas centelhas já quase esquecidas. É preciso que façamos interações, transitando entre o mais singelo regionalismo à mais preciosa prenda literária. Sem medos ou receios, pois a força do imponderável desse campo nos conduz, como sempre nos conduziu. Blaise Pascal, o nobre filósofo, traz luz a esse movimento quando sentencia, “o supremo passo da razão está em reconhecer que há infinitas coisas que a ultrapassam”.

Como iniciamos nossa breve prosa, peço licença ao imortal Mário Quintana para encerrá-la, dizendo assim “no retrato que me faço – traço a traço – às vezes me pinto nuvem, às vezes me pinto árvore... às vezes me pinto coisas de que nem há mais lembrança... ou coisas que não existem, mas que um dia existirão... e, desta lida, em que busco – pouco a pouco – minha eterna semelhança, no final, que restará? Um desenho de criança... corrigido por um louco”.

Um grande abraço a todos.

Equipe editorial



## fala do presidente

### EM ALTO ESTILO

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

O GOB-GO e as GLEG iniciam um novo ciclo. Ambas Potências maçônicas escrutinaram, no primeiro semestre de 2023, seus novos Grãos Mestres e Grãos Mestres Adjuntos. Por certo, a Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML) manterá a sua posição, tendo a certeza de que juntos poderemos alavancar o ciclo da melhoria contínua da nossa práxis. Haveremos sim, de mantermos nossas mãos irmãmente entrelaçadas, a fim de superarmos os desafios vindouros, exercitando os princípios maiores que ancoram a Maçonaria, em

prol do nosso engrandecimento. Resta-nos, não por menos, revigorar o quão valiosos foram os frutos colhidos, em razão da sementeira feita em conjunto com os Grãos Mestres e Grão Mestre Adjunto, do GOB-GO e das GLEG, que estão a deixar os respectivos cargos: nossos sinceros agradecimentos! Por fim, a AGML reforça o seu compromisso com o porvir do GOB-GO e das GLEG, entendendo esse **nosso futuro** como parte da **nossa história**, que haverá de ser coletiva, fraterna e feliz. Atenciosamente,

Academia Goiana Maçônica de Letras



## DIRETORIA – BIÊNIO 2022/2024



CADEIRA Nº 06

Presidente  
José Mariano  
L. Fonseca



CADEIRA Nº 21

Vice – Presidente  
Adegmar José  
Ferreira



CADEIRA Nº 24

1º Secretário  
Isaias Costa Dias



CADEIRA Nº 37

2º Secretário  
Hamilton Rios  
de Araújo



CADEIRA Nº 33

1º Tesoureiro  
Carlos A. B.  
de Castro



CADEIRA Nº 32

2º Tesoureiro  
Anestor Porfírio  
da Silva



CADEIRA Nº 29

Diretora de  
Patrimônio  
Joás de Franca Barros



CADEIRA Nº 02

Diretoria Cultural  
Anderson Lima  
da Silveira



CADEIRA Nº 16

Diretor de Divulgação  
João Batista  
Fagundes



CADEIRA Nº 26

Bibliotecário  
Airton B. de Andrade



CADEIRA Nº 18

Orador  
Absai Gomes Brito



CADEIRA Nº 04

Diretoria Jurídica  
Breno Boss C. Caiado

## CONSELHO FISCAL

### Conselheiros Titulares



CADEIRA Nº 20

Gesmar José  
Vieira



CADEIRA Nº 25

Parahyba  
Santana



CADEIRA Nº 14

Castro Filho



CADEIRA Nº 23

Genserico B.  
de Siqueira



CADEIRA Nº 13

Getúlio Targino  
Lima



CADEIRA Nº 15

Jefferson S.  
de Carvalho

### Conselheiros Suplentes



## sensibilização

### MAÇONARIA GOIANA RENOVADA

Hélmilton Prateado | Colaborador

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

A maçonaria goiana passará por um processo de renovação de seus dirigentes a partir do mês de junho com a posse dos novos dirigentes eleitos em pleitos transparentes e que ficaram marcados por participação ativa dos obreiros das duas potências. A Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás (GLEG) e o Grande Oriente do Brasil – Goiás (GOB-GO) serão comandados por Grão Mestres eleitos com seus adjuntos e novas equipes de auxiliares.

As eleições nas duas potências transcorreram dentro da normalidade e respeito às normas éticas, fiscalizadas por Tribunais Eleitorais e validadas por irmãos experientes

que atestaram a maturidade política dos processos eleitorais. Na GLEG a reforma na Constituição vedou a reeleição, o que permitirá uma renovação dos dirigentes a cada mandato e garantindo que o sopro da modernidade descortine a maçonaria para o Século XXI.

O Grão Mestre estadual do Grande Oriente do Brasil em Goiás será o irmão Ari de Oliveira, dos quadros da Loja João Braz nº 1.116, do Oriente de Trindade. Iniciado em 23/03/1985 ele teve sempre uma atuação marcante e comprometida com a Sublime Ordem e ocupou relevantes cargos em sua oficina, como Orador e Venerável Mestre, além de prestar um impecável serviço à administração estadual do GOB.

Foi conselheiro estadual, juiz do Tribunal de Justiça Maçônico, deputado estadual, Orador por duas vezes e três vezes presidente da Assembleia Legislativa Estadual, além de deputado federal. Na vida profana é advogado, sendo que atuou no Ministério Público por muitos anos como promotor e procurador de Justiça até se aposentar. O Grão Mestre Adjunto é o irmão Alex Wallace, do Oriente de Anápolis. É profundo conhecedor da maçonaria, herdando valores de seu pai que também é maçom e atuando de forma sempre proativa. É Grau 33 do REAA, Adonhiramita e Grau 9 do Rito Moderno. É empresário e líder de associações civis do setor de serviços.

O Grão Mestre eleito para o próximo triênio da Grande Loja do Estado de Goiás é o empresário Mário Martins de Oliveira Neto, dos quadros da Loja Pedro Ludovico Teixeira nº 94. Natural de Mineiros e residente em

Goiânia há várias décadas, Mário tem o respeito de toda a Grande Loja por sua capacidade de liderança e de ação e é conhecido como profundo conhecedor da ritualística.

O Grão Mestre Adjunto que tomará posse junto com Mário é o advogado Marco Antônio Barbosa, que é um líder nato na militância do Direito e da maçonaria. Foi iniciado no Oriente de Caldas Novas e hoje pertence aos quadros da Loja Mestre Pythagoras nº 127. Foi Grande Orador da GLEG e é um profundo conhecedor da Ordem e presidiu a reforma da Constituição. A chapa Mário e Marco Antônio obteve mais de 70% dos votos, obtendo a unanimidade em um grande número de oficinas.

Marco Antônio ressalta a importância da renovação para o avanço da maçonaria. “A renovação na Maçonaria é crucial para garantir a sobrevivência e relevância da ordem. Como uma instituição que tem mais de 300 anos de história, a Maçonaria enfrenta o desafio de se manter atualizada em um mundo em constante evolução. É importante, portanto, que a Maçonaria esteja aberta a novas ideias e à renovação de suas práticas e tradições.

Através desse processo a maçonaria pode atrair novos membros e tornar-se mais relevante para as novas gerações. Também pode permitir que a Maçonaria se adapte às mudanças na sociedade e no mundo em geral, garantindo que a ordem continue a desempenhar um papel positivo na vida das pessoas”.

Esse processo de novas ideias, novas ações e novos membros é essencial para garantir a sobrevivência

*Currículo impecável, dedicação à Ordem e largo conhecimento maçônico são as marcas dos novos líderes*

e relevância contínuas da maçonaria. “Ao abraçar novas ideias e práticas, a ordem pode evoluir e continuar a servir seus membros e a sociedade em geral”, finaliza.

O atual Grão Mestre, Tito Souza do Amaral, deixa um legado de avanço inestimável da GLEG em todos os sentidos, inserindo a maçonaria goiana ainda mais em outras Unidades da Federação e no mundo. Seu legado pode ser patenteado com a frase que proferiu em seu discurso de posse: “nossa missão é pensar a maçonaria para o Século XXI e fortalecer nossa fraternidade como elemento catalisador de um mundo melhor”



Eminente Grão Mestre eleito Ari de Oliveira e Grão Mestre Adjunto Alex Wallace, do GOBGO



Grão Mestre eleito Mário Martins de Oliveira Neto e Grão Mestre adjunto Marco Antonio Barbosa, da GLEG

## ciência & saúde

### SAÚDE E BEM ESTAR

Paulo Ricardo Arantes de Brito | Colaborador



Irmãos, hoje venho falar com vocês como iniciar a prática da atividade física. Toda atividade se inicia com a necessidade ou com um interesse, seguido por um objetivo e com a escolha de uma modalidade que mais lhe agrada ou que foi liberado pelo seu médico de confiança e discutida com o profissional que você escolheu. E partir daí, terá um bom motivo começar esta prática que aumenta e restabelece forças e melhora sua qualidade de vida física e mental.

Antes de iniciar qualquer atividade física faz-se necessário a procura por um médico para realizações de avaliações e exames que são necessários para garantir a prática segura da atividade física escolhida por você. Quando estiver no ambiente escolhido como a musculação, lutas ou outros deverá conversar

com o profissional de educação física para realizar às avaliações necessária para início desta atividade.

Independente da idade, da treinabilidade ou da situação de saúde em que o irmão se encontra uma boa orientação de um profissional habilitado garantira um maior êxito em seus objetivos.

Mas para poder garantir um bom atendimento todos os dados de saúde devem ser comunicados, para uma melhor prescrição de treino pois seu treino será organizado de forma a respeitar suas condições de saúde e limitações físicas.

Uma boa pratica desportiva, deve ser realizada sempre com a orientação de um profissional capacitado para tal atividade. O acompanhamento de um *Personal trainner* (profissional de treinamento individual) vai garantir para a sua atividade escolhida segurança e efetividade para o seu treino.

Atividades físicas realizadas de forma errada podem trazer problemas

futuros. Cada indivíduo deve ser orientado de forma individual para que não seja limitado as atividades diárias por dores causados por exercícios errados.

O processo de envelhecimento é natural e dinâmico e a cada dia podemos nos preparar melhor para um envelhecimento saudável. Envelhecer não é sinônimo de limitação, podemos diariamente nos superar e fazer atividades que em um outro momento não imaginávamos que seríamos capazes. Toda atividade gerenciada, busca superação de limites e assim consequentemente melhora da disposição cotidiana.

Busque sempre a orientação de um bom profissional de educação física habilitado para a sua necessidade e movimente-se. A busca de bem estar é diária, ajuda a capacidade mental de concentração e memória, melhora sua disposição para atividades cotidianas, diminui compulsões alimentares e sintomas depressivos, além de ser um ótimo socializador. Faça exercícios diariamente e também leia um bom livro, saia com pessoas que lhe acrescentem intelectualmente e reforço: movimente-se.





artigo

## A PSICOLOGIA EM PLATÃO E ARISTÓTELES – III

Paulo Marra | Cadeira nº 17

O intelecto em Aristóteles surge da relação entre alma e corpo. A teoria da alma, começa com uma interessante definição – “A alma é todo princípio vital de qualquer organismo, a soma de seus poderes e processos”. Nas plantas a alma é meramente uma força nutritiva e reprodutora; nos animais, é também uma força sensitiva e locomotora; no homem, é também uma força da razão e do pensamento. A alma, como a soma das forças do corpo, não pode existir sem ele; uma alma pessoal e particular só pode existir no seu próprio corpo. Apesar disso, a alma não é material, tampouco morre por inteiro. Uma parte do poder tradicional da alma humana é passiva: está vinculada à memória, morre com o corpo que continha esta; mas a “razão ativa”, o puro poder do pensamento, é independente da memória, não sendo tocado pela decadência. A razão ativa é o universal, que se distinguiu do elemento individual do homem; o que sobrevive não é a personalidade, com suas afetações e desejo transitórios, mas a mente em sua forma mais abstrata e impessoal (DURANT, 1996).

Apesar da abordagem sobre o princípio vital, Aristóteles não desvincula o estudo da *physis* (natureza) do estudo da alma – estudo abrangente do universo. Para ele a alma contempla os seres que habitam este universo: os inanimados, os animados desprovidos de razão (plantas e animais) e os animados dotados de razão (o homem). Especula sobre a natureza da alma humana, princípio interno que lhe dá a vida e preside todas as suas operações.

Portanto, Aristóteles define alma como sendo no plano metafísico, hilemórfico (do grego *hyles* = matéria; *morphé* = forma). Esta doutrina aristotélica tomista afirma que todos os corpos constituem o resultado de dois princípios distintos mas, absolutamente complementares: a matéria (*hylé*) e forma (*morphé*); a matéria sendo aquilo de que a coisa é feita (pedra, madeira), e a forma q faz com que a coisa seja isto ou aquilo (acidental ou substancialmente). A matéria e a forma são, respectivamente, as fontes das propriedades quantitativas dos corpos e de suas propriedades qualitativas.

Em síntese, a alma segundo Aristóteles, é definida como o ato primeiro de um corpo físico orgânico que tem a vida em potência. A alma é a forma do corpo ou a alma é enteléquia = ato primeiro de um corpo físico que tem a vida em potência. Ele admite a união substancial entre alma e corpo e nega a natureza sobrenatural da alma e enfatiza sua natureza real e orgânica.

### FUNÇÕES INTELLECTIVAS OU COGNITIVAS SEGUNDO ARISTÓTELES

O intelecto (latim *intellectus*, de *intelligere* = compreender) é definido como sendo a capacidade humana de conhecer, ou segundo a tradição aristotélica e escolástica, trata-se do intelecto como agente, isto é, transformando as sensações em percepções e tornando-as abstratas, inteligíveis, como conceitos. Daí a fórmula: “Nada está no intelecto que não tenha estado nos sentidos” (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2006).

Aristóteles distingue um conjunto de funções intelectivas ou cognitivas, como: sensação, imaginação, memória, razão prática e razão criativa. Para ele a inteligência racional é o *nous* como definido por Anaxágoras, que na concepção clássica grega, a partir de Anaxágoras, o intelecto (*nous*) significa o princípio de ordenação do cosmo e, por extensão a faculdade do pensamento humano, enquanto esta reflete a ordem cósmica. Distingue-se, assim, das sensações e dos desejos e apetites, sendo pois, “a parte da alma com a qual esta conhece e pensa” (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2006).

As sensações são definidas com um processo que envolve movimentos físicos, transmissão através de órgãos dos sentidos e da alma. O papel desempenhado pela alma neste sentido é a impressão subjetiva e interior advinda dos sentidos e causada por algum objeto que os excita ou estimula (ex.: sensação de frio), ou ainda, impressão vaga ou imprecisa que temos acerca de algo (ex.: sensação de medo). Dessa forma, há em cada sensação um objeto sem matéria,

ou seja, a sensação sempre contém um elemento de abstração trazido pela alma.

Imaginação (*imaginatio*) é a faculdade criativa do pensamento pelo qual este produz representações (imagens) de objetos inexistentes, não tendo portanto, função cognitiva. Ela faz a intermediação entre sensações e a razão, e está em ligação com a memória. A sensação envolve um ato que contém um objeto real enquanto a imaginação lida com as ausências.



Autoconhecimento – Aristóteles também se preocupou com a capacidade humana de autoconhecimento. Os gregos não possuíam um termo para consciência, palavra hoje usada para designar autocohecimento. Consciência (latim *conscientia*) no sentido psicológico significa ter conhecimento do que se está fazendo em um determinado momento ou conhecimento de algo partilhado com alguém ou a percepção imediata mais ou menos clara, pelo sujeito, daquilo que se passa nele mesmo ou fora dele (sinônimo de consciência psicológica).

Aristóteles entendia que uma pessoa em estado de vigília estava ciente de suas sensações. Também, afirmava que, “quem ouve percebe que ouve e quem anda, percebe que anda, e que perceber que percebemos é perceber que existimos” (JAPIASSÚ e MARCONDES, 2006).

Outra questão intrigante sobre o intelecto está nos fundamentos de psicologia: como se passa do conhecer para agir?

Para Aristóteles a ação depende do desejo. A ação é impulsionada pelo desejo para atingir a um fim; este fim é decorrente das informações sensoriais, da imaginação e do pensamento (razão). A ação é voluntária quando procede de um agente que está ciente do que está fazendo. No entanto, a razão pode falhar e a ação passar a ser dirigida unicamente pelo desejo.

Desejo (lat. *desiderare*: aspirar a, desejar). De modo geral, pode-se definir o desejo como sendo uma tendência espontânea, consciente, orientada para um objetivo concebido ou imaginado.

O desejo, tem também significado geral de apetite ou seja, de princípio que impele um ser vivo à ação, e no sentido mais estrito, de apetite sensível, que para Aristóteles “é o apetite do que é agradável”.

Emoção (lat. *emovere*: tirar do lugar, abalar) significa estado afetivo brusco e passageiro, de caráter agradável ou desagradável, alegre ou triste, acompanhado de uma reação orgânica confusa de desequilíbrio e de um esforço desordenado para restabelecer o equilíbrio rompido.

Para Aristóteles, emoção é um componente sensorial como a audácia e o medo; um componente

cognitivo como uma antecipação de uma consequência futura o que faz sentir medo de alguma coisa; e um componente afetivo que afeta o julgamento e é regulada pela dor e pelo prazer.

A psicologia de Aristóteles é prejudicada por uma obscuridade e uma conciliação semelhantes. Há muitas passagens interessantes como: a força do hábito é enfatizada, pela primeira vez, sendo chamada de “segunda natureza”; e as leis de associação, embora não desenvolvidas, encontram ali uma formulação definitiva. Mas, os dois problemas da Psicologia Filosófica, a liberdade do arbítrio e a imortalidade da alma, são deixados na obscuridade e na dúvida.

Em um terreno mais seguro da psicologia, ele escreve de maneira mais original e direta, e quase cria o estudo da estética, a teoria da beleza e da arte. A criação artística, diz Aristóteles, nasce do impulso formativo e da ânsia pela expressão emocional. Essencialmente, a forma de arte é uma imitação da realidade; vira o espelho para a natureza. No entanto, o objetivo da arte é representar não a aparência externa das coisas, mas seu significado interno; porque este, e não o maneirismo e o detalhe externos, é a realidade delas.

Sobre a ética e a natureza da felicidade, Aristóteles começa reconhecendo francamente que o objetivo da vida não é a bondade pela bondade, mas a felicidade. “Porque escolhemos a felicidade por ela mesma, e nunca com vistas a qualquer coisa além dela; ao passo que escolhemos a honra, o prazer, o intelecto (...) porque acreditamos que através dessas coisas seremos felizes” (DURANT, 1996). Mas ele percebe que chamar a felicidade de bem supremo é um mero truismo, ou seja, uma verdade evidente mas óbvia, portanto, pouco importante ou pouco útil; o que se quer é uma explicação mais clara da natureza da felicidade e o caminho para chegar até ela.

Aristóteles, ao contrário de Platão, não idealiza a cidade justa, mas vê o homem como um animal político – (*zoon politikón*), que naturalmente vive em sociedade.

A política aristotélica e a moral estão essencialmente ligadas. Enquanto a doutrina moral social ética se ocupa da coletividade, a moral tem como objetivo o indivíduo.

Assim, cabe ao Estado a formação moral dos cidadãos, tendo a virtude como fim último.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Aristóteles é habitualmente reconhecido como quem iniciou a reflexão psicológica, por ter escrito o primeiro tratado sobre o tema, *Sobre a Alma* (De Anima). Mas, apesar disso, foi o próprio Aristóteles que retomou o conceito de *physis* em detrimento do de *psyqué* como o ponto central de sua filosofia. Dessa forma, pode-se dizer que Platão deve ser legitimamente tomado como o criador da indagação psicológica e Aristóteles o seu primeiro sistematizador.

### Jornal O CONFRADE

ÓRGÃO OFICIAL DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS  
Registro na ABIN nº 083-J

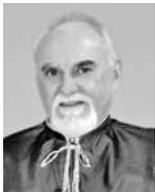
Palácio Maçônico “Násseri Gabriel” – GOB-GO  
Goiânia-Goiás – Fone: (62) 3211-1010

Presidente: José Mariano L. Fonseca – Cadeira nº 06  
Editor/design: Guilherme Fonseca – Colaborador  
Revisor: Flávio Roldão de Carvalho Leles

Colaboradores: Absai Gomes Brito / Guilherme Freire Fonseca  
Conselho Editorial: Anderson Lima da Silveira / Getúlio Targino Lima  
Luiz Antônio Signates Freitas / Alexandre A. Giffoni Júnior

Programação/editoração: Adriana Almeida  
Coordenação gráfica: Gráfica Poder – 62. 98190-5857  
Tiragem desta edição: 500 exemplares

Divulgação: Físico / Digital [http://agml.com.br/]  
A direção do Jornal não se responsabiliza  
por conceitos emitidos em matérias publicadas.



**artigo**

## PLANO DE INTERNACIONALIZAÇÃO DA AGML

Alexandre Avelino Giffoni Júnior | Cadeira nº 12

A Academia Goiana Maçônica de Letras (AGML) renasceu em 25 de outubro de 2018, a partir das raízes fortes e imorredouras dos ideais maçônicos voltados para as letras, a filosofia e as artes, por iniciativa e união fraterna entre a Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás (GLEG) e o Grande Oriente do Brasil – GO (GOB GO).

Desde então, a AGML tem cumprido a sua missão de promover palestras, conferências, reuniões e simpósios literários, atividades afins e artísticas, além de fomentar a produção de obras literárias em um espectro criativo de autores excelentes, em livros ou no Jornal O Confrade (AGML). Os escritores apresentam ao público maçônico (ou não), as suas poesias, os seus contos, romances, ensaios filosóficos, históricos, sociológicos e outros estilos que nos falam do cotidiano da gente goiana e brasileira.

Reforçando esse potencial criador que a Academia tem apresentado, o Confrade José Mariano L. da Fonseca,

assumiu um vasto programa de trabalho, juntamente com a sua equipe, no magnífico evento da sua posse na Presidência da AGML, em nove de fevereiro de 2023, ao receber o bastão do Confrade João Batista Fagundes, incansável trabalhador das letras e artes em solos da Maçonaria, exemplo de ser humano para toda a sociedade.

Um dos pontos do programa, foi o de ampliar o Objetivo III do Art. 3º da AGML, que vem acontecendo de forma exemplar: “associar-se e manter intercâmbio com entidades congêneres do país ou do exterior”. O Presidente designou, então, o Irmão Alexandre Giffoni para assumir a Secretaria de Internacionalização da AGML.

### PLANO PARA AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS É MOBILIDADE DA AGML

O Prof. Dr. Alexandre Giffoni é poliglota, com pós-doutorado na Universidade de Siegen (Alemanha) e

possui ampla experiência internacional. Além de participar regularmente em Congressos e Simpósios Acadêmicos e Científicos Internacionais, foi Assessor de Internacionalização da Universidade de Rio Verde (UniRV), onde implantou o Plano de Relações Internacionais e Mobilidade da Universidade.

Giffoni propõe um Plano de ação com o objetivo de ativar o imenso potencial da Maçonaria mundial para o intercâmbio cultural e educacional de pessoas de todas as idades, maçons e seus familiares, em especial os jovens em idade escolar e universitária, devido à forte rede de Lojas Maçônicas nas cidades de diversos países, organizadas e unidas fraternalmente em associações estaduais, nacionais e internacionais.

O Presidente José Mariano está atento para as questões de formação profissional e cultural de jovens e adultos com o apoio da Maçonaria e já iniciou a implantação de um Curso de Pós-Graduação em História Maçônica na

AGML. Vislumbra-se, nessa iniciativa, o germe de uma Universidade Livre Maçônica, apoiada pelas duas potências mencionadas acima.

Além disso, cultura e economia nacionais estão globalizados, o que exige o desenvolvimento de processos de intercâmbio e mobilidade presenciais, tele comunicativos, culturais e econômicos que formam uma unidade com os processos educativos. Daí a necessidade de se desenvolverem processos educacionais internacionais e transnacionais nas empresas, universidades e demais instituições, em especial na Maçonaria.

Devido à fraternidade maçônica, base da confiança mútua e amizade entre os povos, culturas e famílias, a mobilidade (intercâmbio) pode acontecer de forma simples, em que uma família pode adotar outra família (irmãos, cunhadas e sobrinho(a)s); ou de forma mais acadêmica, na unidade ensino-pesquisa-extensão, de professores, pesquisadores e alunos das Universidades, em cada cidade onde exista uma Loja Maçônica ou esteja em sua área de abrangência.

Com o presente Plano de Internacionalização, a AGML espera contribuir para o crescimento da Maçonaria, abrindo novos caminhos profissionais e culturais aos maçons e seus familiares, colaborando para uma cultura de paz no planeta Terra.



**opinião**

## LEMBRANÇAS MAÇÔNICAS DA CIDADE DE GOYAZ – VI

Jefferson Soares de Carvalho | Cadeira nº 15

Na noite de 05 de abril de 1887, no Teatro Joaquim, a Loja Azilo da Razão realizou ua impressionante Sessão Fúnebre. Era a segunda realizada em Goiás, a primeira foi quatro meses antes, pelos trinta dias de falecimento do José Bonifácio de Andrade e Silva. Foi tanta a afluência popular que, sem espaço na plateia, tomaram conta dos camarotes cujas varandas estavam cobertas de crepe. Enquanto aguardava-se o início da Sessão, ouvia-se uma das bandas de música que interpretava peças fúnebres.

Quando o pano subiu, viu-se todo o palco ornada de preto. À direita estava uma tribuna coberta por veludo preto, orlada de branco, tendo no centro uma grinalda onde se lia: Gratidão dos Escravos. No peio do palco, ereta sobre um tablado de veludo preto de 1 m de altura, com degraus iluminados e enredados de grinaldas, via-se uma coluna quebrada de 2,5 m, simbolizando o Irmão falecido, envolta em seda branca, orlada de galões da mesma cor. Um capitel dourado jazia na frente sobre o degrau do tablado. De uma grinalda pendia da coluna o retrato do falecido e, abaixo, de José Bonifácio.

Em cada lado do tablado meninas vestidas de branco com fitas pretas à tiracolo, empunhavam estandartes onde se lia: Poesia, Sabedoria e Liberdade. Outras ostentavam os estandartes do Centro Libertador e da Loja Azilo da Razão,

Do lado oposto à tribuna, quase no fundo do palco, em uma mesa coberta por um pano preto, com rica escrivaninha de prata e candelabros, estavam sentados o presidente da solenidade Dr. Foggia – Irmão já quase octogenário, Grau 33, considerado o pai dos pobres e personificação da caridade – o 1º Vigilante Luiz Marcelino Camargo – substituindo o Venerável Mestre João Gonzaga de Siqueira, cujo pai falecera nesta manhã – e o Delegado do Grande Oriente Augusto Leite.

Aberta a Sessão, o 1º Vigilante explica o motivo da realização da Sessão. O Dr. Pereira, Orador

da Loja, faz um sentido discurso, em seguida fez uso da palavra o Dr. Leopoldo de Bulhões que em nome do Partido Democrata, lê testamento político do falecido chefe. Logo em seguida, em nome da Sociedade Abolicionista dos Militares, falou em estilo ameno e poético, o capitão Britto. Seguiram-se o sr. Bernardo Antônio, pelo Jornal Goyaz, biografando a vida do homenageado. O Dr. Sebastião Fleury, pelo Clube Abolicionista, rememorando a sua luta abolicionista. O Dr. Gomes, pelo Gabinete Literário, falou sobre a perseguição clerical contra os restos mortais de quem fora um exemplo de humanidade, patriotismo, abnegação e caridade. O ator sr. Cintra, pela Sociedade João Clapp, levou emoção a todos os participantes. Falaram ainda o sr. Raphael Torres e o sr. Antônio Xavier Guimarães, pelo Clube Republicano, o sr. Capitão Fontoura; o furriel Francelino, pela Sociedade Abolicionista dos Cadetes e Inferiores; o sr. Luís Guedes do Amorim, pelo jornal Phenix e o tenente e Maçom Brandão.

Trazidos até o palco diversos ex-escravos, falou o Dr. Leopoldo de Bulhões e foram entregues cartas de alforrias a seis escravos. A solenidade terminou às dez horas da noite.

Eis o discurso do 1º Vigilante, abrindo a Sessão: “A fatalidade acaba de ferir o nosso Ir.: chefe o sr. João Gonzaga de Siqueira roubando-lhe seu venerando pai e, não podendo por tão grave motivo comparecer, coube-me a honra de aqui fazer suas vezes.

Sem precisa habilidade e em tão curto prazo não era possível à minha acanhada e quase inculta inteligência preparar para apresentar coisa alguma a tão importante ato, como a tão distinto e ilustrado auditório.

Por tanto, pedindo vossa indulgência para esta falta, vou aderindo as suas ideias, ler-vos o que para motivar esta justa e imponente manifestação, tinha a dizer o nosso digno e ilustre Venerável.

A Loja Maçônica Azilo da Razão, querendo prestar um público testemunho da sua veneração à memória de um dos seus mais diletos filhos o Dr. Antônio Felix de Bulhões jardim, a quem deve ela, imensos e inolvidáveis serviços, prestados com a robusta inteligência e com a dedicação eficaz que todos reconhecem por tudo quanto pode fazer a felicidade desta terra; resolveu convocar esta pública reunião do povo goiano, para em nome da província, cujos sentimentos julga interpretar, presta a devida homenagem de reconhecimento aos inolvidáveis serviços prestados a ela por esse grande vulto, por essa glória que fazia o seu orgulho, e que a morte prematuramente lhe arrancou dos braços, quando dele mais precisava para levar avante a grandiosa ideia de libertação dos escravos.

A sociedade maçônica, cujos princípios são os mesmo pregados por Aquele, que so alto da cruz, deixou-se martirizar para redimir a humanidade, sente que ainda no fim do século 19, século das lizes, a intolerância religiosa, de falsos ministros de Cristo, ouse elevar o colo contra uma associação que só existe para o bem e para a felicidade geral da humanidade.

Sente que não lhe fosse lícito celebrar os sufrágios e cerimônias religiosas admitidas pela Igreja, pela alma desse distinto Irmão, que professava santos princípios do puro Cristianismo, e que a bem pouco tempo, mesmo em presença de s. exc. Reverendíssimo o sr. Biso d. Claudio, que proibiu tais cerimônias, proferiu em uma sociedade abolicionista um notável discurso que foi o canto de cisne, fazendo apologia brilhante do home-Deus, com uma filosofia tão santa, com princípios tão ruins, que o próprio sr. Bispo pouco depois louvou-se em suas palavras.

Senhores. Quem escreve essas linhas é conservador e por tanto adversário político do ilustre morto, mas ante o túmulo do Dr. Bulhões ficam de parte as animosidades, cessam todas as consciências políticas e particulares para chorar-se a perda comum.

Não foi este ou aquele partido que perdeu um lutador, não foi a imprensa que perdeu seu chefe, não foi a maçonaria que perdeu uma das mais fortes colunas. Foi a província de Goiás que perdeu seu diletto filho, o maior vulto que tem produzido as letras, na política e na magistratura, a sentinela avançada dos seus direitos, o seu guia enfim.

Ela tem, pois, razão de chorar porque a sua perda foi imensa e irreparável. Está aberta a Sessão.”



**conto**

## OS LIVROS ESCOLARES

Helder Vinhal | Colaborador

Já está amanhecendo. Tiago prepara sua mochila. Ele mora em uma casa de madeira que invadiu na cidade grande. Estuda em um colégio municipal distante de sua casa. Ele precisa caminhar duas horas para conseguir assistir a primeira aula. Sem vale-transporte. Sem comer. Ele só come na merenda. Única refeição do dia.

No final de semana, ele cata no lixo algum resto de comida. Algumas vezes está azeda, outras vezes estragada. As diarreias são constantes. Os livros não vieram todos, apenas um caderno, um lápis e uma borracha.

Estuda para poder comer. Essa é a sua realidade. Sem televisão, sem água quente para tomar banho. Sem piso no chão. Sem pai. Sua mãe que é paraplégica, acamada, recebe parte da merenda que esconde todos os dias ou alguma comida que um seminarista leva uma vez na semana quando vai oferecer a "hóstia de enfermo", uma prática comum da igreja católica de levar comunhão na casa dos doentes.

Ele é forte, talvez pela caminhada de 4 horas por dia. Apesar da miséria, ele gosta de andar sempre limpo, pois lava sua roupa e de sua mãe todos os dias quando chega em casa. Cedo, quando sai, a roupa já está seca. Pede para a dona Carmem, uma vizinha de longa data, para olhar sua mãe. Ela também é muito pobre, catadora de plásticos e latinhas que as usa para vender; o dinheiro mal dá para os remédios.

Dona Mercês, mãe de Tiago, era diarista e ficou inválida quando ia para o serviço e uma moto a atropelou. Perdeu os movimentos das pernas. Tiago saiu da escola, rumo à Biblioteca Municipal. Momento de fazer as tarefas e se preparar para as Olimpíadas de Matemática.

Sua rotina é: de casa para escola, da escola para biblioteca e da biblioteca para casa. Nada mais.

Ele pediu emprestado, na biblioteca, um livro de Machado de Assis. Chegou em casa, sentou-se ao lado da mãe, abriu uma sacola de plástico que continha arroz com sardinha, colocou em um prato e deu para sua mãe. Leu dois capítulos do livro. Ela comeu, escutou atentamente cada palavra do filho amado e dormiu. Ele a cobriu, a beijou e apagou a luz daquele casebre de um só cômodo com uma só cama e uma rede. Ele dormia na rede.

A lua estava cheia e fazia muito calor. Ele colocou a cadeira do lado de fora e ficou observando o céu, as estrelas e a lua. Só imaginando como seria voar para bem longe.

Jucélia é uma vizinha de sua idade e está na porta observando Tiago. Ela fumava na porta de sua casa, com suas roupas provocativas e aguardando algum cliente para entrar, pagar e sair. A vida não tão fácil pelas doenças que já teve, como Sífilis e Aids. Tiago acena e ela sorri. Eles foram criados praticamente juntos.

Quando eram crianças brincavam juntos e foi Tiago que tirou sua virgindade. Eles eram muito apaixonados, mas ele teve que seguir a vida dos estudos para sair dali. Ela teve que seguir a prostituição para também sair dali.

Hoje resta apenas o carinho e a gentileza.

O foco de cada um está em buscar a saída do caos e da vida sofrida da miséria. A fome e a falta de oportunidades fazem com que cada um da comunidade se mobilize de alguma forma, seja pela via dos estudos, do seminário, da prostituição, da coleta de coisas para vender, da mendicância, da venda de doces ou na extrema necessidade na venda de drogas.

No dia seguinte, antes de sair para escola, Tiago vomitou muito. Ele não conseguiu estudar aquele dia e foi

direto para o CAIS da saúde no centro da cidade. Teve que caminhar muito para chegar ao CAIS. Exausto, ele conseguiu chegar e depois de 4 horas aguardando o médico para ser atendido, ele foi atendido e medicado.

Ele conheceu Rebeca, que trabalhava no CAIS e passou para ele, dentro de uma sacola de plástico um medicamento escondido, que era morfina, para as dores crônicas da mãe.

Foi Rebeca, essa enfermeira bonita e dedicada que sempre incentivou Tiago nos estudos. E também descobriu o talento dele pelos cálculos matemáticos. Sem contar que ela tinha uma grande queda por ele.

Na semana seguinte era o dia das Olimpíadas. Ele, com muita calma, foi respondendo e desenvolvendo a lógica dos cálculos com a precisão de um gênio. Dia maravilhoso para ele que comeu pela primeira vez um cachorro-quente, guardando sempre a metade para sua mãe.

Ele ganhou a Olimpíadas no município e foi chamado pela Secretária da Educação, Dona Francisca. Ela quis conhecer sua realidade e ficou abismada. Chorou muito. Depois desse dia, ele comia sua merenda por inteiro e recebia uma marmita para dar para a mãe.

Ela conseguiu vale-transporte para que ele pudesse frequentar a escola. Dona Francisca era muito religiosa, inclusive seu cargo era recomendação do Arcebispo ao Prefeito. Assim, a vida de Tiago e de sua mãe tiveram mudanças, graças à caridade e solidariedade de todos.

Seu crescimento nos estudos foi expressivo. Dona Francisca ficou sabendo que existia na cidade uma organização juvenil apoiada pela Maçonaria chamada Ordem DeMolay que tem como princípio lutar pela melhoria das escolas públicas. Foi quando ela fez um convênio com eles.

Houve uma ampla participação, seja no planejamento de atividades, e na observação individual em busca por melhorias. O prefeito ficou muito satisfeito, pois nunca conseguia verbas para a educação.

A Ordem DeMolay, criada em 1919, nos EUA, pelo fundador maçom Frank

Sherman Land possuía os 'livros escolares' como alicerce do conhecimento para a liberdade e a busca de melhores condições.

Era uma parceria perfeita. Eles vieram com a criatividade de conseguir inserir na agenda da escola; palestras, seminários, atividades como gincana, feira de ciências, mutirões de reforma, campanha de arrecadação de livros, hortas comunitárias e cursos preparatórios para o Enem. Tudo muito bem organizado e aplaudido por todos da educação.

Tiago ficou muito feliz e entrou para essa organização. Ele conseguiu amigos de verdade que chamava de Irmãos. Pessoas comuns, normais, sem fanatismo, que pregavam sete virtudes como: amor filial, reverências às coisas sagradas, cortesia, companheirismo, fidelidade, pureza e patriotismo.

Ele prosperou. Ganhava todos os prêmios de matemática. Ajudava a Secretária de Educação em todas as atividades. Daí, vieram novos convênios, novas destinações orçamentárias para o fortalecimento da Educação Básica.

Em uma tarde de inverno, sua vizinha mandou chamar ele às pressas. Sua mãe não estava respirando. Ela morreu dormindo e sorrindo.

Chegou à casa de Rebeca aos prantos e foi consolado. Ele foi morar com Rebeca em uma quitinete bem arrumada. Eles se aproximaram muito. Um carinho inocente que abriu espaço aos desejos do amor. Eles iniciaram um namoro firme na solidez de um compromisso sério.

Ele conseguiu um emprego em uma transportadora, ajudava muito em logística das cargas e também a desenvolver aplicativos para a empresa. Com isso, descobriu uma boa fonte de renda vendendo para outras transportadoras um modo inteligente de escoamento de produção.

Tiago estava feliz. Mais felizes estavam as pessoas que o acompanhavam em sua caminhada de vida. Com determinação, garra e amor ao próximo. Desse dia em diante, nunca faltou pão em sua mesa e de seu filho que Rebeca trazia no ventre.



**saúde & psicologia**

## OS RISCOS DA ROTINA

Lindonor Ribeiro dos Santos | Colaborador

Nesse exato momento, tomo consciência da minha ousadia em apresentar um contraponto ao entendimento de rotina. Afinal o que a maioria das pessoas querem é ter exatamente uma vida planejada e com tarefas pré estabelecidas.

Claro que uma rotina bem delimitada, com objetivos claros e aberta aos imprevistos gera uma sensação de satisfação. Assim é possível ter planos concretizados e ao mesmo tempo encontrar saídas para a imprevisibilidade da vida.

No geral, as pessoas estabelecem rotinas por estarem em busca de produtividade, de planos concretizados e até fantasiam que assim a vida ficará mais leve. No entanto, muitas são surpreendidas quando percebem que a rotina vigorosa e nutritiva, passou a ser

enfadonha e no fim gera mais aborrecimentos do que satisfação, pois o viver virou um hábito.

Aplicada de forma adoecedora, a rotina gera padrões de comportamentos rígidos, excesso de apego e gera uma falsa sensação de segurança e confiança. Assim a pessoa permanece paralisada, agarrada em ideias fixas, não parte para o novo, não muda e não se move em direção ao crescimento.

Atenção! Esse padrão de comportamento pode afetar todas as esferas da vida (estudo, trabalho, relacionamentos e até o lazer). Se a pessoa evita as novidades ela se desprepara para lidar com os imprevistos e facilmente pode se ver em situações paralisantes, envoltas de medo, ansiedade, insegurança e até depressão.

O novo nesses casos é encarado como ameaça, gerando uma recusa em assumir o risco do desconhecido. O ideal é encontrar um ponto de equilíbrio. Se a rotina não te limita e promove crescimento você está no caminho certo.

Muito importante as pessoas terem consciência total de que a rotina é prejudicial à saúde física e mental.

Em todas as situações de vida é importante refletir sobre a rotina que poderá levar o indivíduo a um abismo natural na sua vida, e isso poderá alterar o seu comportamento e trazer sérias consequências ruins para as pessoas. Em qualquer atividade que exerça uma pessoa poderá cair na rotina e daí surgir problemas sérios e não interessantes.

Nós temos que sabiamente sair da rotina em tudo que fazemos na vida, e ou perder o equilíbrio provocando sérios riscos na saúde física e mental.

Não podemos jamais aceitar de boafé que a rotina faça parte de nossa vida como situação normal de viver a vida.

Em várias situações de vida poderá ocorrer a necessidade de atuarmos em rituais, o que se pode explicar

facilmente, rituais são peças representativas e filosóficas, cuja atuação não se considera como rotina e sim por uma prática obrigatória.

É preciso se distinguir rotina de ritual, duas coisas diferenciadas e fáceis de ser compreendidas.

O ritual obedece determinadas leis de uso e de costumes, enquanto que a rotina é uma ideia de continuidade absoluta na vida das pessoas sem regras a cumprir, mas que poderá se tornar um caminho sem volta para a saúde mental e para a convivência social e familiar.

Às vezes o ser humano depara com situações adversas e pratica a rotina sem se quer perceber e poderá ser tarde demais, pois as coisas acontecem inconscientemente.

Existem tratamentos, basta buscar um profissional médico ou psicólogo antes de que seja tarde demais.

A terapia é uma das principais formas de tratamento, não existe remédio ou outras fórmulas prontas para se tratar especificamente da rotina.

Cuide-se desse mal e supere tais dificuldades antes que seja tarde demais.



artigo

## MAÇONS QUE FIZERAM A HISTÓRIA DA MAÇONARIA EM GOIÁS

João Batista Fagundes | Cadeira nº 16

Urias de Oliveira Filho, já falecido, nasceu no dia 5 de janeiro de 1927, em Araraquara-SP. Filho de Urias Rodrigues de Oliveira e Ana Ferraz de Oliveira. Casado com Timira Motta de Oliveira. Filhos Celso, Sérgio, Ideli, Sílvia e Sílvio de Oliveira. Curso o primário nas cidades de José Bonifácio e São Carlos-SP. Curso Ginásial no Ginásio Martins Fontes em São Paulo-SP e no externado em Araraquara SP. Secundário em Araraquara-SP. Curso Técnico em Contabilidade na Fundação Álvaro Penteadado de 52/55. Iniciado na Loja Paz Universal nº 17, no dia 28/07/1962, onde exerceu vários cargos, dentre eles de Secretário, Primeiro Vigilante e Venerável Mestre no período de 1967/1968.

Na Grande Loja foi Membro do Conselho de Justiça, 1969/1972, administração do Grão-Mestre Carlos Vieira da Silva. Grande Hospitaleiro, 1972/1975, administração do Grão-Mestre Rolan Martin. Grande Chanceler Guarda Selos, administração do Grão-Mestre Licínio Leal Barbosa, 1975/1978. Foi presidente da Loja de Perfeição Segredo e Virtude; do Capítulo Rosa Cruz Goiânia; do Conselho de

Cavaleiros de Kadosch, “Álvaro de Figueiredo”. O Grão-Mestre Adjunto foi Célio Ferreira Gomes.

### PRINCIPAIS REALIZAÇÕES

Na gestão do Grão-Mestre Urias de Oliveira Filho as salas do edifício Sayonara foram vendidas, para com o produto da venda, dar início à construção do Palácio Maçônico. A sede da Grande Loja foi transferida para as dependências do Condomínio Arte Real, na rua J-52, no Setor Jaó. Foram fundadas nove Lojas, sendo a Loja Templários nº 90, em Anápolis; Vale do Planalto nº 91, em Goiânia; Pedro Ludovico Teixeira nº 94, em Goiânia; 21 de Abril na 95, em São Luiz de Montes Belos; Fraternidade de Goiânia nº 97, em Goiânia; Aprendizagem da Verdade nº 98, em Goiânia; União Santalense nº 100, em Santa Helena de Goiás; Renascença de Goiânia nº 101, em Goiânia; Isis nº 102, em Luziânia; Foi iniciada a construção do Palácio Maçônico da Grande Loja, com a aprovação da planta e projetos, deixando pronto o esqueleto de concreto. Urias de Oliveira Filho faleceu no dia 18 de maio de 1982.

Urias de Oliveira Filho – décimo  
Grão-Mestre – período de 1978/1981



reconhecimento

## IMPrensa MAÇÔNICA – V

Absaí Gomes Brito | Cadeira nº 18

Encerrando nossos comentários sobre o tema IMPrensa MAÇÔNICA, nada mais justo do que falarmos a despeito do jornal O CONFRATE, Órgão Oficial da Academia Goiana Maçônica de Letras, portanto, nosso porta-voz, divulgador dos fatos e notícias da Academia e registrador de trabalhos culturais dos nobres Acadêmicos.

O Jornal circulou em sua primeira edição com o nome de “Informativo AGML” relativo aos meses de janeiro/fevereiro de 2019, com a coordenação: Presidente: João Batista Fagundes. Secretário: José Mariano Lopes Ferreira. Editor: Absaí Gomes Brito e Revisor Carlos André Pereira Nunes.

Como homenagem aos primeiros colaboradores do Jornal, vamos citar alguns trabalhos: “Academia Goiana Maçônica de Letras – Um Locus Promissor de Instigação E Construção Do Pensamento Crítico-Cultural” – Acadêmico Adegmar José Ferreira – Cadeira 21. “Maçonaria Goiana Reativa Sua Academia De Letras” – Secretária da Academia Maçônica. “A Contribuição da AGML Aos Estudos Filosóficos Maçônicos” – Acadêmico Airton Batista Andrade – Cadeira 26. “Academia Goiana Maçônica de Letras” – Acadêmico João Batista Fagundes, Cadeira 16. “A Importância das Academias de Letras” – Acadêmico Absaí Gomes Brito – Cadeira 18. “O DNA da Maçonaria” – Acadêmico José Eduardo Barbieri-Cadeira 12. “Ad Imortalitatem” – Acadêmico Getúlio

Targino Lima – Cadeira 13. “Academia Goiana Maçônica de Letras” – José Marques de Albuquerque – Cadeira 05 da Academia Brasileira Maçônica de Artes, Ciências e Letras. “Sejamos Semeadores Da Paz” – Adolfo Ribeiro Valadares, Cadeira 07. “Reminiscências (e atualidades) De Palavras Expressões Populares”. Filadelfo Borges de Lima – Cadeira 08.

“A produção maçônica para o futuro” – Acadêmico Anderson Lima da Silveira, Cadeira 02. “A Morte Prematura do Maçom”.

Acadêmico Jefferson Soares de Castro, Cadeira 15. “Espaços Que Se Entrecruzam Entre Homenagens, Tributos, Literatura, Produção E Pesquisa” – Acadêmicos Luís Carlos de Castro Coelho – Cadeira 05 e José Mariano Lopes Fonseca, Cadeira 06. “Considerações Acerca Da Dualidade Em Maçonaria” – Acadêmico Heitor Rosa, Cadeira 28. “Primeiro Livro Publicado, Após A Retomada Da Academia” Acadêmico João Batista Fagundes. Cadeira 16 – “GOB junto de você na construção de pontes” – Múcio Bonifácio – Soberano Grão-Mestre do GOB. “Razão de ser de uma Academia Maçônica De Letras” – Acadêmico Getúlio Targino Lima, Cadeira 17.

A segunda edição, março/junho, circulou com o novo nome Jornal O Confrade, tendo como Editor/Organizador, o Secretário da Academia José Mariano Lopes Fonseca, continuando com a participação de vários

Acadêmicos, com trabalhos diversos, destacando-se: “um olhar para a academia”, Acadêmico João Batista Fagundes – Cadeira 16. “A pressa mata”, Acadêmico Jefferson Soares de Castro, Cadeira 15. “A Maçonaria, O Maçom, Envelhecimento E Os Desafios Previdenciários No Brasil”, Acadêmico Adegmar José Ferreira, Cadeira 21. “O Militar E O Militante”, Acadêmico Anderson Lima da Silveira, Cadeira 02. “Um Olhar Sobre A Literatura”, Acadêmico Filadelfo Borges de Lima, Cadeira 08. “A Arte De Ensinar A Aprender”, Acadêmico Adolfo Ribeiro Valadares, Cadeira 07. “Inteligência emocional: um dos desafios para o líder das instituições”, Acadêmico José Mariano Lopes Ferreira, Cadeira 06. “A Maçonaria É A Fé”, Maurício de Souza Magalhães, Loja “Aurora de Caiapônia”. “A Maçonaria E A Independência Americana”, Acadêmico Hélio Moreira, Cadeira 27. “O Brasil Que Amamos”, Acadêmico Absaí Gomes Brito, Cadeira 18. “A Festa Do Bom Jesus”, Acadêmico João Asmar, Cadeira 17”. A edição circulou de maneira entusiástica entre os Acadêmicos, sendo distribuída às Lojas do Estado e Organizações Culturais do País.

A Terceira edição, correspondente ao quadriênio março/junho de 2020, teve um crescimento admirável, circulando com 16 páginas, com excelente material, tanto cultural como maçônico, entre os quais destacamos: Memória Acadêmica” de João Batista Fagundes, Cadeira 16; “Pesquisa Em Tempo De Numerosas Informações”, Acadêmico Joás de França Barros, Cadeira 29; “A Maçonaria, O Maçom, O Envelhecimento E Os Desafios Previdenciários No Brasil”, Acadêmico Adegmar José Ferreira, Cadeira 21; “Apontamentos Do Jardineiro”, Acadêmico Hélio Moreira, Cadeira

27; “A Morte Do Profano”, Acadêmico Jefferson Soares de Castro, Cadeira 15; “O Que É Ser Goiano”, Acadêmicos Absaí Gomes Brito, Cadeira 18 e Mauro Marcondes da Costa, Cadeira 19; “A Maçonaria Como Uma Escola De Conhecimento”, Acadêmico Carlos Augusto F. de Viveiros, Cadeira 24; “COVID 19 E Nós”, Antônio Leite, médico mastologista; “O controle de hábitos saudáveis e pressão arterial previne o AVC”, Rogério Safatle, médico colaborador; “Conhecimento. Breve Histórico. Conceito. Espécies. Exegese”, Acadêmico Isaias Costa Dias, Cadeira 24; “Contexto Do Conhecimento Intelectual”, José Mariano Lopes Fonseca, Cadeira 06 e atual Presidente da AGML.

“A Loja De Kilvinging Entrea Lenda E A Verdade”, Anestor Porfírio da Silva, colaborador; “A Maçonaria Como Agente De Transformação Social”, Acadêmico Luiz Signates, Cadeira 09; “Nelson De Souza Carneiro patrono da Cadeira 26”; Acadêmico Airton Batista de Andrade, Cadeira 26; “Não Basta Escrever, Garimpar É Preciso”, Acadêmicos Hélio Moreira, Cadeira 27 e Heitor Rosa, Cadeira 28; “Páginas Soltas I – Fragmentos Históricos”, Acadêmico João Asmar, Cadeira 17.

Para não delongar muito, vamos resumir, dizendo que do número 3, Março/Junho de 2020, até a edição 15 – janeiro/fevereiro/2023 – 15 tiragens, o jornal tem saído bimestralmente, com 28 páginas e aumento considerável de colaboradores, mostrando que O Confrade veio para preencher uma lacuna na área de comunicação da Maçonaria goiana, através da Academia Goiana Maçônica de Letras.

Cumprimentamos a equipe responsável pela publicação de O Confrade, na pessoa de seu Presidente José Mariano Lopes Fonseca.



artigo

## DO LAÇO AO SENADO – II

Breno Boss Cachapuz Caiado | Cadeira nº 04

CAPÍTULO 1

Como eu havia dito na edição anterior deste belíssimo jornal O Confrade, resolvi apresentar (e antecipar!) o prefácio da autobiografia do meu pai, o ex senador Emival Caiado, que contribuí com uma boa parte dos estudos e redação.

Tal obra iniciada por Emival Caiado, foi concluída por mim após seu falecimento. Os trechos de minha autoria normalmente são descritos na 3ª pessoa e numa fonte de letra menor, os redigidos pelo ex senador Emival, estão na 1ª pessoa e em tamanho de letra maior.

Nas próximas edições deste jornal, divulgarei mais alguns capítulos para instigar a curiosidade do leitor.

Boa leitura!



"1 – Forja

Em 09 de julho de 1.932, a bucólica capital do Estado de Goiás fervilhava com a notícia da prisão do ex senador Antônio Ramos Caiado, no quartel de polícia da cidade de Goiás, por ordem direta do Interventor (J. G. Coelho Mendonça, A Invenção de Goiânia, 2013, p. 210).

Era o apogeu da Revolução Constitucionalista liderada por São Paulo e o governo de Pedro Ludovico Teixeira não esperou qualquer notícia ou indício da participação de Totó Caiado no levante, para prender-lhe e o manter incomunicável.

Os boatos sobre a possível morte de Ramos Caiado corriam pelos becos da saudosa Capital, alguns dizendo que o fuzilamento seria iminente, outros achando que seu fim já fora consumado (Lena Castello Branco F. de Freitas, Poder e Paixão, vol II, p. 240).

Maria de Amorim Caiado, esposa de Totó Caiado, estava intimamente em pânico, mas não podia se dar ao luxo de esmorecer. Com 8 filhos pequenos, enteados e alguns afilhados para criar, já estava acostumada a superar o sofrimento de ter seu marido preso e mesmo assim manter a dignidade.

Em 1.930, após a prisão política e a deportação de Ramos Caiado para o Rio de Janeiro, ficou por quase 2 anos mantendo e criando sua família, apesar das graves perseguições e privações financeiras.

Mas dessa vez o Governo Estadual passou de todos os limites! Acabaram de levar preso seu filho Emival, de apenas 14 anos.

Mas o que uma criança poderia fazer de mal? Já não bastava o confisco e o bloqueio dos bens? A prisão de seu marido não era suficiente? Talvez até mesmo seu assassinato,

conforme anunciavam os cochichos das esquinas?

Quando os policiais levaram seu filho para "prestar esclarecimentos", sua vista ficou turva e o ar lhe faltou. – Meu filho não!

Porém, eu fui preso uma vez quando o Wagner Estelita Campos, na chefia da polícia, mandou me intimar para um depoimento na chefatura. Lá chegando por volta das 11 horas, fui interrogado por diversas pessoas e detido por não confirmar que tinha sido mensageiro de um "telegrama em chave" que meu pai havia passado para São Paulo.

Depois de ficar detido até as 15 horas, fui novamente interrogado pelo Dr. Estelita Campos, que usando um cavanhaque e, querendo me amedrontar, esmurrava a mesa e aos gritos não se conformava com a minha negativa, pois, apesar de minha pouca idade, em torno dos 14 anos, já acostumado com as torpes perseguições, eu me mantinha tranqüilo, firme e sem qualquer medo. O carnaval de ameaças só terminou ao anoitecer, quando me liberaram da detenção.

Ao chegar em casa, Emival encontrou sua mãe abatida, acompanhada de poucos parentes próximos e seus irmãos. O clima de desolação e tristeza amainou com o retorno do jovem preso político. Os momentos de alívio e alegria aos poucos foram dando lugar às incertezas e pessimismo quanto ao futuro incerto do patriarca Totó Caiado.

Mariquita, como era carinhosamente chamada pelos mais próximos,

apesar de buscar forças sobre humanas para manter-se de pé junto à sua família, desabou num choro compulsivo, que misturava o sofrimento de mãe, com a alegria de ter de volta seu filho vivo.

Convém registrar que no meu primeiro discurso de grande expediente na Câmara Federal, no Rio de Janeiro, no ano de 1.955, quando eu debulhava as mazelas do Ludoviquismo, fui aparteado inapropriadamente pelo então deputado Wagner Estelita Campos e lhe respondi que a mim não causava estranheza, pois, essa conduta eu já conhecia desde quando ele era esbirro de Pedro Ludovico na Chefia da Polícia Goiana e que me prendeu ainda criança.

Retrucando, Estelita negou que isso tivesse acontecido, ao que lhe respondi que, cometendo tantas arbitrariedades e violências, seria bem possível que ele tivesse esquecido.

– Mas as crianças não esquecem Sr. Deputado.

Muito tempo depois, quando freqüentávamos as Comissões da Casa, tive a surpresa de ser informado por ele, com pedido de desculpas, que se lembrou da veracidade do acontecido e por mim denunciado. Ao que lhe retruquei que nunca fui homem de mentiras e que as covardes atitudes tornaram-se forja para minha obstinação e caráter."

ciência &amp; saúde

CÂNCER DE PULMÃO  
VITIMOU A "RAINHA DO ROCK"

Bráulio Brasil | Colaborador, Fisioterapeuta Intensivista e Gestor em saúde

Nesta semana recebemos a notícia da morte de Rita Lee, vítima de um câncer no pulmão. De acordo com o Instituto Nacional do Câncer (INCA) aponta a queda nas taxas de incidência desde os meados da década de 80, onde essa diferença deve-se aos padrões de adesão e cessação do tabagismo constatados nos diferentes sexos.

O INCA destaca que o cigarro é o mais importante fator de risco para o desenvolvimento do câncer de pulmão. A

taxa de mortalidade de 2011 para 2015 diminuiu 3,8% ao ano em homens e, 2,3% ao ano em mulheres, devido à redução na prevalência do tabagismo.

Segundo cientistas da saúde, os sintomas para o câncer de pulmão se estabelece pela presença de tosse persistente, com secreção ou sangue, e emagrecimento rápido sem uma explicação aparente podem ser sinais de câncer de pulmão. No entanto, o câncer de pulmão pode ser uma doença silenciosa na maior parte das vezes, diagnosticada



quando já se encontra em fase avançada, dificultando o tratamento.

Pesquisadores reiteram que o estilo de vida tem relação direta com o surgimento do câncer de pulmão, já que 80% das pessoas que desenvolvem o problema são fumantes ou ex-tabagistas.

Atualmente, há inúmeras formas de detectar rapidamente a existência de um câncer. A tomografia de tórax é a mais indicada, principalmente porque a pessoa

recebe uma baixa dose de radiação, sendo possível visualizar a existência de nódulos ou lesões suspeitas e tratar precocemente, o que pode levar à cura.

O tratamento do câncer de pulmão requer a participação de um grupo multidisciplinar, formado por oncologista, cirurgião torácico, pneumologista, radioterapeuta, radiologista intervencionista, médico nuclear, enfermeiro, fisioterapeuta, nutricionista e assistente social.

Para o adequado planejamento do tratamento, é necessário fazer o diagnóstico e determinar a evolução da doença para definir se o câncer está localizado no pulmão ou se existem focos em outros órgãos – a chamada metástase. Pontos importantes para o melhor plano terapêutico. Rita Lee, uma das maiores cantoras e compositoras da história da música brasileira, morreu nesta semana aos 75 anos. Ela foi diagnosticada com câncer de pulmão em 2021 e lutou muito pela vida.



## opinião

### ÀS NOSSAS ESPOSAS E CUNHADAS

Célio César de Moura Gomes | Cadeira nº 36

Hoje um belo domingo, 16 de abril de 2023, revisando a Agenda da semana que se inicia, vi o registro para atender à solicitação da AGML, com um trabalho para publicação na 16ª edição de O Confrade.

Abrindo o computador apresento-me bela foto das margens do rio Tâmis, em Londres e logo abaixo o título sugerindo conhecer “As 10 qualidades das mulheres extraordinárias”.

Isto gerou em mim, a primeira resposta, imediata e impulsiva, serem ESPOSAS E CUNHADAS de maçons. Sem demérito a nenhuma outra qualidade que as destacam mundialmente, aceitamos que, na nossa condição de vivência maçônica, o primeiro, dentre os outros, seja a condição de serem nossas esposas e cunhadas.

Visto que, só nos tornamos maçons e assim nos mantemos, a partir das suas aprovações para nossas

admissões na Ordem e as consequentes aprovações das atuações, durante toda nossa vida maçônica “sem primeiro invocar a nossa crença ao G. Arq. do Uni. ..

E para que possamos vivenciar a nossa existência maçônica praticam, duas virtudes primordiais ao ser humano, da paciência e da tolerância. Assim nos permitem o exercício da LIBERDADE nas Lojas, contando com suas presenças nas demais

dependências, praticando outras atividades, voltadas, em primeiro lugar, para atender a mais um dos fins supremos da maçonaria, relacionados à FRATERNIDADE. Somando as duas práticas conseguimos criar espaço para vivenciarmos o terceiro fim supremo da Maçonaria, a IGUALDADE.

O produto deste trabalho, dos Maçons, das Esposas e das Cunhadas, gera a condição ímpar para produzir o efeito salutar solucionando o problema no seu todo e ou pelo menos aliviando-o, ao ser destinado a quem o necessita, seja Ir. ou não. Reconhecendo-nos como humanos sob a égide do Criador, mostrando-nos a nossa IGUALDADE, como Ser. Saldemos nossas Esposas e Cunhadas, Seres mais preciosos na Maçonaria!



## crônica

### POR QUE QUE A GENTE É ASSIM?

Elismar Rodrigues dos Santos | Colaborador

“Canibais de nós mesmos, antes que a terra nos coma. Com grammas, sem dramas. Porque a gente é assim”? (BARÃO VERMELHO).

Às 05:10 da manhã de uma sexta-feira comum, o sono se vai e ouço os sapos, grilos e pardais iniciando o seu ensaio para o concerto, sem nenhum pudor ou constrangimento. E lhes digo que são muito afinados. Esta é a orquestra que toca a vida, que cria um ambiente propício para pensar, afinal é o fim de semana, fim da dor e início da efêmera alegria em muitos lares mundos a fora. Segunda-feira começa tudo de novo.

Mas o que nos traz aqui é essa indagação: Por que que a gente é assim?

Esta é uma pergunta que se encaixa em infinitos contextos da vida cotidiana, mas façamos um recorte para a vida real, construída pelas relações humanas cheias de chagas e defeitos conduzidos pela linguagem, que é um elemento que distingue nós, seres racionais, dos outros, irracionais, e que desvela a multifacetada condição humana.

Digo isso porque o debate público se tornou uma briga de foice no escuro, sem regras, princípios éticos ou morais. É um vale-tudo cuja premissa mor é prevalecer uma narrativa, na maioria das vezes equivocada, por um grupo de pessoas, às quais denominarei de senso-comunistas (termo criado pelo filósofo irlandês George Berkeley no século XVIII para designar os apreciadores do senso comum), que seguem à risca a cartilha de Arthur Schopenhauer denominada “38 estratégias para vencer qualquer debate”, sobretudo quando lhes fuge a razão e o bom argumento, e a linguagem é fundamental para eclodir comportamentos desta natureza. Como assim? O que quer dizer este pequeno gafanhoto? Explico.

Os senso-comunistas têm uma característica bastante peculiar de jogar a toalha quando encurralados pela rara luz da consciência e lucidez pedagógica/filosófica na sociedade, cobertos pelo manto das ofensas pessoais escondidas em suas narrativas ou pela tentativa de desconstruir o argumento alheio pela veiculação de um simples “eu discordo”, como se a sua

discordância invalidasse a tese/premissa linguística lançada.

Imagine um rico e intenso diálogo entre Einstein, Olavo de Carvalho, os prisioneiros da caverna e alguns escravos (da fala) sobre a teoria da relatividade, e o alemão diz algo elementar como: “Der Weg des Lichts folgt der Krümmung der Raumzeit, wenn es nahe an einem Stern vorbeigeht”. Ninguém nesta terra conhece a teoria melhor que o seu criador, mas os interlocutores estão dispostos a confrontá-lo porque Caio Coppola da Jovem Pan disse que esta teoria é uma balela.

Olavo então dispara: “Mas isso aí não tem nada a ver. Eu prefiro Galileu”. Já os prisioneiros retrucam: “Eu discordo. Tá errado”. E ainda tem os escravos que dizem: “Isso aí. Falou tudo. Vocês têm razão”, e nenhum deles sabe o que disse Einstein, apenas ouviram Hermes da Jovem Pan na hora do almoço afirmar que segundo sua pesquisa no site [www.cade.com.br](http://www.cade.com.br), esta teoria não é válida.

Parece confuso, com tantos personagens anacrônicos, mas esta é verdadeiramente a intenção, afinal

A crise da linguagem no século 21

é disso que se trata, o real é substituído pelo imaginário popular, pelo senso comum e devaneios passionais contemporâneos.

A linguagem de fato é um instrumento de avanço da sociedade e nos permite exprimir aquilo que sentimos, mas existe um compromisso ético, intrínseco e subjetivo que funciona como uma *landmark* das relações humanas, e a moral é a percepção externa da temperatura nos debates públicos. É preciso haver regras. Não se pode admitir qualquer argumento para estabelecer a pseudo-racionalidade a todo custo, porque isto produz um efeito extracorpóreo alheio ao seu controle e por vezes até irreversível.

Somos seres racionais e devemos cultivar a urbanidade, respeito, liberte, egallité e fraternité. Não podemos nos tornar canibais de nós mesmos, como disse o poeta Agenor. O título do texto é uma provocação retórica, pois a resposta habita no âmago de cada um. Agora são 7:10 da manhã, e levou apenas duas horas para “desvelar as obviedades do óbvio”.

“O homem é dono do que cala e escravo do que fala” (SIGMUND FREUD).



## sensibilização

### DIA DAS MÃES

Airton Batista de Andrade | Cadeira nº 26

O Dia das Mães é, no Brasil, comemorado no segundo domingo de maio. É uma data móvel. Dia para celebrar e agradecer a todas as mães pela dedicação, amor e carinho que proporcionam aos seus filhos.

Na Grécia antiga era comemorado por Reia, a mãe dos deuses, na entrada da Primavera. Já no Império Romano, depois de cristianizado, era no 4º domingo da Quaresma, o “Domingo das Mães”. Os criados nesse dia tinham folga para visitarem as igrejas com suas mães e família. Nos Estados Unidos é comemorado no dia 09 de maio. No Brasil, Getúlio Vargas, oficializou

o segundo domingo de maio como o Dia das Mães no país. Mãe é pilar seguro, colo de amor e palavra que orienta. Representa o milagre da criação, gerado em seu ventre.

Amor é pouco para definir o que sentimos pela pessoa mais importante da vida! Guerreira, batalhadora e heroína! Obrigado pelo seu exemplo, força, paciência e dedicação!

“Mãe não se escolhe, mas se eu pudesse escolher, escolheria você de qualquer jeito! Parabéns a todas as mães! Ausentes ou presentes!” Deus abençoe!





**artigo**

## A SOMBRA DAS IMPRESSÕES – II

Gleisson Ferreira | Colaborador

*História, memória, fronteira e alteridade nas cartas de Goiás de Carlos Pereira de Magalhães.*

A colonização através da ocupação e exploração do território brasileiro se desenvolveu através do conflito de interesses que contrapunha grupos distintos no tempo e no espaço.

Essa dinâmica em Goiás não foi diferente. O extermínio de populações indígenas; a escravidão dos negros; o desprezo pelos mestiços e a marginalidade de brancos pobres (PALACÍN, 2015) são exemplos dessa problemática que ajudam a entender as visões de mundo, as alteridades e a dinâmica do conceito de fronteira geográfica e cultural; que acaba por constituir também as identidades através dos usos da memória.

Os registros de Carlos Pereira de Magalhães compõem-se de memórias, reminiscências do tempo, tanto movidos pela “curiosidade étnica”, como dizia, quanto pelas exigências de seu ofício de advogado, no caso de Lavrinhas. Mas são também registros das memórias do autor das Cartas de Goiás, um homem impressionado pela vastidão e exuberância do território e pelas singularidades socioculturais de seu povo.

Como afirma o depoimento de dona Amância Pereira Ribeiro, uma das herdeiras de Lavrinhas, a Magalhães: “No tempo do Reino mandavam os portugueses; os nacionais, mazombos<sup>1</sup>, mulatos, caboclos, valiam pouco mais que um cavalo, e, em estima, pouco menos que um cachorro. Com a chegada de dom Pedro, mudou tudo práς avessas.” (MAGALHÃES, 2004, p. 84) O depoimento de dona Amância demonstra como durante a colônia, o estigma de mestiço ou o simples fato de ser “nacional” era motivo de vergonha por serem considerados inferiores diante dos portugueses, e que, a partir da Independência passou a ser motivo de orgulho ser nacional, sabido que o português passou a ser considerado estrangeiro e malvisto pelo povo. Um exemplo claro da relação entre os usos da memória e as identidades

Os conceitos de memória, fronteira e alteridade são, portanto, imprescindíveis para analisarmos as visões de mundo de, e sobre Goiás, como um todo, e Lavrinhas de São Sebastião, por constituir o objetivo principal da vinda de Magalhães a Goiás.

Para Halbwachs a memória é uma memória coletiva que se projeta no indivíduo por meio das relações que estabelece com o seu grupo, não existindo uma memória individual, senão como resultado dessas mesmas relações que estruturam o todo simbólico que lhe dá sentido de pertinência, isto é, a memória coletiva. (HALBWACHS, 2006)

A memória foi objeto de discussões ao longo do tempo entre vários teóricos, tomando conceitos e aplicações particulares de acordo com a

área específica nas ciências humanas. Assim segundo Pierre Nora:

**A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ele está em permanente evolução, aberta dialética da lembrança e do esquecimento, inconscientes de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado. (NORA, 1993, p.09)**

Mesmo vinculada ao passado de escravidão, a questão dos quilombos como elementos de resistência passa à memória e se reflete no presente na região de Lavrinhas, através das reivindicações dos remanescentes, fator que corrobora a afirmação de Pierre Nora. Embora neste trabalho não tratemos essas reivindicações objetivamente, mas a análise de uma documentação histórica que pode servir às mesmas.

As memórias coletivas, com suas pluralidades muitas vezes conflituosas e irredutíveis, coparticipam da memória social, substrato adquirido e matricial que, mesmo quando aquelas se extinguem, permite acreditar na continuidade do tempo social e possibilitar a gênese de novas memórias coletivas e históricas. (CATROGA, 2009, p.15)

Para servir aos indivíduos e aos grupos, as memórias são maleáveis porque tocam pontos sensíveis do sentimento de pertinência ou não, nesse sentido ela é seletiva sendo necessário identificar o que produz essa seletividade, sob que princípios ela se dá no tempo e no espaço. “As memórias são maleáveis, e é necessário compreender como são concretizadas, e por quem, assim como os limites dessa maleabilidade”, (BURKE, 2000, p. 73). Assim sendo os usos que se faz da memória tem o sentido de projetar no presente o recordador ou o grupo no qual está inserido, com o qual se identifica servindo à sua realização humana segundo o que acredita ser melhor para si e os seus, pois como afirma Le Goff:

**A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1994, p. 477)**

No sentido de compreender as visões de mundo de determinados grupos e indivíduos não se faz sem a análise do conflito com o outro. Segundo Gilberto Velho a “noção de outro ressalta que a diferença constitui a vida social, à medida que esta efetiva-se através das dinâmicas das relações sociais. Assim sendo, a diferença é, simultaneamente, a base da vida social e fonte permanente de tensão e conflito.” (VELHO, 1996, p.10)

Para compreender as visões de mundo em Goiás e Lavrinhas de São Sebastião, no tempo e no espaço, seja através da visão do outro (as Cartas de Carlos Pereira de Magalhães): ou o que afirmavam de si mesmos nesses depoimentos ou as reivindicações identitárias da atualidade, é necessário nos reportarmos ao conceito de alteridade.

A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) levamos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos ‘evidente’. Aos poucos notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de ‘natural’. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única. (LAPLANTINE, 2000, p. 21).

A afirmação de LAPLANTINE ao problematizar a visão de nós mesmos e do outro enquanto um fator cultural possível entre tantas outras culturas, nesse sentido, remete-nos à ideia de fronteira que não é somente geográfica, territorial, mas também cultural, segundo Pesavento:

**Há, sem dúvida, uma tendência para pensar as fronteiras a partir de uma concepção que se ancora na territorialidade e se desdobra no político. Nesse sentido, a fronteira é, sobretudo, encerramento de um espaço, delimitação de um território, fixação de uma superfície. Em suma, a fronteira é um marco que limita e separa e que aponta sentidos socializados de reconhecimento. Com isso podemos ver que, mesmo nesta dimensão de abordagem fixada pela territorialidade e pela geopolítica, o conceito de fronteira já avança para os domínios daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos identidade e que corresponde a um marco de referência imaginária que se define pela diferença. [...] É por esse viés de compreensão da fronteira que se confrontam as percepções da alteridade e da identidade, ou que se contrapõem as construções imaginárias de referência, definindo-se os ‘outros’ com relação a ‘nós’ e vice-versa. Portanto, o ‘recorte’ epistemológico que ‘encerra’ o conceito de fronteira é capaz de, paradoxalmente, anular esse mesmo critério do espaço e avançar para o plano dos significados partilhados. (PESAVENTO, 2002, p. 36)**

É nesse sentido que buscamos compreender as fronteiras culturais evidenciadas na obra de Carlos Pereira de Magalhães. Por conseguinte, analisamos a região de Lavrinhas: seus

grupos sociais, visões de mundo e manifestações culturais. Não somente a partir da territorialidade senão também, e principalmente, como conceito cultural; envolvendo relações espaço temporais que estabeleceu com “o outro”; criando as especificidades de sua memória coletiva; sendo imprescindível para nós, portanto, o conceito de fronteira cultural.

**O primeiro passo a se considerar seria o de entender a fronteira cultural como uma transcendência, acima e antes da geopolítica. Fronteiras culturais remetem à vivência, às socialidades, às formas de pensar intercambiáveis, ao ethos, valores, significados contidos nas coisas, palavras, gestos, ritos, comportamentos e idéias. Basicamente, a fronteira cultural aponta para forma pela qual os homens investem no mundo, conferindo sentidos de reconhecimento. (PESAVENTO, 2002, p. 36)**

### A VISÃO DA DECADÊNCIA E DO ATRASO

O início do século XIX foi ainda bastante influenciado, intelectualmente, pelo positivismo. O racismo2 ligado à ideia de Eugenia também foi presença marcante, aliados à ideia de atraso social, cultural e econômico que os viajantes europeus já haviam lançado sobre o Brasil.

Goiás, descrito muitas vezes como um deserto, estava especialmente inserido nesse contexto. Cumpria então para as autoridades do país e os poderosos grupos econômicos “levar” a esse Estado ermo a “civilidade”, o “desenvolvimento” e o “progresso”.

Paulo Bertran em prefácio à primeira edição do livro “Caminhos de Goiás: Da construção da decadência aos limites da modernidade”, de Nasr Fayad Chaul (obra que contesta a visão da decadência) dá conta de que:

**É em 1819-1823 que para todo o sempre fixa-se a imagem da decadência de Goiás na historiografia, graças aos viajantes estrangeiros Auguste de Saint-Hilaire, francês, Johann Emmanuel Pohl, boêmio, Raimundo José da Cunha Mattos, português, e o Pe. Luís Antônio da Silva e Souza, proto-historiador goiano, ordenado na Itália. (BERTRAN in: CHAUL, 2015, p. 9-10)**

A influência dessa visão da decadência, transformada em visão do atraso, se faz verificar nas “Cartas de Goiás”, tanto pela visão de seu autor quanto pelos próprios habitantes de Goiás, no período, influenciados que foram pelas ideias das elites que importavam uma visão externa, europeia, de seu próprio território, bem como pelo interesse das mesmas em exercer o mando, a partir dessa ideia.

1 Indivíduo nascido no Brasil, mas filho de pais estrangeiros, sobretudo portugueses.

2 Trata-se de um neologismo que designa o “racismo científico” inspirado no darwinismo social.



**crônica**

## HERANÇAS INCÔMODAS

Anderson Lima da Silveira | Cadeira nº 02

Stanford era um rapaz inglês e tudo nele assim o confirmava. No entanto, um acidente na infância repuxara-lhe os olhos dando-lhe uma fisionomia quase oriental. Ele não sabia, mas um amigo havia convidado uma moça para conhecê-lo, atribuindo à Stanford, usos, modos e costumes que nem ele mesmo identificaria. Inocente quanto ao encontro, aguardava num parque, enquanto transformava mentalmente nvens em objetos de duplo significado.

Quando a moça viu Stanford, de longe, pensou em ir embora imediatamente. Lembrou-se de seu pai e tudo o que ele pensava e sentia sobre os orientais. Stanford, de costas para o mundo, conjecturava:

– Deus está contido no universo ou o universo está contido em Deus?

Uma voz metálica e desafinada gritou o seu nome, dizendo:

– Stanford, quem olha demais para cima, acaba tropeçando... kkkkkk

De repente, os três olhares se cruzaram. Aproximaram-se. Distanciaram-se. Assumiram posições. Muitas perguntas foram feitas e nenhuma permaneceu. Sem respostas e sem novas perguntas despediram-se. Não foi marcado um novo encontro.

[...]

Quantas vezes já vivenciamos situações assim? Se revisitarmos nossa infância, juventude e nosso

momento atual, encontraremos muita semelhança com o que foi narrado acima. É comum não nos abalarmos com isso, cenas como essas já estão resolvidas dentro de nós... Existem prescrições socioculturais que dão fim a qualquer questionamento a este respeito. Assim caminhamos, entre semelhantes, afirmando aparções, praticando a denegação como ordem social. É mais seguro para todos construirmos mais paredes. Seremos mais felizes fazendo menos perguntas. Teremos menos problemas afastando-nos de toda e qualquer diferença.

O mais interessante de tudo isso é que essa realidade externa existe primeiro como realidade interna, dentro de nós. É necessário que investiguemos cuidadosa e amorosamente nossa residência interior, o espaço existencial que habitamos. Muito daquilo que edifica e decora nossa casa identitária foi herdado, condicionado, sutil e lentamente plantado sem o nosso conhecimento e consentimento. Contrariando os personagens da narrativa que dá início a esta breve reflexão, precisamos estar dispostos a marcar novos encontros.



**artigo**

## SEJA VOCÊ A MUDANÇA QUE VOCÊ QUER NO MUNDO!

Francisco Feitosa | Colaborador

Permita-me meus Irmãos, insistir, mais uma vez, nesse tema, pois tenho percebido que a maioria de nós e da população mundial, em si, ainda, não se deu conta do momento único que o planeta e a humanidade estão experienciando.

Trata-se de um momento inédito, em termos de evolução planetária e de ascensão consciencial humana. Nosso planeta faz parte de um sistema solar. Esse sistema solar, faz parte de uma Galáxia, a Via Láctea. A Estrela Central dessa Galáxia chama-se Alcione, onde diversos sistemas solares participam e circundam, com milhares de planetas, luas e astros, em si.

Quando nosso sistema solar efetua uma volta completa em torno da Estrela Central Alcione, chamamos isso de Ano Solar, que dura cerca de 25.920 anos. O que estamos tentando explicar não se trata de achismo, astrologia ou esoterismo. Trata-se de astronomia – estudo científico. Nesse exato momento da humanidade, estamos completando esse ano solar de 25.920 anos.

Também, neste exato momento estamos, finalmente, entrando na Era de Aquarius. Isso, na ciência, é chamado de Precessão de Equinócios. Conforme a imagem abaixo, nosso sistema Solar, assim como nosso planeta, entrou em uma área chamada Cinturão de Fótons, recebendo os efeitos (LUZ) do Sol Central de nossa Galáxia. Observem que deixamos um longo período de trevas e passamos para Luz. Esse processo de entrada na Era de Aquarius demora cerca de 40 anos e iniciou em 1982, sendo que em 21 de dezembro de 2012, teve início sua última fase, concluindo em dezembro de 2022 (final do Calendário Maia – 2012), tão mal-entendido pelos profanos, achando que seria o final do mundo. Lembram? Pois bem!

A Ressonância Schumann, que é a frequência do Planeta, até então (2012) era de 7,83 Hz. E devido a todas essas mudanças, nos últimos anos, começou uma variação absurda. Por muitas vezes já passou de mais de 100 Hz. Essa semana, por exemplo, já bateu 39 Hz, 45 Hz, e teve, nos últimos 3 dias dois blackouts, por várias horas, fenômeno que os cientistas informam que ela ultrapassou mais de 100 Hz, e que os equipamentos nem conseguem registrar. Nosso planeta está deixando a 3ª densidade e passando para as 4ª e 5ª densidades! Um salto quântico. Para tanto, tudo que habita nele tem que se ajustar a essa realidade. Todos os seres que estiverem na mesma frequência vibratória do planeta permanecerão, os que não estiverem, se não se transformarem, serão separados e passarão para um planeta análogo a seu estado de consciência, pois o planeta irá, de qualquer forma, ascender para planos mais sutis. Isso é questão de frequência vibratória! Atentem para a “separação do joio e do trigo”!

Todos esses efeitos do planeta (ressonância Schumann, explosões solares, transição da 3ª para 4ª e

5ª densidades, fótons solares) interferem, diretamente, na saúde física e psicológica das pessoas. Uns têm sintomas fortes, outros mais fracos e alguns nem sintomas têm. Portanto, é importante observar, por exemplo, os números de casos crescente de suicídios, descontroles psicológicos, depressão, ansiedade, etc. Muita gente reclamando de dores no corpo, mal-estar, passando por diversos exames e médicos, e não conseguindo encontrar razão para tais sintomas.

Temos que entender que, todo esse processo planetário, segue “pari-passu” com a expansão de consciência dos habitantes deste planeta. Tanto os seres humanos como os demais reinos (animal, vegetal e mineral). A composição humana tem como base o carbono (número atômico = 6). Para as 4ª e 5ª densidades a composição humana passará para o elemento silício (ou cristal), cujo número atômico é 14, portanto, ascendendo em uma oitava! Percebem?

Como dizia Hermés, na 2ª Lei hermética, da Correspondência: “O que está em cima e tal como está embaixo, o que está embaixo é tal como está em cima!” O Sol do nosso sistema solar, neste momento, em que completou uma volta em torno da Galáxia (25.920 anos) ascendeu em uma oitava, passando a ser a 8ª estrela da Constelação das Plêiades, cuja Estrela Central é Alcione, ou o Sol Central do Oitavo Sistema. Nada é por um acaso!

Silício ou cristal! O grande mistério é que esse CRISTAL tem, estreita ligação com o sentido de Cristo! Cristo não é parte do nome de Jesus (Jeoshua Ben Pandira), erroneamente, ensinado nas religiões. É um grau de consciência, a Consciência Crística. Nossa glândula Pineal, núcleo de nossa Espiritualidade, está sendo descalcificada e tornando-se plena, expandindo nossa consciência, para que passamos a ter a consciência crística.

Muitas mudanças estão e estarão acontecendo. Precisamos, necessariamente, para entender esse processo, estarmos abertos a uma nova realidade, deixando de lado conceitos e preconceitos, crenças limitantes, que tanto nos impediram de perceber a VERDADE!

Lembrem-se que, em verdade, somos espíritos aqui encarnados, passando por experiências. Antes de encarnarmos, escolhemos estar aqui, passando por tudo isso. Foi uma escolha nossa! Pensem que, embora não tenhamos lembrança disso, cada um tem uma MISSÃO DE ALMA! Não estamos aqui, apenas, para gozar dos prazeres do planeta. Busquem dentro de si entender a razão da vida. Encontre seu Deus Interior. Não busque fora, pois está dentro de cada um de nós, tais respostas!

Entendem, agora, o real significado da palavra INICIAÇÃO? Iniciar uma ação interna!

Por que este momento é tão importante? Porque aqueles que não ascenderem junto com o planeta, assim

Grande Bibliotecário do Supremo Conselho do Grau 33 do REAA da Maçonaria para a República Federativa do Brasil

como aconteceu com os EXILADOS DA CAPELA (recomendo a leitura do livro) – seres que não atingiram o grau de evolução necessário para seguir no seu planeta (Capela), tiveram que ser removidos para planeta análogos a seu estado de consciência, vindo encarnar aqui no planeta Terra, por exemplo, e recomeçar todo o processo encarnatório de novo, e tentar ascender, em consciência, a uma densidade superior. Esse processo pode durar centenas, talvez, milhares de anos!

A Terra está ascendendo para densidades superiores. Aqueles que estiverem, ainda, ligados a hábitos, costumes, vibrações baixas da 3ª densidade, serão exilados em planetas da 3D, e terão que passar por diversas, talvez centenas de encarnações, novamente, para tentar, em um momento, como este agora, conseguir ascender a densidades superiores. Percebem a magnitude deste momento?

Percebem a “Oportunidade de Ouro” que está sendo oferecida à humanidade? Não se trata de um assunto legal, interessante ou algo do gênero. Trata-se de nos conscientizarmos de buscar nossa espiritualidade e entendermos a nossa MISSÃO DE ALMA, nesta encarnação!

Não acreditem em mim! Por favor, PESQUISEM! ESSE ASSUNTO NÃO VAI PASSAR NA GLOBO!

Apocalipse significa revelações. Por isso, toda a sujeira que estava por “debaixo do tapete”, por milhares de anos está sendo exposta. O mundo não está pior ou melhor do que antes. Sempre, foi assim. Sendo que, hoje, as entranhas do Poder da Cabala Negra (política, ciência, religião, mídia, financeiro) estão expostas. AS VERDADES ESTÃO SENDO REVELADAS! Basta ter olhos de ver e ouvidos de ouvir (Isaiás 43:8).

Não reclamem do momento atual. Observem as palavras de Mahatmã Ghandi, como título deste texto! “Seja Você a Mudança Que Você Quer Ver no Mundo!”

Para quem gosta de estudar a Bíblia, esta frase diz tudo: “Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará!” (João 8:32).

Se você leu estas minhas linhas até aqui, agradeço pela consideração! Nada é por um acaso. Talvez, o G.:A.:D.:U.: esteja nos utilizando para passar um recadinho para você.

Se este tema não ressoar com sua vibração, por gentileza, tão somente, descarte e aceite minhas desculpas por importuna-lo. Quem entender que poderá ser útil a outrem e quiser repassa-lo, fique à vontade! Comentários, também, são muito bem-vindos!

Prometo não mais incomodá-los com esse assunto. Até, porque, os tempos são chegados e o momento é AGORA! Apenas, obedeci uma vontade ditada por meu coração, e estou fazendo a minha parte!



**artigo**

## TIRADENTES UM MAÇOM, AINDA QUE TARDIO - I

Carlos A. Barros de Castro | Cadeira nº 33 / Contribuição\*

**“Pois seja feita a vontade de Deus! Mil vidas eu tivesse, mil vidas eu daria pela libertação da minha Pátria!” – JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER, o Tiradentes.**

Depois de trinta anos da execução de Tiradentes, Dom Pedro I, o herdeiro da coroa portuguesa que o enforcara e esquartejara, proclamava a Independência do Brasil. Prova irrefutável de que os propósitos de Joaquim José da Silva Xavier haviam sido plantados em terra fértil e frutificados. A sementeira não só proporcionou a conquista da nossa independência, como deu um imenso passo adiante na marcha da Humanidade, algo que lhe devemos, até hoje, por alguns dos benefícios políticos que gozamos.

Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, também tinha outras alcunhas como “o Corta Vento” e “o Liberdade”. Foi taxado traidor pelo governo português da época, porém, para os brasileiros é um dos maiores heróis nacionais, idealista e líder, com caráter ímpar em face do julgamento e da morte, apesar de alguns historiadores considerarem-no simples figurante numa conspiração de bacharéis ricos e poderosos, que ficou conhecida como Inconfidência Mineira. Na verdade, o que se atesta, é que foi um homem leal, de espírito inquieto. Joaquim José da Silva Xavier, reinterpreta um arquétipo simbólico do mito do herói, com uma ação política que o tornaria exemplo para todos aqueles que no curso dos anos se dispuseram a libertar o Brasil do jugo de Portugal. A imagem, do fenômeno Tiradentes, está implantada no âmago do povo como um mito de origem e do herói de Vila Rica. É, oficialmente, o PATRONO CÍVICO DA NAÇÃO BRASILEIRA!

A maioria dos movimentos rebeldes, que eclodiram no Brasil Colonial, não teve por objetivo central a independência, mas sim, outros objetivos, principalmente relativos a impostos e confiscos. Três desses movimentos, entretanto, tinham interesses separatistas e republicanos, e, os três foram denunciados por traidores: INCONFIDÊNCIA MINEIRA, que obteve maior notoriedade, a INCONFIDÊNCIA CARIOCA e a INCONFIDÊNCIA BAIANA, menos conhecidas. Inconfidência quer dizer crime de lesa-majestade; os vassallos juram defender o seu rei e dar a vida por ele, e, quando o vassallo cometia perjúrio, ou faltava ao juramento, praticava crime de inconfidência. Sabe-se, contudo, que nenhum dos movimentos chamados “nativistas” tinha ambições nacionais entre seus integrantes, pelo simples motivo de que não existia ainda, um sentimento de “nação brasileira”, já que essa idéia só foi construída durante o governo e D. Pedro II (1840-1889). Entende-se porém, que esses movimentos são um momento de expressiva beleza na luta pela independência do Brasil, ocorrido nas duas últimas décadas do século XVIII, vistos pela ótica ufanista.

A Inconfidência Mineira ou Conjunção Mineira é uma das mais controversas passagens da história do Brasil. Não restam muitas informações e documentos a respeito de seus

participantes, a não ser alguns relatos oficiais produzidos pelos juizes do governo colonial de então. Muito existe ainda a ser esclarecido acerca dos fatos ocorridos, em Vila Rica, envolvendo pessoas de grande fortuna e alta posição na cidade, numa conspiração contra Portugal. Há, também, o agravante das versões apaixonadas produzidas por monarquistas e republicanos nos anos que se sucederam aos acontecimentos as quais comprometem uma visão isenta sobre como tudo de fato aconteceu. Podemos, entretanto, dizer que pela condição de movimento nativista como pela ação desenvolvida, em nome de uma ideologia liberal, por alguns dos seus participantes, a Inconfidência Mineira constitui página de especial menção na evolução histórica do Brasil. Alguns pretendiam, mesmo, eliminar a dominação portuguesa e criar um país livre, no Brasil. Para os ensinamentos didáticos, a imagem de Tiradentes ficou sagrada como mártir e a idéia de que o movimento de rebeldia fora precursor da Independência do Brasil.



O movimento foi uma conspiração elaborada por parte da oligarquia de Minas Gerais entre os anos 1788 e 1789. Aprofundada em altas dívidas, sem condições de saldar os tributos, e, descontentes com a reforma administrativa a ser promovida na capitania pela Coroa Portuguesa, que lhe tiraria os privilégios, a elite mineira antevia na independência uma solução para os problemas. Boa parte dessas pessoas tinham educação e cultura acima dos padrões comuns à época, quase todos, contudo, cheios de ambição e muito habituados à prática de atos de corrupção e suborno que comprometiam as próprias autoridades locais. Esse grupo, que incluía homens de negócio, proprietários rurais, clérigos, militares e vários políticos, se protegiam clandestinamente e davam apoio aos idealistas: caso estes fossem descobertos, seriam eles os punidos pela repressão colonial portuguesa.

Havia outros fatores que contribuíam com a situação crítica da economia. Um deles se relacionava com o apetite fiscal da Coroa Portuguesa ser tão grande quanto a dificuldade em pagar suas dívidas com a Inglaterra. Portugal quase nada produzia além

de vinhos e quinquilharias. O governo português comprava dos britânicos quase tudo o que consumia. O ouro do Brasil era a principal moeda de pagamento, mas, a partir da segunda metade do século XVIII, já dava mostras de esgotamento. A influência das ideias do Iluminismo e a notícia da Declaração de Independência do Estados Unidos da América (1776) serviram, igualmente, para alimentar os sentimentos de revolta contra os governantes. A tática, para atrair a simpatia do povo, pregava que o levante deveria ocorrer quando o governo colonial aplicasse a derrama (Cobrança extraordinária de impostos, tributos em atraso e confisco de bens.).

A voracidade fiscal e a tirania do governo revoltavam o povo, que sofria as consequências indiretas do confisco que atingia os mais ricos. Comércio, lavoura e pecuária também eram tributados. Os que não pagavam podiam ser presos e até degredados. Entretanto, antes de levar a efeito a rebelião, propriamente dita, a oligarquia mineira passou alguns anos tentando negociar com a Corte uma solução econômica e a manutenção dos privilégios na administração da capitania. (Um contra-senso, pois esses privilégios onerariam, ainda mais, a população!) Sem, contudo, obter êxito, tramaram um levante separatista, inspirado nos ideais do Iluminismo, propondo a constituição de um estado republicano. A insurreição previa a mobilização de tropas, que estavam sob o comando dos militares que aderiram à conspiração, para a tomada do governo da capitania. Todavia, aconteceu algo inesperado: a suspensão da derrama, pelo governo colonial, e a traição cometida por um dos inconfidentes. Todos os participantes foram presos!

Dentre todas as personalidades importantes do Brasil, TIRADENTES é, inegavelmente, um dos seus maiores heróis! É citado com frequência como mártir, porém, o melhor adjetivo para esse homem é HERÓI! Líder da Inconfidência Mineira, seu verdadeiro nome era Joaquim José da Silva Xavier. Nasceu na Fazenda Pombal, em Vila de São José (atual de Tiradentes) e São João Del Rei, Minas Gerais) em 12 de Novembro de 1746, entretanto foi criado na cidade de Vila Rica (atual Ouro Preto). Seus pais foram Domingos da Silva Santos e Maria Antônia da Encarnação Xavier. A família de Tiradentes possuía terras e lavras de ouro e pertencia à nobreza mineira, classe que dirigia a região. Tiradentes fez de tudo antes de ser ativista político: foi ourives, mascate, tropeiro, negociador de ouro, dentista, topógrafo e militar como alferes, posto hoje equivalente ao de subtenente; apesar de instrução muito sumária, tinha o dom da oratória e era, também, um autodidata. Tiradentes nunca se casou, mas manteve caso com duas mulheres e deixou descendentes. Teve dois filhos: João, com a mulata Eugênia Joaquina da Silva, e Joaquina, com a ruiva Antônia Maria do Espírito Santo.

Em Primeiro de Dezembro de 1875, Tiradentes conseguiu ingressar, diretamente, no posto de alferes no Regimento dos Dragões de Minas Gerais, cavalaria, nomeado comandante de patrulha, cujo soldo era pago pela coroa portuguesa.



Suas tarefas, como comandante de patrulha, incluíam viagens pelo interior nas quais constatou a situação de miséria em que viviam os moradores por onde passava. Isso foi um dos argumentos que lhe serviu, mais tarde, para pagar o seu idealismo.

Com licença do governo da Capitania, Tiradentes vai ao Rio de Janeiro para tratar com o Vice-Rei sobre propostas relativas à melhorias para a cidade de Vila Rica. Enquanto aguardava o despacho da papelada, por parte do Vice-Rei, começou a travar conhecimento com inúmeros compatriotas que regressavam da Europa, cheios de entusiasmo com ideias absorvidas da Revolução Francesa e do Iluminismo. (Iluminismo foi um movimento que surgiu como uma filosofia de crítica ao Antigo Regime, na França, que pregava a razão como método, defendia a igualdade perante a lei, e a liberdade de mercado e criticava o absolutismo de direito divino.) Dentre essas pessoas achava-se o Dr. José Alves Maciel, formado em Ciências Naturais pela Universidade de Coimbra, fervoroso orador, e, que estava imbuído em incutir, na população mineira, as ideias republicanas. A França desse período era, juntamente, com os Estados Unidos da América, um dos centros irradiadores das ideias de democracia contemporânea, embora ainda escravistas independentes desde 1776. Foi a Revolução Francesa quem inventou a democracia moderna, e, com a Revolução Industrial, na Grã Bretanha, marcou o início do mundo moderno. O ideário de revolução se espalhava pelo mundo, inclusive na América do Sul. Em Montpellier, França, os estudantes brasileiros José Mariano Leal e José Joaquim Maia, se dirigiam ao próprio Thomas Jefferson para pedir apoio americano à causa da Inconfidência Mineira. As orientações que recebiam, eram retransmitidas aos inconfidentes. Ainda na França, vários estudantes brasileiros filiavam-se à Maçonaria, vital centro de propagação das ideias libertárias. O inconformismo com a situação econômica, as informações sobre as revoltas na França e na América do Norte e a ideologia iluminista infiltrada pela Maçonaria, na comunidade mineradora, fazem nascer no seio de Vila Rica a consciência revolucionária. Várias camadas da sociedade conspiram e tramam a conjuração mineira em favor do ideal libertário, com vistas à separação da colônia de Portugal opressor e à proclamação da independência do Brasil. Embora não seja explorado, devidamente, nos livros de história, há fortes indícios da contribuição da Maçonaria na formação do país.

*\*Excerto de texto extraído de publicação “Tiradentes um maçom, ainda que tardio”, de autoria de E. figueiredo.*

*(Continua na próxima edição...)*



**opinião**

## TOLERÂNCIA: UM ATO CONSCIENTE

Flávio Roldão | Cadeira nº 11

A história da humanidade é composta por variados episódios, nos quais as expectativas cunhadas em torno da tolerância foram desconsideradas ou sequer compunham o quadro de valores e crenças daqueles agentes intervenientes. Entre os reflexos, colhem-se substantivos que guiam atos de repulsa entre os sujeitos (emissor e receptor), não propiciando a reflexão consciente e desprendida das pretensões de um ou outro quanto à posse da verdade “absoluta”. Para tanto, necessário se faz ter plena consciência de que divergências existem e existirão, impondo aos atores sociais prover as devidas operações mentais (afetivas e espirituais), com o fito de nutrir os seus corações com bons fluídos, colhendo, ao fim, campo fértil para o amor, o respeito mútuo, a fraternidade e, sobretudo, a tolerância.

Tanto o é que instigamos os leitores a oferecerem respostas às seguintes questões: No seu “espelho”, há o reflexo de uma “pessoa tolerante”? Conviver com

“pessoa intolerante”, é possível? Como lidar com as “diferenças”? Como agir, estando em uma “situação intolerável”?

Assim o sendo, em seu ato contínuo de lapidar-se, o sujeito consciente do seu espaço manterá sua permanência no coletivo, sob os auspícios da temperança, exercitando continuamente o sentimento profundo do dever, conjugando o verbo tolerar em atenção à rede de significados (re)construída socialmente dia-a-dia, fruto das interações daquele com o seu coletivo.

Quanto aos significados projetados quando do ato de tolerar, constatada foi a sua conexão com a capacidade de os sujeitos (emissor e receptor) se manterem em seus locais de fala em situação de “afrontamento”, sem, contudo, externalizarem reações adversas ao outro, com o condão de não a aceitar, escorçando a eventual construção do consenso.

Como dito alhures, é possível recapitular registros, ao longo da evolução histórico-social da

humanidade, nos quais os contributos projetados em torno da tolerância, aos olhos daqueles que os protagonizavam, ou foram inviabilizados ou estavam invisibilizados. Tais registros haveriam de servir como aprendizado maior para a civilização vindoura: fato é que reiteradamente, graças à capilaridade da comunicação, têm-se notícias que reportam cenários lamentáveis, sendo a intolerância a sua grande protagonista.

Nesta linha, acredita-se que a tolerância assume papel estratégico quando da resolução de conflitos; todavia, demanda empatia, resiliência e humildade de seus agentes intervenientes: não cabe a cognição de um ou outro sujeito deter, ou ser, a “verdade universal”, pela própria precariedade da natureza humana. Portanto, toda humanidade deveria banir ações (do) ou não-ações (do nothing) que promovam o ódio, a vingança, a indiferença, a vaidade, o conflito, entre tantos outros que impedem a manutenção de lugares de falas propícios à discussão de pautas mais sensíveis, sem que incorra em tensões que gerem o escoamento de um ou outro elo da corrente social.

Por fim, se nós compomos a gênese da sociedade presente, e lançamos sementes para o porvir, instigamos os leitores a uma última reflexão: o que podemos efetivamente fazer em prol da tolerância, considerando a nossa coexistência, mansa, pacífica e harmoniosa?



**crônica**

## BASTIÃO COMANDOU UMA ORQUESTRA DE CARROS DE BOIS

Hélio Moreira | Cadeira nº 27

Já passava das seis horas da tarde quando pararam; o sol que já começava a se esconder por detrás do espigão mestre, embora não mais exibisse o seu disco por inteiro, ainda mostrava a força da sua pujança: emitia uma claridade tão intensa que desafiava a escuridão da noite que se aproximava. Esta, por sua vez, não tinha pressa, aguardava com serenidade a sua hora de dormir a natureza com a sua presença, sabia que era uma questão de tempo o término do lusque-fusque.

Nestas horas, não se sabe bem por que, os viajantes que percorrem os gerais do sertão parecem que são atacados por um banzo que não tem explicação razoável, tendo em vista que todo aquele eito sem fim lhes pertence.

Eram três os cavaleiros que estavam cavalgando desde manhã cedo, campeando um garrote nelore que fez uma arribada quando o gado já estava chegando ao curral; embora o trabalho de procurar rês extraviada possa parecer monótono, os peões gostam deste serviço, pois nestas horas, andando de “pareio” e mantendo a marcha na mesma toada lenta, conseguem colocar o proseado em dia.

Do local onde pararam dava para avistar a sede da fazenda; Batistão tomou a iniciativa de dar a voz de comando:

– Vamos descansar um pouco, esperar escurecer para valorizar nosso serviço junto ao patrão; os outros dois concordaram, apearam dos seus cavalos, prenderam as rédeas em um toco de pau e se sentaram nos respectivos calcanhares.

Boizinho igual a este não serve de “jeito maneira” para uma junta de boi de carro: – é muito nervoso, até um pouco azaranzado, afirma o Batistão sem olhar para os companheiros e com ares de entendido no assunto – prá dizer a verdade, boi nelore não serve para puxar carro de boi, prá mim só serve o zebu ou o caracu.

Na hora de atrelar o carro pode ser um sofrimento, se os bois não são de serventia; “encangar” boi que te conhece pela voz é café pequeno, basta um gritinho, sem exagero e uma chacoalhada das argolas da vara de

ferrão – encosta maiado! Apruma barroso! “Endireita” matão! e os bichos vão chegando; nesta hora o candeeiro, o menino-guia, enlaça a sogá nas aspas da parelha e, nos finalmente, prende o cambão. Tempo bom!

Os companheiros escutavam o proseado do Batistão no maior silêncio, esperando que ele continuasse o seu lengalengar que sabiam ser demorado; Batistão estava orgulhoso por ser observado, falava com sentimento e com o olhar perdido no horizonte; olhou para os dois companheiros, deu uma revirada na aba do chapéu e continuou:

– Deracino, eu sei que já lidou com carro de boi, foi carreiro, num sei se o Léozinho já; acho que não tem coisa mais bonita do que o cantar de um carro de boi de seis a oito juntas, carregado de milho na espiga; se estiver entardecendo e um ventinho sem valentia, sem assobio, vier batendo de manso na cara do carreiro este não sabe se presta atenção no barulho das folhas das árvores, no canto dos passarinhos que procuram, junto com o companheiro, o local de pouso ou na afinação da melodia que vem do jeremiá das rodas do carro cantador – ehn-ohn... ehn-ohn...

Hoje em dia tem pouco carro de boi por estas bandas, na verdade até o boi da raça zebu esta escasseando, num sei onde o mundo vai parar, mas que dá saudade, isto dá; da mesma maneira que a rapaziada hoje em dia inventa moda com as motocicletas barulhentas e enfeitadas, nós, do nosso tempo, “enfeitava” o carro de boi e caprichava no seu estilo de cantar.

Minha mulher não gosta que fale, fica meio envergonhada, porém acredito que ela só enrabichou em mais eu, por causa do cantado do meu carro de boi; vou explicar, porque sei que vocês estão querendo saber.

Era um dia de festa na casa dela, era um mutirão que o seu pai, o finado Marrequinho, organizou para capinar o seu milharal; convidou um mundéu de gente e eu que já estava de “zóio” no pedaço de mau caminho da filha dele, não podia faltar.

Combinei com alguns companheiros carreiros e resolvemos chegar todos juntos, eu puxando o grupo; eram seis carros de bois, cada um com seis juntas,

todos enfeitados com fitas coloridas que ficavam esvoaçando no ar; de longe dava aparência de ser um bando de maritacas batendo asas e tentando imitar o cantar do cocão.

Escolhi os companheiros “a dedo”, de acordo com a espécie da madeira do cocão, para não repetir o mesmo cantar; o meu carro tinha um cantar parecido com uma gaita, alternado com a imitação do canto da juriti; os outros foram colocados intercalados, um imitava um assobio, outro era o estradeiro que é um canto forte e continuado, “aporem”, sem mudar o tom e que fazia fundo com o resto da orquestra.

Eu, pessoalmente, fiz a afinação de “prima e bordão”, com arrocho ou folga das cunhas do cocão e principalmente do chumaço que calça a cheda e sempre dei preferência para o eixo feito de pau-d’arco, pau-pombo e de sucupira, que era o meu favorito, principalmente se nascido em grotas.

Como era festa, escolhemos, para enfeitar nossa “papagaiada”, apenas um menino como candeeiro que corria de um carro para o outro e, nestas corridas, as fitas de várias cores que enfeitavam seu chapéu, tremulavam com o vento, untando as “cantadeiras” de acordo com a necessidade; a qualidade do azeiteiro, que ficou no recavém do meu carro, ficou por minha conta, usei somente “óleo de coco da Bahia” que deixa o canto mais sonoro.

Para dizer a verdade, estava feliz! Ainda tive fôlego, quando chegamos bem na frente da casa do Senhor Marrequinho, fiquei de pé na mesa do carro, falei sem olhar para “ela”:

De longe eu vim

Participar deste mutirão

Quando voltar levo saudade

Aqui deixo meu coração.

Todos notaram que Batistão deu uma engasgada, podia-se ver que seus olhos estavam rociados de lágrimas!




**galeria poética**

**O QUE BUSCAR**

Adilson Zotovici  
Colaborador

Não sinto ser a verdade  
Latente num iniciado  
Patente e continuado .  
O instinto da curiosidade

Comum ao sindicato  
Indagar com propriedade  
Lugar nesta fraternidade  
Ao crescimento sonhado

Quiçá à nova amizade  
E seu padrão elevado  
Em razão de observado  
Crescimento na sociedade

No tradicional enunciado  
Sua inalterabilidade  
Fazer crescer a humanidade  
Pelo amor cabal e elevado

Estudar, pesquisar, com vontade  
Atitudes ao Instituto Sagrado  
Por virtudes ser consagrado  
Que evolução...a finalidade!


**O CÃO**

Antônio Victor | Colaborador

O cão que ladra  
na madrugada silente  
ladra os tempos idos de uma crian-  
ça inocente.

O cão que ladra  
nos grotões da minha vida  
é o mesmo cão que, um dia,  
lambeu as minhas feridas.

O cão que ladra  
tão distante, tão doído,  
ladra a remota lembrança dos  
meus dias esquecidos.

O cão que ladra,  
tentando espantar meus medos,  
ladra a velha carruagem dos meus  
medonhos segredos.

O cão que ladra,  
a inquietar meus fantasmas,  
desarticulou meus nervos e mor-  
deu a minha alma.


**NÃO VOU-ME  
EMBORA PRA  
PASÁRGADA**

Castro Filho | Cadeira nº 14

[Parafrazeando o grande Manoel Bandeira]

Pra Pasárgada, não... não vou-me embora;  
Também lá, não sou amigo do rei,  
Que, se existe, em verdade não sei,  
Nem, tampouco, quero saber agora.

Ir pra Pasárgada! Coisa de poeta...  
Desejo efêmero, passageiro,  
Sair daqui, ir para o estrangeiro,  
Vontade nenhuma se me injeta.

Resulta isso de decepção recente,  
Fruto de resultado inesperado,  
Que deixou meio mundo inconsolado,  
Surpreendeu todos ou a muita gente!

Nem por isso meu País deixarei,  
Aqui, ainda canta o sabiá!  
Por ele, hoje, amanhã, tudo farei,  
Não importa o que venha acolá!

Pasárgada! Onde fica, nem sei...  
E, também, não me interessa saber.  
Ir para lá, não iria querer,  
Afim, nenhum bem por lá deixei.

Sou mineiro, mas bem goianizado.  
De Tiradentes, coestaduano,  
Por Cora e Élis, me fiz goiano.  
Resumo: brasileiro... pé rachado!



## DA CRÍTICA

João Batista da Silva Paiva  
Colaborador

Ó tal Crítica Ferina	Melhor saber Atribuir
Ou mesmo Velada	A si mesmo, o Corrigir
Chama-na Cretina	E a orientar na Elevação
No dizer, Debelada...	Que faz que se Enobrece
A criar um Dissabor	A todo Aquele que Carece
E um mal causador	Enaltecer no que Merece
De discórdia e desunião	Elucidar no que esclarece



## CASTIGO

Anderson Lima da Silveira  
Cadeira nº 02

Preciso de tempo...  
Um dia, talvez...  
Um dia para enxergar o que ainda não vi:  
Gestos de ternura, acariciando sem temor  
Mãos agradecidas, estendidas sem dor  
Olhos encantados, contemplando sem pavor  
Bocas saciadas, convidando sem rancor

Um dia para escutar o que ainda não ouvi:  
Vozes retumbantes, dissolvendo ilusões  
Gritos inocentes, desconcertando perfeições  
Sinos escandalosos, denunciando armações  
Tambores furiosos, enlouquecendo multidões

Um dia para desejar o que ainda não toquei:  
Almas tatuadas, invocando orações  
Corpos incendiados, devorando emoções  
Cortinas invisíveis, protegendo mirações  
Sonhos fraturados, profetizando devoções  
Talvez, um dia...  
Uma manhã  
Uma tarde  
Uma noite  
Uma hora  
Um segundo  
Uma eternidade  
Talvez...



## OS MAÇONS SÃO ANJOS DE UMA ASA SÓ

Glauber Rogeris Nunes | Colaborador

O tempo é de disputa  
Como maçons não fugimos da luta  
A luta profana tende a dividir  
Na sublime ordem, a luta deve nos unir  
Se o debate eleitoral vier a se acirrar  
Lembremos: Os maçons são anjos de uma asa só  
Segurando na mão do irmão, conseguimos voar

Desde o início dos tempos  
Quando havia somente o caos  
O homens de bem, sempre venceram os maus  
Aqui a guerra é no campo do debate  
Não deve existir a hábito de insultar  
Lembremos: Os maçons são anjos de uma asa só  
Segurando na mão do irmão, conseguimos voar

Dois lados, possuem diferentes visões  
Que brotadas nos corações  
Nos são apresentadas  
Se no passado, ocorreu alguma ferida  
É normal do exercício da vida  
Tão logo ela deve cicatrizar  
Lembremos: Os maçons são anjos de uma asa só  
Segurando na mão do irmão, conseguimos voar

Não importa quem no trono de Salomão esteja sentado  
Que seja sempre um homem centrado  
Que repasse a sabedoria, de leste a oeste  
Pois a luz vem a advir do verdadeiro Mestre  
Que a todos deve iluminar  
Lembremos: Os maçons são anjos de uma asa só  
Segurando na mão do irmão, conseguimos voar

Na maçonaria por ser uma democracia  
Não tenho adversário, vejo no outro um irmão  
Ponderemos nossas palavras  
Ou controlamos nossos atos, ou eles nos controlarão  
Façamos isso com diligência  
Para evitar magoar  
Lembremos: Os maçons são anjos de uma asa só  
Segurando na mão do irmão, conseguimos voar

As eleições findaram no mês passado  
E para o nosso bem  
Escolhemos as luzes que nos guiarão nos caminhos escuros  
Que sejam homens que construam pontes e não levantem muros  
Para a alma de todo maçom goiano poder elevar  
Se nos esquecermos um dia de nosso dever  
Não podemos jamais esquecer  
Repetindo o mantra venhamos a nos lembrar

Os maçons são anjos de uma asa só  
Segurando na mão do irmão, conseguimos voar



**crônica**

## AGORA QUE ESTOU VIVO

Getúlio Targino Lima | Cadeira nº 13

É claro que sempre foi assim a surpresa da morte. Mesmo quando quem atravessou este portal da matéria para o espírito o fez já entrado em anos, ou depois de longos padecimentos físicos, a morte sempre nos surpreende, porque, ao que parece, sofremos da síndrome da eternidade e nos sentimos como se fôssemos para sempre.

Mas de um certo tempo para cá, é como se o ritmo e a frequência presencial da incômoda ceifadora tivesse se acelerado (como de resto tudo se acelerou nestes tempos modernos), de tal arte que somos informados da presença dela com sua inusitada e dolorosa chegada nas vidas de pessoas muito queridas, ou quando não, muito novas, ou ainda sem que pudéssemos atinar com o motivo suficiente para sua aparição naquele dia, naquele lugar, diante daquela pessoa (como se a morte tivesse que obedecer a nossa vontade ou o calendário de nossos interesses).

Aí, desandei a pensar sobre coisas evidentes, frases de lógica gritante, mas sobre as quais não pensamos ou passamos ao largo.

Bariani Ortêncio, velho amigo e confrade, afirma com segurança: Homenagem tem que ser em vida do homenageado. Depois de morto, não adianta nada. E isto que é de uma racionalidade primária nem sempre ocupa lugar de destaque em nossas decisões. Se queremos homenagear alguém, façamo-lo enquanto está vivo, forte, capaz não só de entender mas de vibrar conosco pelo presente recebido.

Ficamos, muitas vezes, postergando o que devia ter sido ontem, sempre para amanhã, quando a incerteza do futuro é igual, em significado e evidência, à certeza do passado.

Daí, saindo do plano impessoal e aplicando a lição à minha própria vida, se desejo oferecer uma flor a alguém, que o faça enquanto está vivo. Será melhor do que mandar-lhe uma rica coroa de flores em razão de seu falecimento. Surtilará mais efeito. Se quero louvar o trabalho ou a atitude de uma pessoa, que o faça logo, enquanto em vida, pois será muito mais valioso do que, após sua morte, vir, em prantos, lamentar não haver tomado tal atitude enquanto vivia o autor do trabalho ou da atitude tomada.

Se estou por responder o pedido de perdão formulado por quem me ofendeu em algum momento da vida e agora está envergonhado, é melhor fazê-lo logo, enquanto está conosco, do que, choroso, após a sua morte, vir confessar o meu desgosto por não haver atendido a voz da conciliação, enquanto vivo o agressor arrependido.

Se sentir desejo de abraçar um amigo ou uma amiga, de modo afetuoso e terno, que o faça logo, enquanto está entre nós. Será melhor do que debruçar-me sobre seu corpo gelado, no velório.

A gentileza, o gesto de confraternização, o reconhecimento do valor do outro, a ação digna e humana que facilita e ameniza o jornadeado desta vida que nos leva tantas vezes a caminhos inóspitos devem ser praticados sem retardos e sem adiamentos.

O bem a ser feito não pode se sujeitar a nenhuma condição, principalmente a do tempo, pois do tempo não somos senhores. Ao contrário, somos, dolorosamente, servos.

Por isto, o bem que desejamos de coração fazer a alguém deve ser executado sem delongas, sem esperas, porque estas esperas costumam gerar, como as que se dão nos hospitais públicos e nos serviços de saúde custeados por nosso dinheiro, mas sob o comando do Estado, mortes antes do atendimento.



**reconhecimento**

## SOB NOVA DIREÇÃO

Antônio Leite | Colaborador

Delegado Litúrgico  
e Membro Efetivo do Supremo  
Conselho do Brasil do Grau 33  
para o Rito Escocês Antigo e Aceito

Omês de junho, tão caro para a maçonaria, por ser, entre outros, o mês em que se comemora a data dedicada a São João Batista, a quem consideramos o padroeiro da Ordem no Brasil, terá, este ano de 2023, uma importância ainda maior para os maçons do Grande Oriente do Brasil e seus Orientes Estaduais. Para Goiás, é um momento de especial celebração e também de se trabalhar com mais afinco pelo engrandecimento da maçonaria goiana.

Nós, os “gobianos” sabemos que as eleições para o Grão Mestrado Geral, nosso poder central em Brasília, são a cada 5 anos e os Grão Mestres Estaduais têm mandato de 4 anos, portando, a coincidências de pleitos ocorre a intervalos de duas décadas. Esta coincidência deu-se agora em 2023. Tivemos eleições a nível nacional e também nos Estados.

Naquilo que consideramos uma demonstração de reconhecimento pelo trabalho desenvolvido ao longo de uma jornada dedicada ao GOB, o irmão Ademir Cândido da Silva, atual Grão Mestre Adjunto, foi eleito em chapa única como o novo Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil, tendo como seu Adjunto, o irmão Adalberto Aluísio Eyng Júnior, de Santa Catarina.

O futuro Grão Mestre Geral traz consigo a experiência de ter sido o Adjunto nos últimos 5 anos e ainda o fato de ter reunido em torno de si o apoio do povo maçônico do GOB, cancelando sua pretensão, coroada de êxito, de suceder ao goiano Múcio Bonifácio Guimarães, que com energia e sensibilidade, soube transformar o ambiente acalorado que recebeu em seus primeiros meses de grão mestrado, numa federação coesa, que se supera a cada dia e ruma a passos firmes para superar as dificuldades pelas quais atravessou há alguns anos.

Em Goiás, a democracia maçônica permitiu que após uma disputa aberta, justa e limpa, ao irmãos Ari de Oliveira e Alex Wallace Silva Costa, fossem eleitos Grão Mestre e Grão Mestre Adjuntos, tendo como oponentes os irmãos Antonio Torquato e Lenine Barsanulfo. Prevaleceu a vontade soberana dos maçons do GOB Goiás e, sem a menor dúvida, qualquer que tivesse sido o resultado, os destinos da maçonaria goiana estaria em mãos competentes, serenas e dedicadas.

Nós, que ora representamos em nosso Estado o Supremo Conselho do Brasil do Grau 33 para o Rito Escocês Antigo e Aceito, temos a grande satisfação e a honra de ter em nossos quadros os Grão Mestres que em breve assumirão os destinos de nossas Oficinas Simbólicas espalhadas por todo território goiano e seguramente manteremos o convívio harmônico, respeitoso e acima de tudo, produtivo e que visa o engrandecimento do ideal e da filosofia maçônica em geral e do Rito Escocês em particular.

Nestes tempos de enormes transformações da sociedade, das relações humanas e dos costumes, a maçonaria não pode deixar de também se transformar para que continue dando respostas e oferecendo sempre um caminho libertário e modernizante às cada vez mais complexas questões sociais, humanas e filosóficas que se apresentam em velocidade e profundidade cada vez maiores.

Para os irmãos, Ademir, Adalberto, Ari e Alex, nossos votos que os líderes que em breve assumirão seus encargos como timoneiros de nossa Ordem tenham a sabedoria, a força e a inteligência para conduzir os destinos da instituição, propiciando um ambiente de paz, harmonia e concórdia, para que a eterna construção do homem e da sociedade, proposta primeira da maçonaria.



Mulheres...

“Amar é com-prazer-se no belo, numa aventura heróica e insuperável.

A piedade supõe uma condição de superioridade e a gente só pode se compadecer de quem sofre mais do que nós. A vida é uma tarefa que não pode ser dividida com ninguém!

RAQUEL DE QUEIROZ



## educação&cidadania

# O ENTRELAÇAMENTO DE EDUCAÇÃO, CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS – II

José Mariano Lopes Fonseca | Cadeira nº 06

todo homem tem direito à liberdade de opinião e expressão; este direito inclui a liberdade de, sem interferências, ter opiniões e de procurar receber e transmitir informações e idéias por quaisquer meios (...). Essa liberdade é um espaço que deve sempre ser revisto.

Essa é a chamada educação informal, que acontece fora da escola. A educação formal é dada na escola – lugar onde se aprende o conhecimento acumulado pela humanidade – e completará a formação educacional da criança e do jovem. Tanto a educação informal quanto a formal são importantes na vida de qualquer pessoa. Por essa razão, inclui-se o direito à educação, tanto na família quanto na escola, como um direito fundamental do ser humano.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), em seu artigo 26 (itens 1 e 2), atribui a todo ser humano o direito à instrução, e esta deve ser orientada para o pleno desenvolvimento da personalidade humana e do fortalecimento do respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais.

O processo educacional necessita estimular o raciocínio, a crítica, evitando dessa forma, um processo que formate as crianças tornando-as passivas. A capacidade de pensar com clareza, agilidade e principalmente, com espírito crítico, deve ser o produto principal de uma educação formal.

A educação deve orientar-se para o pleno desenvolvimento da personalidade humana e do sentido de sua dignidade, e deve fortalecer o respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais. “Pacto Internacional de Direitos Econômicos, Sociais e Culturais”. Art. 13, I, 1998, p. 35. Conforme Brandão (1995, p. 63):

**Educação, do latim ‘educare’, significa extrair, tirar, desenvolver. Consiste, essencialmente, na formação do homem de caráter. A educação é um processo vital, para o qual concorrem forças naturais e espirituais, conjugadas pela ação consciente do educador e pela vontade livre do educando. Não pode, ser confundida com o simples desenvolvimento ou crescimento do seres vivos, nem com a mera adaptação do indivíduo ao meio. É atividade criadora, que visa levar o ser humano a realizar a sua potencialidade física, morais, espiritual e intelectual. Não se reduz à preparação para fins exclusivamente utilitários, como uma profissão, nem para o desenvolvimento de características parciais da personalidade, como um dom artístico, mas abrange o homem integral, em todos os aspectos de seu corpo e de sua alma, ou seja, em toda a extensão de sua vida sensível, espiritual, intelectual, moral, individual, doméstica e social, para elevá-la, regulá-la e aperfeiçoá-la. É processo contínuo, que começa nas origens do ser humano e se estende até a morte.**

A mais alta função da educação consiste em produzir um indivíduo integrado, capaz de entrar em relação com a vida como um todo. Assim, a educação associa-se, pois, a processos de comunicação e interação pelos quais os membros de uma sociedade assimilam saberes, habilidades, técnicas, atitudes, valores que existem no meio culturalmente organizado, e com isso, ganham saberes necessários ao dia-a-dia. Assim, todos os conceitos de educação estão voltados para a espécie humana, pois é um processo pertencente somente ao homem e, que tem por objetivo um determinado fim: formar cidadãos críticos, participativos e que possam ajudar na construção de uma sociedade melhor. Sobre a função da educação, Meksenas (1995, p. 36-37) aponta que

**uma das tarefas da educação nas sociedades tem sido a de mostrar que os interesses individuais só se podem realizar plenamente através dos interesses sociais.(...) a educação, ao socializar o indivíduo, mostra a este que, sozinho, o ser humano não sobrevive, ao contrário, o ser humano só desenvolve potencialidades em contato com outras pessoas, com o meio social. A convivência no grupo, por sua vez, só é possível se o indivíduo acatar certas regras comuns a todos,, se for capaz de “abrir mão” de alguns de seus desejos para ter outros, socialmente aceitos”. Durkheim percebeu que a convivência**

na sociedade é impossível sem a educação: (...) as gerações adultas, já socializadas e por isso já integradas a sociedades, exercem uma ação sobre as gerações mais jovens, procurando não apenas desenvolver o potencial da criança, mas, sobretudo, torná-la ser social através da inculcação dos valores sociais estabelecidos na sociedade. Uma função integradora é a educação (...).

Ao viver em sociedade, cada cidadão participa de diversos grupos, e é por intermédio dessas relações que os indivíduos experimentam os sentimentos de inclusão ou exclusão. Educar para a cidadania demanda revisão crítica dos pressupostos que norteiam a prática social de cada indivíduo imerso em um espaço onde convive a pluralidade ética, social, cultural, ideológica, religiosa, sexual, etária, entre tantas outras. Para que a liberdade se concretize, é necessário entender e admitir a pluralidade e a diversidade que convivem os mesmos núcleos sociais.

A aprendizagem da prática participativa é construída a partir de atitudes que se iniciam na família, são transportadas para as relações escolares e desta para a comunidade. O exercício da cidadania ocorre por meio de uma prática social participativa, empenhada em intervir na realidade promover transformações nos modos de agir e de pensar do indivíduo. Os espaços participativos devem se abrir para que a atuação social possa se comprometer com os princípios da liberdade, fraternidade e igualdade, pluralidade e da colaboração.

Finalmente, cabe à educação, como prática social que é, responder aos anseios, impor melhoria na qualidade de vida dos seres humanos, participarem decisivamente dos caminhos, da conscientização e do pleno exercício da cidadania.

### Cidadania

Há algum tempo, o tema cidadania tem ocupado os meios da comunicação não só no Brasil como em todo o mundo. Expressões como “direito do cidadão”, “respeito ao cidadão”, “desrespeito à cidadania”, “educação para a cidadania”, “violação dos direitos do homem” e tantas outras são ouvidas e lidas com muita frequência, levando os educadores a refletirem sobre esse assunto.

O que exatamente significa cidadania? O que é ser cidadão? É direito de votar? É, mas não só isso. É ter direitos e deveres políticos e civis? É, também, as vezes, é tratada como nacionalidade; outras vezes, está associada ao lado positivo do homem em oposição à marginalidade, à não-cidadania. Em mais um sentido, utiliza-se cidadania como idéia de civilidade em oposição à rudeza. Quando se busca no dicionário o significado de cidadania e de cidadão, encontra-se: “cidadania: s.f. Qualidade ou estado de cidadão (...)”. “Cidadão: s.m. 1. Indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado ou no desempenho de seus deveres para com este. 2. Habilidades da cidade. 3. Pop. Indivíduo, homem, sujeito (...)”. (HOLANDA, 1986, p. 403)

Buscando ajuda na etimologia, vemos que a palavra cidadania vem de cidade, civitas, civilis. Cidadania, então, “é o ato pelo qual alguém se torna civil, habitante de uma cidade, participando de uma civilização” (LIBÂNEO, 1995, p. 16).

Contudo, qualquer sentido que se dê à cidadania, percebe-se que cidadania não é algo por si mesmo. Ela se realiza no homem, o cidadão. O cidadão dá existência de cidadania. A cidadania, por sua vez, identifica o homem, quer dizer, ela distingue os seres entre si, garantindo ao indivíduo a sua autonomia e, também, ao lado dessa particularização, ela o inclui como elemento de um grupo, de uma sociedade, do estado.

Tratar de cidadania, então, envolve tratar das relações do cidadão com o Estado, representando os valores e as significações. Há de se incluir nessa dinâmica de relações as condições políticas, econômicas e sociais daquele momento histórico.

Na Grécia, exercer a cidadania era praticar virtudes cívicas da sabedoria, da temperança e da justiça. Ser cidadão era ter virtudes práticas e morais para

conviver numa comunidade, era pertencer à Cidade-Estado, partilhando um determinado conjunto de valores culturais que possibilitavam a convivência na polis. A cidadania estava ligada ao surgimento da vida na cidade e na atuação de cada indivíduo tanto na vida pública como na particular. Buscava-se viver na polis uma relação de iguais, muito embora mulheres e escravos não fossem considerados homens livres.

Na Roma antiga, cidadão era a pessoa que ocupava uma determinada situação política. Tal posição na sociedade permitia-lhes ter e exercer direitos, como, por exemplo, ocupar altos cargos na administração pública e participar de atividades políticas. Era, por isso, chamado de cidadão. Segundo Ramos (1983, p. 824), os romanos ligados ao lado jurídico das questões, assim definia cidadania:

A cidadania (o status civitatis dos romanos) é o vínculo jurídico-político que, traduzindo a presença de um indivíduo a um Estado, o constitui presente este num particular conjunto de direitos e obrigações [...] A cidadania exprime, assim, um vínculo de caráter jurídico entre um indivíduo e uma entidade política: o Estado.

No entanto, como havia, naquela época, diferenciações sociais, nem todos eram considerados cidadãos, o que gerava discriminação e privilégios.

Os séculos XVII e XVIII foram marcados por diferenciações entre as pessoas. A participação política era exclusiva dos proprietários de terra, os nobres, que eram isentos de pagar impostos. As outras pessoas, chamadas de comuns, dividiam-se entre ricos, os burgueses e pobres que viviam de seu trabalho, quer na cidade, quer no campo.

Com as revoluções burguesas na Inglaterra (1688/89) e, posteriormente, a Francesa em 1789, surge um novo conceito de cidadania, pretendendo eliminar os privilégios, buscando, assim, a igualdade de todos. A ideia de que todos os seres humanos nascem livres e são iguais passa a ser defendida, não haveria mais diferenças entre nobres e não-nobres, ricos e pobres, homens e mulheres.

Todavia, a luta pela cidadania não estava acabada. Houve deturpações, e novas discriminações, novos privilégios surgiram. O século XIX é marcado por lutas de mulheres, de pobres e outros grupos excluídos em busca de direitos iguais.

O século XX traz a cidadania como sinônimo de igualdade mais do que de liberdade. É a luta pelos direitos humanos: direito à igualdade sem distinção de raça, credo ou cor; direito ao corpo e a vida; direito a um salário que possibilite condições de uma vida digna; direito à educação, à saúde, à moradia. Mas, direito de expressar-se livremente, de lutar por seus valores, enfim, direitos que fazem parte da condição de existir, os chamados direitos fundamentais ou naturais do homem, a par do direito civil ou positivo que é o conjunto de leis que regem uma sociedade. Em contrapartida, cumpre lembrar que para haver equilíbrio da ordem social é mister que cada cidadão cumpra com seus deveres. Isso implica a existência de deveres do cidadão, quer dizer, a cada direito do indivíduo impõe-se aos outros indivíduos o dever de respeitá-lo. Portanto, o poder decisão tem de ser compartilhado. Para Raffestin (1993, p. 60):

O ideal do poder é jogar exclusivamente com símbolos. É talvez o que, por fim, torna real – o referencial – e trunfo imaginário – o símbolo. Esse aumento da distância é, de muitas maneiras, fatal: o modelo não e a realidade e, se o modelo – e por demais diferente da realidade, qualquer decisão se torna perigosa. Para além de uma certa distância, a que denominamos distância crítica, a percepção está a tal ponto deformada que a imagem sobre a qual se exerce a reflexão é puramente imaginária.

A ampliação dos direitos de cidadania não significa a redução de desigualdades. Bobbio (1992) aponta que, na história do direito, este nasce de uma concepção individualista e universal, que está expressa na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, considerada marco para a história do direito. Os direitos ampliam-se além do ideário naturalista. Criam-se direitos políticos e sociais. Nesta perspectiva, os direitos do homem ganham em concreticidade, mas perdem em universalidade, pois ficam restritos ao cidadão específico de uma nação. Por último, o autor situa a fase de internacionalização do direito que tem como marco histórico a Declaração Universal dos Direitos do Homem de 1948, que ressalta direitos individuais e direitos de todos os homens.

Continua na próxima edição...



**crônica**

## E AGORA JOSÉ?

Newton Agrela | Colaborador

Aos “Josés” cristãos, judeus ou de qualquer outra denominação religiosa no mundo, o que vale é que hoje, 19 de Março, este dia é seu!

O nome José em Português é a transliteração de YOUSEF em Hebraico, cujo significado é: “aquele que acrescenta”, fazendo uma referência a Deus. Interessante destacar que relatos históricos dão conta de que no início este nome era popular somente entre os judeus.

Porém no começo da Idade Média, e em especial no continente europeu, o referido nome começou a tornar-se mais frequente entre os cristãos especialmente na Espanha e na Itália em homenagem a São José.

Na Inglaterra, o nome começou a se popularizar após a Reforma Protestante, assim como na Alemanha e Holanda. A História ainda revela que o nome José começou a se tornar mais comum em Portugal em documentos datados da primeira metade do século XVI, na forma transliterada “Joseph”.

O nome em si, sempre esteve intimamente relacionado a um preceito divino, em razão de seu significado. Relatos bíblicos, dão conta de alguns personagens de destaque, fazendo referência no Antigo Testamento a José do Egito, como o décimo primeiro filho de Jacó e Raquel.

No Novo Testamento cita-se José de Nazaré, esposo de Maria e pai adotivo de Jesus. Posteriormente, reverenciado pela Igreja Católica como São José, declarado em 1870 pelo papa Pio IX como o patrono da igreja universal. E outro José de destaque é José de Arimatéia, um dos discípulos de Jesus. José ainda ancora o nome de inúmeros santos no catolicismo, via de regra como um agente toponímico, ou seja; fazendo referência ao nome de seus locais de respectivas origens.

As transliterações do nome Yousef em hebraico, ganharam as seguintes formas mais conhecidas: Giuseppe, em italiano, Joseph, em inglês, Jose em espanhol e José em português. Sob a égide da interpretação semântica e muito mais sob o ponto de vista das emoções humanas traços gerais do nome José ensejam as seguintes características: uma personalidade firme, uma pessoa que tem “os pés no chão”, resiliente, incansável e que precisa se esforçar mais que

os outros para conseguir o merecido reconhecimento.

Eis portanto, uma breve amostra do significado, da etimologia e do universo circunstante, que revelam características atinentes aos inúmeros Josés que compartilham de sua existência mundo afora. A própria Bíblia, e o Antigo Dicionário de Nomes Próprios, são fontes de pesquisa e apoio que serviram com base para a elaboração deste sucinto texto.



**artigo**

## A PRESERVAÇÃO DA TOLERÂNCIA

Carlos Roberto Neri Matos | Cadeira nº 35

Estimados irmãos, a humanidade vem passando a alguns anos por profundas transformações, muitas delas não muito atreladas aos nossos princípios maçônicos, mas temos de saber apreender e conviver com essas mudanças. Agora no meu modesto ponto de vista o que não se pode admitir é a intolerância entre irmãos simplesmente porque possuem opiniões diferentes das nossas.

Trazendo para o presente vemos muitos grupos formados por maçons, ressaltados os criados para descontrair e brincar, sendo inundados por manifestações completamente não maçônicas, contrariando tudo que aprendemos em nossa subida na escada de Jacó. Me atarei por motivos óbvios às questões do primeiro grau, pois quem não aprendeu a partir dele, pode subir os trinta e três que continuarão como se nem o primeiro degrau tivessem subido.

Quem de nós hoje em dia nos grupos maçônicos que frequentamos já não se sentiu oprimido, acusado de algo que nem sabemos direito o que é, ou mesmo omitimos nossas opiniões para não sermos julgados ou por acharmos que alguém possa não nos entender. Às vezes até nos sentimos mal por algo que lemos um irmão escrever para o outro, tudo feito sem um pingão de cuidado com aquilo que sabemos que devemos buscar, a tolerância.

Sem contar a completa falta de respeito nos meios maçônicos, mediante ataques e ou a divulgação de informações falsas ou omissão das verdadeiras. Não é objetivo deste artigo, discutir se elas estão certas ou erradas e sim que existem outras formas mais adequadas

e apropriadas para um maçom buscar corrigir algo que ache errado.

Só queria trazer à lume algumas coisas pelas quais já passamos em nossas iniciações e no nosso dia a dia em nossas oficinas e que parecem que caíram no esquecimento, sobretudo, tomando-se por base o período pandêmico e eleitoral, este com uma bipolarização do país, fato que se refletiu dentro da Ordem. Nesses períodos nosso convívio se intensificou sobremaneira via reuniões virtuais e à comunicação em redes sociais. Isso facilitou para muitos a coragem de dizer coisas as quais com muito boa probabilidade não diriam pessoalmente, olhando olho no olho.

Seguem os trechos, mutatis mutandis, entre inúmeros outros que achei interessantes, os quais podem tentar nos fazer pensar e direcionar de volta aos trilhos:

“A maçonaria: 7. Tem por finalidade combater a ignorância, ensinando a obediência às leis do País, a vivência segundo os ditames da honra, a prática da Justiça, o amor ao próximo, o trabalho incessante pela felicidade do gênero humano. 8. Proíbe, expressamente, toda e qualquer controvérsia sectária, política ou religiosa, dentro dos seus templos, ou fora deles, em seu nome.” “São deveres dos maçons:... e) conduzir-se conforme os ensinamentos maçônicos...” “Regularidade maçônica é a perfeita adequação aos Landmarks e aos princípios que regem a maçonaria Universal.” “... Implicará suspensão dos direitos maçônicos... I – o exercício de atividade incompatível com os costumes, princípios e valores maçônicos; III – a violação de

compromisso assumido em cerimônia maçônica.” “ São deveres maçônicos... b) instruir-se dos princípios maçônicos... e) conduzir-se conforme os ensinamentos da moral maçônica...” “... XVII – todo maçom está sujeito às leis e aos regulamentos da jurisdição maçônica em que residir...” “ Nos reunimos: Para combater a tirania, a ignorância, os preconceitos e os erros; glorificar o

Direito, a Justiça e a Verdade; promover o bem estar da Pátria e da Humanidade...” A maçonaria – tem por objetivo tornar feliz a Humanidade, pelo amor, pelo aperfeiçoamento dos costumes, pela tolerância, pela igualdade e pelo respeito à autoridade e à crença de cada um.” “ Quais são os deveres do Maçom? Honrar e venerar o Grande Arquiteto do Universo... lutar contra a ignorância, a mentira, o fanatismo e superstição, que são os flagelos causadores de todos os males que afligem a Humanidade e entram o progresso... praticar a tolerância, que deixa cada um no direito de escolher e seguir sua religião e opiniões;...” As fontes dessas citações são: Os princípios, os Landmarks, o ritual do REAA e as normativas da Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás.

Isso não é uma crítica, porque também às vezes me pego agindo contrariamente a tudo isso, involuntariamente, mas que fique o alerta que sopesemos tudo aquilo que nossa Ordem Sublime nos ensina e procuremos nos policiar e agir como homens livres e de bons costumes de uma forma mais adequada e polida, pois afinal muitos já desbastaram a pedra bruta e outros tantos estão desbastando.



**João Batista Fagundes Filho**  
OAB/GO 14.295  
fagundesadvgo@gmail.com

**62. 3215-2293**

Rua 10 nº 250, Sala 302 - Ed. Trade Center  
CEP 74120-020 - Setor Oeste - Goiânia-GO



**ENI CABRAL & G. MARTINS FERRO S/C ADVOCACIA**  
OAB-GO 35

*Eni Cabral*  
ADVOGADO

Rua 10 nº 238 - Edifício Jotabrado - Sala 602  
Setor Oeste - CEP 74120-020 - Goiânia - Goiás

Fone: (62) 3215-1973  
Fax: 3215-1838  
e-mail: enicabral@terra.com.br



## tempo de estudo

### PAVIMENTO MOSAICO E ORLA DENTEADA – IV

Herbert de Melo | Colaborador

Com efeito, o termo ‘mosaico’ não se refere a ‘Moisés’. Sua etimologia (mosaico) é outra, e se aproxima muito mais das ‘musas’ ou de ‘museu’. Já a origem do nome ‘Moisés’ é hebraica, com ascendência egípcia. A imagética mensagem da construção do Templo de Jerusalém estimulou a criatividade, uma certa mágica ou fantasia, que encontra terreno fértil em todas àqueles necessitados de esoterismo. Hábitos e comportamentos são alterados. O juízo de valor pode alterar no tempo e no espaço, pois é o homem um ser histórico-social. Essa mudança poderá ser fruto do desenvolvimento social e cultural, mas também pode ser intencional. Por motivos variados o novo ethos é absorvido pela sociedade, ao demonstrar uma genealogia antiga, tradicional, apresenta-se, desta forma, como se fosse heranças culturais. Não obstante, a realidade é outra.

No entanto, o pavimento mosaico reflete um simbolismo salutar a fraternidade maçônica. Seu valor não está em uma genealogia esotérica, mas na racionalidade de procedimentos que o maçom deve se esforçar para buscar. Em especial, modelos de comportamento importantes para o ethos maçônico. Associado a ‘musas’ ou a ‘museu’, indica a necessidade de um espírito arguto, combinando criatividade das ‘musas’, e o cultivo das artes e das ciências do qual também se extrai a palavra ‘museu’, o pavimento mosaico demonstra toda sua riqueza filosófica indispensável ao maçom, pois traz a lume a necessidade de ser artífice de si mesmo.

#### A ORLA DENTEADA

A orla denteada está representada no piso mosaico, pode-se dizer que se situa nos limites do piso alvinegro, isto é, demarca o seu espaço geográfico. É formada por triângulos equiláteros alternadamente, assim como o é o piso mosaico, em brancos e negros.

Do mesmo modo que o ‘piso mosaico’, a ‘corda de 81 nós’, a ‘estrela flamígera’, e a ‘orla denteada’ fazem parte dos ornamentos do templo maçônico. É também

reconhecida por outros epítetos, tais como: Orla, Borla ou Moldura, Dentada, Denteada ou Marchetada.

Sua alegoria é muito variada. Para alguns maçons adeptos da correção e/ou associação simbólica, sua origem semântica está lado a lado de outro significante, a corda de 81 nós, possuindo este o mesmo significado daquele. Ou seja, ambos remontam a um vetusto costume maçônico, era utilizado para demarcar o local em que os maçons operativos realizariam o seu ofício de construtores. Esta corda era ornada por borlas, e com o ‘andar dos tempos’, fora reconhecida por borda. Nos templos maçônicos de hoje em dia, está representada em um número de quadro



Corda de 81 nós

bordas, duas no oriente (uma de cada lado ao trono do Venerável Mestre) e duas no ocidente (uma borda de um lado e outra do outro lado da porta do templo).

Em artigos pesquisados sobre o tema ‘quatro borlas’ associado a ‘corda de 81 nós’ foi possível constatar que sua origem remonta a maçonaria operativa.

Em antigos rituais franceses, como esclarece Falconer (2022), os painéis do grau de aprendiz eram emoldurados com um cordão ondulado apresentando bordas em suas quatro extremidades. O seu significado apresenta bastante relevância, lembra os laços fraternos que devem unir os maçons, independente das distâncias em que se encontram.

Já em rituais alemães, o mesmo autor relata que tais ‘cordões’ eram reconhecidos como ‘cordões de fios fortes’, e do mesmo modo representam um vínculo fraterno pelo qual todos os maçons estão unidos.

Em relação somente as ‘quatro borlas’ estas estavam relacionadas com os métodos utilizados pelos mestres pedreiros operativos, aludindo às linhas de prumo que são colocadas nos cantos dos prédios durante a sua construção.

Contudo, as quatro borlas presentes nos cantos das lojas maçônicas, também estão presente no painel do grau de aprendiz-maçom, foram associadas a quatro virtudes cardeais. Não sendo difícil traduzir o costume dos maçons operativos para a saudosa interpretação simbólica e filosófica que ilustra o novo ethos dos maçons especulativos.

Como as borlas aludem às linhas de prumo, sendo assim relevante para assegurar com que as paredes construídas sigam linhas retas tal sentido incorporado a razão maçônica especulativa foi bastante salutar. Associando a contribuição das práticas de doutrinas religiosas de matriz cristã, temos combinando com as borlas as quatro virtudes: prudência, justiça, fortaleza e temperança. Em tempos operativos as Quatro Borlas que eram suspensas nos quatro cantos do alojamento representavam guias, que foram destinados a ajudar um maçom para manter uma vida justa e correta, de onde derivou a referência para as quatro virtudes cardeais que, tradicionalmente, são prudência, justiça, fortaleza e a temperança.

No painel do grau de aprendiz-maçom do Rito Moderno temos nele figurando a ‘corda’, a ‘borla’ (embora apenas duas), mas não há figuração do painel mosaico e mesmo da orla denteada. Um desprestígio, em nosso entendimento, da relevância que estas duas figuras simbólicas representam ao maçom.



## opinião

### UMA ADMINISTRAÇÃO, UMA NOVA HISTÓRIA!

Charles Wellington de Matos Pinheiro | Cadeira nº 38

Desde que o maçom Luiz Caiado de Godoy assumiu o primeiro malhete da primeira administração da então recém-fundada Grande Loja Maçônica do Estado de Goiás no dia 09 de junho de 1951 e instalada em 14 de julho de 1951, data escolhida em homenagem à Queda da Bastilha, nossa potência tem sido administrada por dedicados e laboriosos obreiros que ofereceram seus tempos e suas capacidades para engrandecer essa instituição. Até o presente momento tivemos 18 irmãos, sendo alguns com mais de um mandato, à frente da nossa potência, sendo o atual o Sereníssimo Grão-Mestre o irmão Tito Souza do Amaral.

Nesse Grão-Mestrado foram feitas algumas alterações na nossa constituição através de uma convocação de Assembleia Constituinte,

e uma delas foi não permitir que um Grão-Mestre tenha mais de um mandato, e sem dúvida isso será no futuro desta instituição a oportunidade de que mais irmãos possam colaborar com seus trabalhos para desenvolvimento de nossa potência.

No dia 21 de abril de 2023 ocorreu mais uma eleição para Grão-Mestre e Grão-Mestre Adjunto e com duas chapas concorrentes tivemos a vitória dos irmãos Mário Martins de Oliveira Neto e Marco Antônio Barbosa de Farias, eleitos respectivamente para os cargos de Grão-Mestre e Grão-Mestre adjunto com um percentual de 70,33%, em uma eleição tranquila e com espírito de respeito e fraternidade típicos de nossa instituição.

Mário Martins de Oliveira Neto é natural de Mineiros – Goiás, casado com Elizabeth Borges de

Oliveira, é pai de dois filhos e empresário. Membro ativo da Augusta Respeitável Benemerita e Benfeitora Loja Pedro Ludovico Teixeira nº 94, Oriente de Goiânia. Atuou em diversos cargos na sua Loja além de Venerável Mestre, foi Assessor Especial, Grande Secretário de Integração e Eventos e Grande 2º Vigilante, ocupando atualmente o cargo de Grão-Mestre Adjunto. Trata de um irmão que se destaca pela primorosa dedicação a ritualística.

Marco Antônio Barbosa de Farias é natural de Ituiutaba – Minas Gerais, casado com Lara Lafaiete de Godoi Barbosa tendo 2 filhos e exercendo a profissão de advogado. Pertence a Augusta e Respeitável Loja Mestre Pythagoras nº 127 e foi iniciado na Loja Thermas de Caldas nº 164, aonde foi Venerável Mestre. Exerceu também a presidência da Loja de Perfeição União do Vale, ligada à 2ª Inspeção Litúrgica. Foi Assessor Especial e membro do Alto Corpo, tendo sido neste Grão-Mestrado Grande Orador.

Os irmãos foram eleitos sob a égide da sigla TFA, referente ao Trabalho, Fraternidade e Amor, unindo em torno desse ideal uma proposta de trabalho pautada em 16 pontos básicos segmentados em

frentes administrativa, ritualística e de relações fraternais.

Unindo em torno de si uma plêiade de irmãos laboriosos e dedicados a nossa instituição, essa nova administração deverá ser mais um importante passo na história da Grande Loja do Estado de Goiás, e espera-se mais três anos de progresso e trabalho profícuo voltado a todos os maçons de nossa potência.

Merece destaque o fato que nossa Grande Loja viveu na gestão atual o pesadelo da pandemia do Covid-19, passou mais de um ano sem reuniões presenciais e vem, a partir da retomada, vivenciando uma sequência de crescimento muito grande com inúmeras iniciações, mostrando o poder regenerador da maçonaria. Embora com essas limitações o Grão-Mestre Tito Souza Amaral desenvolveu ações de crescimento patrimonial e fraternal e promoveu grandes e importantes ações.

Esperamos, com a graça e bençãos do GADU, que os novos dirigentes de nossa instituição possam promover mais progresso, união e participação nesse novo período.

“A vida real do ser humano consiste em ser feliz, principalmente por estar sempre na esperança de sê-lo muito em breve.”(Edgar Allan Poe)



**crônica**

## CROMOSSO 21 – SÍNDROME DE DOWN (AMOR)

Adélcio Ala | Colaborador

Querido leitor ou leitora, se você pegou o jornal, ou acessou só para dar uma olhadinha... As linhas a seguir, não são para você, pode pular. Mas, se quiser inundar o coração de sentimentos puros, mesclados com entendimentos da sua alma; leia as linhas e entrelinhas. Entenda. Goste. Ame. Penso, que o mundo está carente desse tipo de texto. Pode ser bobagem minha. Peço perdão. Fica por sua conta. Sbre-se, toda leitura é uma viagem.

**Síndrome é um conjunto de sinais e sintomas que define as manifestações clínicas de uma ou várias doenças ou condições clínicas independentemente da etiologia que a diferencia. Wikipédia**

Deus é Luz! É fonte de Luz; e nós, seres humanos, somos Luz emanada de

Deus. Neste momento, a Luz brilha intensamente em você, e ilumina todo o ambiente.

Síndrome de Down é a condição causada pela presença de três cromossomos 21 nas células dos indivíduos, em vez de dois. Conhecido também como Trissomia do Cromossomo. Para o nosso entendimento momentâneo, já está bom demais. O ser humano vive hoje, a complexidade de uma comunicação extraordinária. É lindo isso! A gente carrega tecnologia embarcada num minúsculo aparelho celular, capaz de desafiar e ofuscar mentes geniais do presente e do passado.

E nesse mundo moderno, tudo é instantâneo, é urgente. Tem que ser rápido. É pra já! Então, a misericordiosa fonte da Luz, começou a brilhar forte

em lugares, em pessoas, em corações; de forma tão sublime e poderosa, que um único raio de Luz, ilumina famílias inteiras, lares, corações... É assim, que o verbo se enche de vida, e nos convida para sermos melhores, não quando der certo; não amanhã; mas hoje; agora.

São Paulo, ou Paulo de Tarso, foi um grande missionário, inspirado e dedicado em sua obra. A epístola aos Coríntios, se tornou um dos textos de amor mais belos, e mais lidos de todos os tempos. Uma mensagem de amor que transcendeu o tempo e que me fez encontrar as letras, ajeitar as palavras e entregá-las nestas linhas.

Pessoas com Síndrome de Down apresentam características físicas comuns. É verdade. Porém, elas se parecem mais com os seus familiares. Cada

Presidente da Academia  
Rio-verdense de Letras,  
Artes e Ofícios – ARLAO

uma tem um ritmo de desenvolvimento. Pessoas com Síndrome de Down estão cada vez mais incluídas nos mais diferentes setores da sociedade. A Luz brilha intensamente. Em uma canção intitulada Monte Castelo, o compositor e músico da banda Legião Urbana, Renato Russo, organizou os versos bíblicos assim:

*Ainda que eu falasse a língua dos homens  
E falasse a língua dos anjos.  
Sem amor, eu nada seria.  
É só o amor, é só o amor  
Que conhece o que é verdade.  
O amor é bom, não quer o mal...*

Gratidão a você veio lendo com o coração e o entendimento da sua alma, SÍNDROME DE DOW (AMOR)



**artigo**

## A CARREIRA MAÇÔNICA E O CAMINHO DAS ÁGUAS

Milton de Souza | Colaborador

A “ALEGORIA DA CAVERNA” (Platão), significa, inclusive, o nascimento simbólico do maçom, do ventre da terra, como se lá fosse colocado para encontrar-se a si mesmo, para novas compreensões, e de lá viesse para ensinar, a princípio a si mesmo, em seguida à humanidade. Também para exemplificar como se livrar das “cavernas da ignorância”, que a vida nos impõe ou são criadas por nós mesmos, provocando situações de cerceamento da liberdade do pensamento, cavernas essas nas quais as vezes estagiamos por muito e até pela vida toda.

A água também nasce do seio da terra, por “instinto”. A não ser que se prefira analisar e adjetivar o fenômeno por outro ângulo, considerando a inexplicada perfeição e beleza da criação, bem como engrenagens simbólicas das leis de causa e efeito, montadas pelo Criador.

A água nasce até mesmo ou principalmente nas maiores altitudes, mesmo acima do nível do mar (o que parece contrassenso). Corre sem descanso, abre caminhos na terra bruta, usando como ferramenta e combustível para a locomoção apenas o desnível da terra. Supera os mais sólidos obstáculos, como areias, granitos, rochas, substâncias intransponíveis, até pelas máquinas do homem. Executa saltos (a exemplo da Iniciação maçônica), passa por estreitos canais, viaja sempre, vence barreiras impostas pelo homem e pela própria natureza (as represas, por exemplo), mas continua no seu objetivo, o da sublimação, da eficiência e da plenitude.

No seu caminho se junta a outros cursos d’água, aumentando sempre o seu volume, criando poder, sem no entanto, desde o nascimento, deixar de se colocar à disposição de todos os seres vivos, nas suas várias formas de contribuir. A água nascente, em seu

percurso, troca de nome várias vezes, já que o seu progresso exige: inicia como nascente, passa córrego, riacho, ribeirão, rio de porte pequeno, rio de grande porte, finalmente se formam o MAR. Nesse estágio adquire a “plenitude”, a “universalidade” da serventia, presta serviços humanitários imensuráveis.

No caminho das águas também parece existir a ânsia de investigação, a da busca por caminhos diferentes, desconhecidos; filetes de água se desgarram do volume principal, buscando vida própria. Mas, ou se perdem no terreno árido ocasionado pela fragilidade da individualidade, pode permanecer estancada diante dos obstáculos, estagnando-se, passando ao deserviço da criação de parasitas.

O Maçom também pode se perder pelo caminho. Às vezes escolhe não seguir o projeto traçado pelos mais antigos e autênticos irmãos; desanima-se com a carga de estudos ou com a falta deles, com as obrigações inerentes, com a disciplina, também acometido pelo egoísmo, pela vaidade, descrente com a forma enganosa com que calcula o investimento e lucro até então obtidos, enfim, a falta de perspectiva o afasta do projeto.

A grande maioria dos Iniciados na maçonaria, a exemplo da corrente das águas, também busca a plenitude (do conhecimento), o progresso; porém, infelizmente alguns de nós podem cometer o engano de buscar percorrer o caminho de todos os graus maçônicos, por motivos alheios ao preceito nosso preceito da aquisição do conhecimento balancear com a distribuição à humanidade.

Para o objetivo ser alcançado, deve haver o despertar das emoções adormecidas no bom profano convidado, no momento do primeiro contato, a Cerimônia de Iniciação. O indicativo

maior de que o novo maçom conseguiu acessar seu próprio EÚ no primeiro ensinamento transmitido, se trata da emoção sentida, causando, geralmente, o brotar das lágrimas, seja escorrendo pela face ou nas paredes do coração, de forma oculta, que, aliás, pode ser a forma mais sincera. Havendo, no sentimento do iniciando o chamado “processo químico” da renovação de si mesmo, ele passa a “aprender” e não “ser ensinado”.

Tomemos como exemplo, resumidamente, o que aconteceu com Saulo, então ferrenho combatente do Cristianismo, que, caminhando, foi tomado por um turbilhão de pensamentos, acontecendo o tal “processo químico”, culminando com a sua conversão ao Cristianismo que momentos antes combatia, vindo, inclusive, a tornar-se apóstolo e chamar-se Paulo e não mais Saulo.

Na carreira do maçom, assim no caminho das águas, também existe a vontade de abrir novas trilhas e conhecer novos caminhos; o iniciado sempre arisca (no passo lateral), mas a doutrina o ensina a retornar ao eixo; há, no entanto, os que dão esse passo na realidade, vão ao desconhecido e não retornam, se perdendo no espaço e no tempo.

Por último há os maçons que abandonam a trilha definitivamente e permanecem estagnados, deixando a mente acumulando pragas. A desistência da maçonaria é provocada por vários motivos e alguns deles são: peso dos estudos ou falta deles, dificuldade na compreensão, no acreditar, na relutância pela mudança de hábitos, religiões, parentes contrários etc.

O maçom, como a água que desde o seu nascimento auxilia aos seres vivos, o novo maçom se coloca, também, automaticamente, no canteiro de obras, não conseguindo passar despercebido aos necessitados e às boas ações no mundo profano. Na sua carreira o maçom é

geralmente feliz, contempla passagens bonitas, mas, também, como a água, passa por momentos de dificuldades, as vezes dispendiosos no aspecto financeiro e físico, tanto que as vezes a régua simbólica de 24” se torna pequena para equacionar o tempo no cumprimento das obrigações escolhidas, dentro e fora da Ordem.

A bem da verdade todos os maçons buscam ou desejam a Plenitude do ‘conhecimento’ através da conquista dos Graus. É até normal o maçom chegar ao último grau maçônico e descobrir que para ser útil à humanidade deve se colocar nessa condição desde o 1º Grau Maçônico, entendendo que a mesa posta aos necessitados se encontra, geralmente, lá embaixo, no simbolismo. Porém, é muito importante o estudo continuado, até o fim dos graus do Rito, levando o maçom a aprender olhar para trás, de onde veio e retificar ou reaprender em algumas etapas, e uma delas se trata da caridade. Enfim, o maçom ao chegar ao último grau da maçonaria se condiciona para fazer bem o primeiro. Uma vez lá no topo do conhecimento e dos graus, o que fazer? Reforçar a atenção (antes comprometida pelo tempo exíguo) ao estudo da base.

A exemplo da água que possui a base do Mar nas suas nascentes, na maçonaria a base de todo esplendor da Ordem está na Cerimônia de Iniciação, no grau de Aprendiz, no Simbolismo. Lá no início estão os alicerces e as colunas que sustentam a Obra. Tanto é que não nos apresentamos diante dos profanos como portadores dos Graus Superiores, e sim, como maçons, e quase sempre anônimos (melhor assim). A extensão toda dos graus maçônicos é de suma importância para nos submetermos aos sacrifícios diversos para a conquista, e para formarmos juízo das áreas de atuação para sermos úteis à HUMANIDADE.



**artigo**

## ECONOMIA E MATEMÁTICA NA ANÁLISE DO CRESCIMENTO ECONÔMICO

Gesmar José Vieira | Cadeira nº 20

Nos dias atuais, as pessoas centram suas preocupações em assuntos voltados para a vida doméstica, tais como redução dos gastos no dia a dia, redução da carga tributária e investimentos públicos, ideias que são defendidas por economistas, políticos e agentes governamentais. Nos meios de comunicação se veiculam discussões sobre essas ações e falam muito na expressão crescimento econômico, o que de forma indiscutível deve ser associado às decisões do setor público, de onde provem a base de sustentação para que o Estado possa contribuir para os avanços sociais e da iniciativa privada, na economia capitalista.

Teoricamente, a partir dos estudos de economia, ouvimos que as ações de estado, foram sempre direcionadas para o crescimento e desenvolvimento das nações, o que nunca fora feito de forma isolada, mas sempre buscando o saldo das realizações, sempre observando o ser humano como principal protagonista. As realizações foram envidadas até então para o alcance da produção, da renda e, como consequência, o emprego, que sobre o vislumbre da sociedade no seu conjunto são assuntos do contexto macroeconômico.

Como afirmado antes, para o conhecimento detalhado desses assuntos, os equacionamentos não devem ser realizados de forma isolada, para o que a análise deve ser construída de forma concomitante ao resultado esperado, com cada parcela apresentada de maneira clara e mediante resultados positivos, por ser seu caráter social.

E neste momento não se deve pensar e elevação de gastos, mas na sua redução, como afirmado, em 2006, pelo Professor Doutor em Economia, João Sicsú, docente do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, uma vez que esta redução seria revertida em investimento, o que seria formação de capital.

Esta operação, na visão do Professor João Sicsú (2006), traria certa confusão, já que parte da equação demonstraria a possível ou inédita redução de impostos, sem implicar na geração de déficit das contas do governo. Para explicar essas observações será necessária a comprovação matemática, já que teria que haver substituição de gastos públicos correntes por gastos públicos em investimento, e se porventura impactasse negativamente, haveria compensação.

Assim, ainda sustentado pela leitura do Professor João Sicsú (2006), o que não seria diferente dos dias atuais, o que se esperaria com as equações seria efeitos indiretos, não com a realização de política econômica ativa, direta, com vistas ao crescimento da renda, mas uma política de sinalização, indireta, com a ideia de que os empresários, a partir da ação governamental, estaria buscando decisões de investimentos e com isto gerando emprego e renda, ou seja, melhores condições que de certa forma podem inibir custos gerados.

Torna-se clara a visão que se tem do resultado esperado, uma vez que se envidar o crescimento, com certeza haverá demanda em vistas do impacto da geração de emprego decorrente da política de governo, então proposta. Os reflexos serão os diversos, desde os setores de consumo doméstico até os impactos no setor externo com exportações, com geração de infraestrutura com maior eficácia. Assim, se explica o fato da realização matemática a ser concretizada para a determinação da renda da economia, a partir dos gastos públicos, que como afirmado pelo Professor João Sicsú (2006).

Essa operação ficará confirmada matematicamente, a partir do conhecimento dos efeitos multiplicadores decorrentes do gasto do governo, do consumo, do investimento e dos saldo comercial, o que explica o resultante crescimento da economia. E, com essa premissa se espera a possibilidade de novos investimentos empresariais.

Mais uma vez se sustenta a ideia, a partir do comentário do Professor João Sicsú (2006), de que do ponto de vista teórica fica claro que “política de gastos públicos somente gera crescimento quando ocorrer aumento do gasto do governo ou quando o volume de gastos é redirecionado para favorecer aqueles que têm uma alta propensão ao gasto. O que se define como questão macroeconômica.” Evidencia-se então que, por definição a economia matemática decorre da sua aplicação ao desenvolvimento de modelos econômicos que levaram à construção da Teoria Econômica,

Dáí pode se concluir que a matemática, segundo o Jacques Salomon Hadamard, “é a mais simples, a mais perfeita e a mais antiga de todas as ciências”. Ela torna-se essencial não somente na vida das pessoas para calcular e nos afazeres diários, mas para auxiliar nas questões interdisciplinares complexas, a partir de técnicas da análise funcional, topologia diferencial de ampla utilização nos modelos econômicos, como ilustrado no caso da explicação quanto a determinação do crescimento econômico e a partir deste no resultante desenvolvimento gerado por uma política governamental, de caráter macroeconômico.



**opinião**

## O EMBRIAGADOR PODER TRANSITÓRIO

Hélio Pereira Leite | Colaborador

Membro fundador da Academia Cearense de Literatura Popular, e correspondente das Academias Maçônicas de Letras da Bahia e de Mogi das Cruzes

Alhures alguém já disse que o ser humano objetiva em suas pretensões individuais, alcançar a riqueza financeira e econômica, o poder político e a fama, seja do jeito que for, passando por cima de tudo e de todos, assassinando reputações, neutralizando interesses contrários, eliminando concorrências em potencial. Este é o retrato do homem material, individualista, egocêntrico, egoísta, enganador da boa fé dos que o cercam.

Por outro lado, os que estão na planície, que lutam para sobreviver com honestidade de propósitos, cuidando de suas famílias, cumprindo com suas obrigações profissionais, sociais e fiscais, não têm como objetivo maior buscar a riqueza, a não ser que seja honestamente; não buscam o poder político porque não fazem parte da elite dominante; e em alguns momentos até que conseguem alcançar a fama, como por exemplo os que se dedicam à arte de representar nos filmes e nas novelas de televisão.

Contudo, são esses cidadãos que elegem os representantes do povo, pagam a conta, que pagam

impostos, que movimentam a lavoura, o comércio, a indústria e serviços, porque estão no grande contingente de consumidores de bens e serviços, que são obrigados pelo sistema dominante a cumprir com seus deveres e direitos, rigorosamente, sob pena de serem penalizados.

E entre estas duas categorias de interesses individuais há aqueles que estão lutando para fazerem parte do banquete dos poderosos de plantão; que lutam para serem recebidos na elite social; que servem de escada para os que estão com mais condições de passarem à frente e que têm os mesmos objetivos; os que tudo fazem, traindo seus amigos, sendo desleais com seus correligionários; que entregam sua alma ao demônio para fazer parte da elite domiante, mesmo sem poder pessoal. São os chamados alpinistas sociais.

São estes os cenários, que na minha modéstia de leigo, convivemos em nosso dia a dia, para sobreviver nestas selvas de pedras em que se transformaram nossas grandes cidades, onde vivemos, trabalhamos e cuidamos de nossa pequena comunidade familiar.

Uma luta diária e desigual, porque somos obrigados a cumprir com as normas estabelecidas em nosso contrato social, enquanto uma minoria dominante desfruta das benesses do poder, se acham diferenciados, bafejados pela sorte, que acreditam que estão acima da lei e alguns pensam até que são deuses.

Mas os que eventualmente alcançam a riqueza, o poder e a fama, deveriam lembrar que neste mundo de meu Deus tudo é passageiro, tudo tem seu tempo de garantia, que a vida é uma corrida de revezamento, onde os mais jovens vão substituindo os mais velhos. Não deveriam esquecer que o poder embora embriagador e inebriante, é transitório, é desgastante, tem seus bônus e ônus e quando alcançado, muitas vezes, não preenchem o sonho de poder. Ou seja, e voltando à planície da vida, se os que estão no poder, os que têm riqueza material parassem para pensar, chegariam a conclusão que o mais importante de todo o sistema é o homem propriamente dito, ou seja, sem o homem, sem a sua ação individual, sem a sua mão de

obra, sem a sua contribuição financeira, mesmo modesta, não haveria sociedade, associação de interesses, não haveria crescimento econômico, progresso, escolha de seus representantes e de seus líderes. Mas, ao contrário, aquele que paga a conta é o mais sacrificado, explorado, desvalorizado e diria até escravizado e aliado dos banqueiros da vida.

Por isto e só por isto é que cada um de nós devemos, apesar dos pesares, cumprir com nossas obrigações, honrar nossas promessas, honrar pai e mãe, respeitar as autoridades constituídas se honestas forem, escolher os melhores para serem nossos líderes, nossos representantes, nas esferas de poder, eleitos pelo nosso voto, cujo peso e valor é igual para todos os eleitores indistintamente.

Enfim, que a justiça social seja alcançada para todos, que seja bem administrada e equitativa, que o bem estar social seja alcançado para todos, que a fraternidade entre os homens seja a tônica em nossas vidas, para honra e glória do Grande Arquiteto do Universo, que é Deus.



**falando francamente**

## É MUITA COINCIDÊNCIA

Aparecido José dos Santos | Cadeira nº 31

**E**u gosto e aprecio uma leitura, qualquer leitura, do Gibi à Bíblia, da notícia comum ao tratado, tudo me atrai. Estou lendo, no momento, o livro “O Grande Conflito de Ellen G. White.

Comecei a leitura sem muita motivação. Trata-se de um livro de encadernação fraca, impresso em papel tipo jornal, com letras pequenas e embaçadas por causa da qualidade do papel, mas insisti na leitura. Para minha satisfação, não demorou muito para eu me envolver no fortíssimo e empolgante argumento da autora.

Ellen G. White narra, com muita autoridade a Apostasia (Negação

da Fé religiosa) citando fundamentos bíblicos, no mínimo intrigantes. Acompanhe o que Ela descreve:

**“As Igrejas protestantes que seguiram os passos de Roma tem demonstrado um desejo semelhante de restringir a liberdade de consciência. Um exemplo é a antiga perseguição de dissidentes feita pela Igreja Anglicana, durante os séculos 16 e 17. Pastores e membros não conformados enfrentaram multas, cárceres, torturas e martírio**

**A apostasia levou a Igreja primitiva a buscar auxílio no Governo Civil e isso abriu caminho para o papado**

– besta. Paulo disse: “Antes daquele dia, virá a Apostasia e, antes será revelado o homem pecado, filho da perdição”: (2Ts 2:3).

A bíblia declara: “Saiba disto, nos últimos dias sobrevirão tempos terríveis. Os homens serão egoístas, avaros, presunçosos, arrogantes, blasfemos, desobedientes aos pais, ingratos, ímpios, sem amor pela família irreconciliáveis, caluniadores, sem domínio próprio, cruéis, inimigos do bem, traidores, precipitados, soberbos, mais amantes dos prazeres do que amigos de Deus, tendo aparência de piedade, mas negando o seu poder” (2 Tm 3:1.5). O Espírito Santo diz claramente que nos últimos tempos, alguns abandonarão a Fé e seguirão espíritos enganadores e doutrinas de demônios.”

Não sei, caros leitores, o que dizer a respeito de tudo isso, mas, pelo que estamos vendo, assistindo, as contradições contidas nas decisões que fogem de qualquer parâmetros minimamente razoáveis e compreendidos, nos levam a pensar que

estamos sob o domínio do MAL, que a força do diabo está conseguindo fazer o domínio da mente da maioria da população, a ponto de incutir-se de que aqueles que não estão do lado deles, são exatamente os “errados”. Os incrédulos, os brutos, os hereges. “Hoje, assim como em Eras passadas, a exposição da Verdade desperta oposição. Com más intenções, muitos atacam o caráter e os motivos daqueles que defendem verdades impopulares. Profeta Elias era chamado de perturbador de Israel; Profeta Jeremias era tido como traidor; Paulo era chamado de profanador do Templo. Desde então, até agora, aqueles que desejam ser leais à verdade tem sido denunciados como rebeldes, causadores de divisão.”

Peço sua ajuda e sua preciosa opinião, amigo leitor, caso você ache por bem opinar a respeito do que foi relatado, E, se ainda não leu, vale a pena ler o livro: “O Grande Conflito”. Aí você perceberá o quão parece com tudo que está acontecendo na atualidade,

É muito preocupante, penso.



**artigo**

## MAÇONS QUE LEEM E MAÇONS QUE NÃO LEEM – I

Guilherme Freire Fonseca | Colaborador – Contribuição\*

**E**u acredito que existam muitos maçons que são desconhecedores dos princípios da Maçonaria, assim como há homens de todas as classes que estão sujeitos à ignorância da sua própria profissão. Não existe um relojoeiro que não saiba sobre os elementos de relojoaria, nem um ferreiro que não esteja totalmente familiarizado com as propriedades do ferro em brasa. Subindo para os mais altos caminhos da ciência, eu ficaria muito surpreendido se encontrasse um advogado que fosse ignorante dos elementos de jurisprudência, ou um médico que nunca tenha lido um tratamento sobre uma patologia, ou um clérigo que não saiba absolutamente nada de teologia. Entretanto, nada é tão comum quanto encontrarmos maçons que estão na completa escurecimento a respeito de tudo que se refere à Maçonaria. Eles são ignorantes da sua história, não sabem se uma produção é atual ou se ela vem de eras remotas na sua origem. Eles não têm compreensão do significado esotérico de seus símbolos ou suas cerimônias e dificilmente entendem seus modos de reconhecimento. No entanto, é muito comum encontrar esses socialistas na posse de graus elevados e, por vezes, sendo homenageados por altos membros da Ordem, presente nas reuniões de Lojas e Capítulos, se intrometendo nos procedimentos, tomando parte ativa em todas as discussões e persistindo na manutenção de opiniões heterodoxas em oposição ao julgamento dos irmãos de muito maior conhecimento.

Por que razão acontecem tais coisas? Por que, só na Maçonaria, deve haver tanta ignorância e tanta presunção?

Se eu pedir um sapateiro para me fazer um par de botas, ele me diz que só corrige e remenda, e que ele não aprendeu os ramos mais altos de seu ofício, e então honestamente nega o trabalho oferecido. Se eu pedir um relojoeiro para construir um motor para o meu cronômetro, ele responde que não pode fazê-lo, que ele nunca aprendeu a fazer motores, que pertence a um ramo mais elevado do negócio, mas que, se eu trouxer uma mola pronta, ele pode inseri-la no meu relógio, porque ele sabe como fazer. Se eu for a um artista com uma ordem para me pintar um quadro histórico, ele irá me dizer que está além de sua capacidade, que ele nunca estudou ou praticou este tipo de detalhes, mas limitou-se à pintura de retratos.

Se ele fosse desonesto e presunçoso, iria pegar o meu pedido e em vez de uma imagem, me daria uma pintura tosca. É exclusivo do maçom a falta dessa modéstia. Ele está muito apto a pensar que o compromisso não só faz dele um maçom, mas um maçom sábio, ao mesmo tempo. Ele também muitas vezes imagina que as cerimônias místicas que ocorrem na ordem são todo o necessário para torná-lo conhecedor de seus princípios. Há algumas setintas cristãs que acreditam que a água do batismo de uma só vez lava todos os pecados, do passado e do futuro. Portanto, há alguns maçons que pensam que o simples ato de iniciação é de uma só vez seguido por um fluxo de todo o conhecimento maçônico. Eles não precisam de mais estudo ou pesquisa. Tudo o que eles exigem conhecer já foi recebido por um tipo de processo intuitivo.

A grande sociedade dos maçons pode ser dividida em três classes. A

primeira é composta por aqueles que não iniciaram com um desejo de conhecimento, mas de algum motivo acidental, nem sempre honrado. Tais homens foram levados a buscar a admissão ou porque era provável, em sua opinião, para facilitar suas operações de negócios, ou para avançar suas perspectivas políticas, ou de alguma outra maneira de beneficiá-los pessoalmente. No início de uma guerra, centenas migram para as Lojas na esperança de obter o “sinal místico”, que vai ajudá-lo na hora do perigo. Tendo seu objetivo alcançado, ou não, estes homens se tornam indiferentes e, com o tempo, se enquadram na categoria de irregulares. Desses maçons não há esperança. Eles são árvores mortas com nenhuma promessa de frutos. São totalmente inúteis e incapazes de melhoria.

Há uma segunda classe que consiste de homens que são a moral maçônica e totalmente oposta da primeira classe. Estes fazem o seu pedido de admissão, acompanhado, como o ritual requer, “de um parecer favorável da Instituição e um desejo de conhecimento”. Assim que eles são iniciados, eles conseguem ver através da cerimônia pela qual passaram, um significado filosófico digno do trabalho de pesquisa. Eles se dedicam a esta pesquisa. Eles obtêm livros maçônicos, leem jornais maçônicos e eles conversam com irmãos bem informados. Se familiarizam com a história da Maçonaria. Eles investigam sua origem e seu formato atual. Eles exploram o sentido oculto dos seus símbolos e absorvem a interpretação. Tais maçons são sempre membros úteis e honrados da ordem e frequentemente tornam suas luzes

brilhantes. Sua vela queima para a iluminação dos outros e para eles, estão em dívida com a Instituição por qualquer que seja a posição elevada que tenham alcançado. Não é para eles que este artigo é escrito.

Mas entre estas duas classes que acabamos de descrever existe um intermediário, não tão ruim quanto o primeiro, mas muito abaixo do segundo, que, infelizmente, está incluído no conjunto da Fraternidade.

Essa terceira classe consiste de maçons que se juntaram à Maçonaria sem ter objetivos e com, talvez, a melhor das intenções. Mas eles não conseguiram realizar estas intenções.

Eles cometeram um erro grave. Eles supõem que a iniciação é o todo necessário para torná-los maçons e que um novo estudo é totalmente dispensável. Sendo assim, eles nunca leram um livro maçônico. Traga ao seu conhecimento as publicações dos autores maçônicos mais famosos e seu comentário será que eles não têm tempo para ler. Mostre-lhes uma revista maçônica de reputação reconhecida e peça para ele fazer a assinatura.

A resposta é que eles não podem pagar, os tempos são difíceis e o dinheiro é escasso.

E, no entanto, o que não falta é ambição maçônica em muitos desses homens. Mas sua ambição não é na direção certa. Eles não têm sede de conhecimento, mas têm uma grande sede para cargos e graus. Eles não podem gastar dinheiro ou tempo para a compra ou leitura de livros maçônicos, mas eles têm o suficiente de ambos para gastar na aquisição de graus maçônicos.

Continua na próxima edição...

(\* Excerto de texto de Albert G. Mackey, extraído do Jornal *O Prumo de Hiram*. Publicado em 1875 e reimpresso no “The Master Mason”, em outubro de 1924. Tradução de: Luciano R. Rodrigues.



**artigo**

## MANIFESTO EM PRIMEIRA PESSOA

José Eduardo de Miranda | Cadeira nº 07

Escrevo, hoje, na primeira pessoa do singular... Desço, então, do alpendre da cientificidade, dispo-me das roupagens metodológicas, e subscrevo, aqui, um manifesto alicerçado sobre o sentimento daquele que busca, diuturnamente, a justeza e a perfeição, por acreditar-se portentosamente um homem justo e de bom costume.

Antecipo, assim, que as linhas que seguem conformam-se num arquétipo que reflete da alma do 'eu' maçom, um 'ente' que reconhece a imperiosidade dos princípios e valores que alicerçam o sentido soberano da Moral Maçônica, e entende, de maneira inviolável, que o ser Maçom transcende o exercício em Loja, suplantando o estereótipo figurativo do paramento. Sobre este aspecto, não perfaz exagero reiterar que o Maçom, sob a influência axio-principiológica intrínseca à sua evolução maçônica, deve perseguir o progresso espiritual, a elevação moral, a prática da fraternidade e da solidariedade, o desenvolvimento do bem-estar da humanidade e o apoio aos seus irmãos. Visto dessa forma o processo metamorfofótico decorrente do nascimento à luz, não há como cindir a condição do 'ser Maçom', em Loja, da realidade do 'ser Homem', no mundo profano; não há como se permitir uma postura atitudinal, no Templo, e outra distinta, na vida.

O fato, intransmutável, é que uma vez iniciado, se é Maçom ininterruptamente ao longo das vinte e quatro horas do dia, no decurso temporal de toda a vida... Essa máxima, contudo, fenece gradualmente diante de condutas que maculam a finalidade da Ordem, corrompendo o preceito maior da Maçonaria: amar a todos, como a si mesmo.

Essa percepção é apavorante; é triste...

Não bastasse minhas inquietudes naturais, fui tocado, literalmente, pelo magnífico artigo do querido Irmão e Confrade Anderson Lima da Silveira, publicado na edição de janeiro e fevereiro de 2023, do Jornal do Confrade, sob o título HOMENS LIVRES E DE BONS COSTUMES?

Dileto Irmão, inclinado com humildade diante de sua consabida sapiência, confesso que há muito procuro respostas às perguntas eruditamente formuladas em seu artigo. Por este caminho, busco entender, além do que se deve esperar do Maçom nos dias de hoje, a forma pela qual ele necessita transitar pelas calçadas da sociedade pós-moderna, cumprindo diuturnamente um compromisso intrínseco ao seu juramento.

Resgato, por necessário, que o 'cumprir o compromisso inerente ao juramento' não pode se afastar de sua crença por uma sociedade mais perfeita, em cujo seio é, ou deveria ser, incansável na árdua tarefa de construir a fraternidade universal.

Portanto, aqui, e sobrelevando o momento histórico descrito pelos especialistas como pós-modernidade, recordo que Zygmunt Bauman, em sua Ética Pós-moderna, observa que há, hodiernamente, uma volatilização da vida. Nos dias de hoje, se as pessoas não perderam a identidade global do ser um 'ente' humano de natureza gregária e solidária, foram despossadas da ideia do sacrifício ou do desejo de rastreamento ideais éticos, para cultivarem valores morais, inseparáveis do interesse comum pelo alcance de melhores condições de vida para todos, sem exceção. Paradoxalmente, enquanto os políticos renunciaram as utopias, os idealistas se converteram em seres práticos, e ambos operam em razão da 'utilidade da causa', num exercício do 'ser politicamente correto'.

Por isso, recordo que Bauman, com exatidão, descreve que "a nossa era é era de individualismo não-adulterado e de busca de boa vida, limitada só pela exigência de tolerância (quando casada com individualismo autocelebrativo e livre de escrúpulos, a tolerância só se pode expressar como indiferença) (Op. cit., p.7)

Vejo, pois, que a atuação do 'ser Homem' no mundo profano tem o contorno exclusivo de protocolos superficiais que suplantam a necessidade de envolvimento ético-moral com a causa humana, com a dignidade, a

*A responsabilidade do maçom no contexto da sociedade pós-moderna*

solidariedade, a ética, a moral, a fraternidade... Distante de qualquer sinal de pessimismo atroz, percebo que a tendência solidário-gregária do homem foi engolida pela transmutação da sociedade fraterna em sociedade de consumo, de relações não duráveis, de vínculos débeis, de resignificação dos conceitos de certo e errado (com primazia à minimização do erro), e do individualismo crescente, assustador.

A bem da verdade, na sociedade pós-moderna, massificada no apogeu do século XXI, o homem aristotélico, social e político, revela-se individual e egocêntrico, preocupado unicamente com o que lhe interessa... É desse modo que a atitude do Maçom na conjuntura histórica da sociedade pós-moderna não pode ser dúbia, e deve perseguir rigorosamente a casa mor da Grande Ordem.

Subscrevo, com isso, que mais além do paramento, do rito e dos símbolos que guarnecem sua presença em Loja, o Maçom precisa suplantando os limites físicos do Templo, para elasticar o objeto de seus estudos pela prática de valores, e observação de princípios que influenciem positivamente todos aqueles com os quais compartilha um mesmo cenário de vida, no mundo profano.

É imperioso que o Maçom seja firme no processo de edificação de seu Templo Interno, soltando contínua e incansavelmente as amarras que o preservam aprisionado ao egoísmo, à inveja, ao orgulho, à vaidade, às injustiças, à exploração alheia e à exclusão social. Somente assim o Maçom logrará compreender que mesmo no ápice da pós-modernidade, a liberdade e a vida tanto constituem a essência do homem, como perfazem valores supremos e intangíveis que reclamam sua permanente proteção.

Valorizar a pessoa humana, obrar pelo bem, e agir em benefício do amor e da felicidade não pode ser uma fábula, uma cláusula do ritual. Esta é, longe de qualquer dúvida, a verdadeira responsabilidade do Maçom no contexto da sociedade pós-moderna!



**crônica**

## NA CASA DO LÍDER – II

Licínio Leal Barbosa | Cadeira nº 01

Antes de ler a carta de apresentação, José Porfírio me chamava de "menino". Após a leitura, de "senhor".

José Porfírio veio para o município de Amaro Leite no ano de 1950. A Goiás-13 ainda não tinha ramais para esta região. O arroz de Ceres, Rialma e área circunvizinha era vendido a Cr\$ 20,00, o saco. Os camponeses, lavradores, produziam, mas não podiam transportar os cereais até as zonas comerciais porque não havia como fazê-lo. Os caminhões particulares não se atreviam a rodar por aqui, pois não era financeiramente compensador. Resultado: perdiam-se as lavouras... depois de colhidas. Quando os fazendeiros ambiciosos deram por isso, fizeram olhos graúdos na colheita, nas lavouras, nos campos. Acercaram-se, então, dos lavradores, cobrando a sua parte na colheita, sob o pretexto de que aquelas terras ubérrimas lhes pertenciam. E que, por isso, cabia-lhes o arrendo. Até então, nem uma palavra. Deixaram, solertemente, que os rústicos homens do norte do país,

– parte de Goiás, do Piauí, do Maranhão, de Pernambuco, do Ceará, da Bahia, das Alagoas, etc. – aqui se instalassem, produzissem e colhessem. E agora vinham a mostrar interesse nessas terras, para cuja fertilidade em nada haviam contribuído, exigindo uma porção do fruto que não haviam ajudado a cultivar. Os camponeses, então, se negaram a pagar, alegando que as terras eram do Estado de Goiás, e que, de consequência, somente este poderia recolher ou exigir rendimentos ou tributos. Os latifundiários, – mais tarde cognominados "grileiros" – pressionaram por todos os meios a seu alcance. Investiram, então, contra os agricultores que haviam tomado

posse da terra supostamente devoluta, invocando o estado de necessidade, e a tinham fertilizado com seu trabalho humilde, mas persistente, – chamados de "posseiros", por haverem tomado posse de terras para a sua fertilização. Os posseiros reagiram, e se armaram para o confronto.

Faço menção de retirar-me, prometendo voltar no dia seguinte.

José Porfírio faz questão de me acompanhar à pensão. Em frente ao bar, encontramos o Enéias e o Gutemberg; este, coletor estadual de Estrela do Norte.

– Porfírio? – interroga o Enéias.

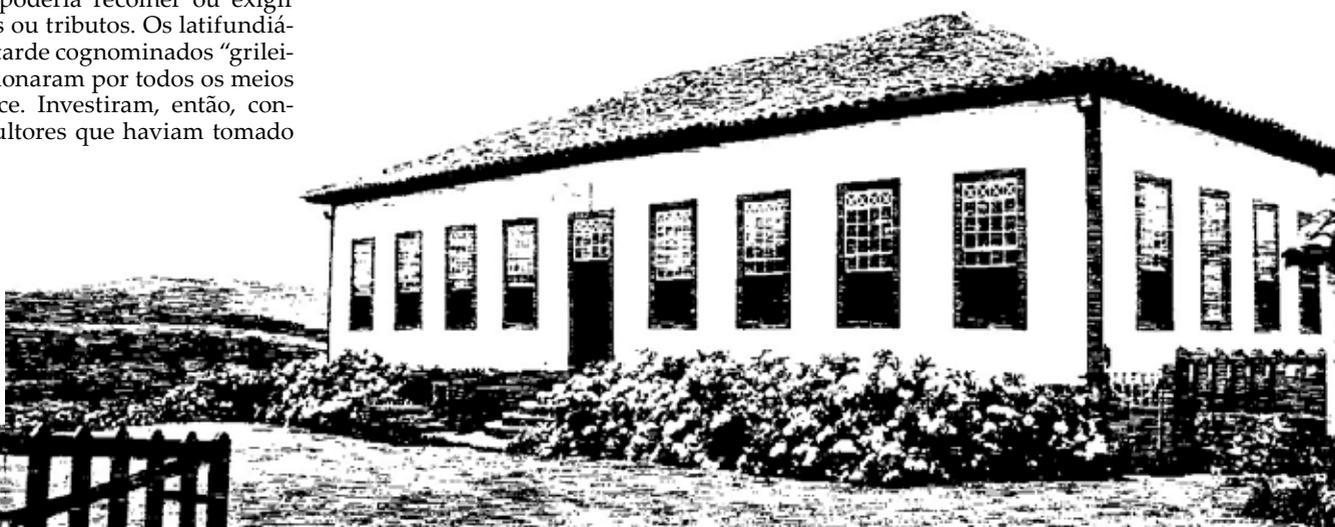
Porfírio estaca, e fazem-se as apresentações. O líder camponês aperta e

estremece a destra do exator, homem do governo, cobrador de impostos.

Trava-se rápido diálogo entre os integrantes do grupo. Gutemberg diz a Porfírio que sua visita ao vilarejo é de "cordialidade". Ele ainda não conhecia a região e... veio conhecê-la. E manifesta, protocolarmente, prazer em conhecer o líder camponês.

José Porfírio agradece o interesse do coletor de impostos, e a conversa gira em torno de política. Gutemberg acredita que não haverá eleições. Porfírio contesta, argumentando que o governo não tem condições de implantar uma ditadura. E proclama:

– A época da ditadura já passou, com a morte de Getúlio.





**crônica**

## A MULHER

Valteude Guimarães Ferreira | Colaborador

Recentemente a polícia Militar do Estado de Goiás criou o Batalhão Maria da Penha, batalhão esse para dar apoio a mulher, mulher que é considerada sexo frágil e por muitas vezes não tem como se defender daquele que se diz homem. Para a maçonaria a mulher não é inferior em nada, pois para os maçons a mulher é o porto seguro do homem, a mulher é sinônimo de família e segurança na vida do maçom.

No mundo profano não é diferente a mulher que no passado não tinha tanta importância a não ser para procriar e satisfazer as lascivas do homem hoje é

sinônimo de poder na vida profana mundial, já existe mulher presidente, deputada federal, deputada estadual, senadora, empresária, delegada, coronel, major e outras autoridades, sim a mulher está comandando o mundo machista e cruel, pois ainda hoje homens que se acham seres superiores às espancam, humilham e tiram a vida desse ser que só ele tem o poder de nos dar a vida.

É inadmissível que em pleno século XXI a mulher ainda seja humilhada, maltratada e às vezes ter sua vida ceifada por um companheiro que não aceita o término do relacionamento, porque ela cansou

de ser agredida fisicamente e psicologicamente por aquele que lhe jurou amor em momentos de alegria, ela só não quis ser apenas um objeto de prazer.

O homem para ser maçom tem que ser livre e de bons costumes, tem que acreditar em Deus, tem que professar uma fé e o mais importante tem que amar a família, e a mulher é sinônimo de família, mas quem garante que dentro dessa sociedade seria não têm irmãos que agride a sua esposa, mulher que sempre fonte de inspiração, de muitas poesias deste mundo belo que as vezes torna-se feio por atrocidades causadas.

Mulher sem você viver nesse mundo não teria sentido, mulher só você que tem o poder de gerar um filho, só você que é capaz de suportar a dor do parto depois de nove meses, só você que tem a coragem de abraçar o filho depois que ele cometeu alguns delitos, para os outros ele infringiu as leis mas para você ele é o filho amado, mulher o que seria do homem se você não existisse, parabéns mulher, que o grande arquiteto do universo possa teabençoar sempre.



**artigo**

## VENCER MINHAS PAIXÕES – II

Isaias Costa Dias | Cadeira nº 24

### 05. b) pelo senso de religiosidade e temor às coisas da natureza.

Noutro polo da equação, isto é, sob o aspecto ético-moral encarnado no tecido social, já agora sob o crivo da religiosidade, o “vencer as paixões” estaria no guardar estreita ligação com os “órgãos de nossos sentidos” através dos quais vivenciam-se os acontecimentos pela via das emoções e dos sentimentos. De fato, é no sentir corporal das emoções e no avaliar introspectivamente sobre algo, que perspectivas e atitudes ocorrerão em nossa mente para o bem e para o mal a depender, por óbvio, de nossas escolhas, sobretudo porque não há vida sem escolhas, como também não haverá escolhas sem o valor assim concebido no meio social.

A expressão “valor” está aqui posta a significar o plexo de culturas, tradições e valores endógenos de uma comunidade, em cuja dinâmica da vida se fazem realçar as emoções e os sentimentos.

Embora de aparente característica, extensão e efeitos, em realidade há distinção entre emoções e sentimentos. No que tange àquelas, porque se fazem identificar no corpo humano pela reação a um estímulo capaz de mexer com o psiquê do indivíduo como, por exemplo, quando o cidadão é tomado de alegria ou vivo contentamento; ou ao contrário, quando o mesmo cidadão é tomado por um acesso de fúria.

Quanto aos sentimentos, os mesmos se manifestam por interligação ao universo da sensibilidade humana, do raciocínio e do espírito do indivíduo, conferindo-lhe aptidão para sentir e avaliar os fatos, os acontecimentos segundo a lei da consciência, da razão humana.

Nesse interagir centrado na visão religiosa, é certo que o indivíduo conduzia sua vida amparado na ideia de adoração do invisível através do visível, como de fato nos mostra a literatura: pela existência do Fogo Sagrado que, no lar, deveria permanecer aceso dia e noite porque era considerado “Divino”. Por isso, o indivíduo dirigia suas orações com pedidos de proteção eterna, e em retribuição dedicava oferendas, flores, frutas, incenso e vinho. Por igual sentido o indivíduo

também tinha adoração ao Sol, em especial ao Sol nos solstícios de inverno (nos meados do ano, ao Norte) como também adorava a Lua Cheia, com destaque após o fenômeno de rotação de 180° com a Lua Nova), tudo em tributo e adoração ao seu Deus, incorpóreo porém, visível como sói ser o Fogo Sagrado, o Sol, a Lua (3)

Fecundo nesse agir sagrado, seria o admitir-se que o “vencer as paixões” tenha a completude da razão para suplantar os maus espíritos em benefício do lado bom da vida, o lado de Deus, o lado do Bem.

05. c) por veneração irrestrita a um Deus incorpóreo, invisível, que se faz presente pela doutrina da reencarnação, ou através da doutrina cristã.

**Devo ressaltar, em todas as épocas as religiões, sabiamente, sempre buscam preparar o homem para a morte, pessoal ou de seus entes amados. Mas, o certo é que vencido o medo (receio, pavor) pela superação da ignorância, das crenças e das superstições através da doutrina do racionalismo, ainda assim o homem continuou a ter medo do desconhecido, permanecendo dúvida sobre o destino de sua vida no seu pós-morte, fazendo-se cabível as lições do mestre Walis Budge(4)**

**De fato, não bastaram as lições, os catecismos, os símbolos e os rituais adotados no exercitar as diversas religiões (cristianismo, judaísmo, hinduísmo, budismo, taoísmo, confucionismo, espiritismo), porque o homem guardava a esperança de uma outra existência além deste mundo real, especialmente porque suas indagações não encontrava resposta nas religiões já retromencionadas.**

Eis o dilema, haja vista que no mundo dos homens nada é eterno, exceto a própria impermanência. A seguir sua intuição pelas leis da razão humana, terminou por concluir sua resposta unicamente através da fé. Primeiro, mediante a doutrina da reencarnação, exaustivamente exposta por meio da religião denominada de “Espiritismo”. Segundo esta, o homem mantém a esperança de que a vida continuará em outros corpos até a total purificação, que dar-se-á de

acordo com os princípios da lei cósmica do próprio carma. E mais, segundo estudiosos da matéria, o indivíduo pode confiar no seu destino pessoal, nas suas próprias capacidades e possibilidades.

Doutra banda, o homem tem a forte crença de continuidade da vida, que ocorrerá por meio do chamado “milagre da ressurreição”. E assim o faz pensar e sentir porquanto Deus cometeu a “**ressurreição de Jesus Cristo**”(5)

### 06 Por fim, “vencer as paixões” observado os avatares da vida animal.

Nesse cenário exsurge o sentimento da paixão, aquela paixão que a um só tempo revela amor e sofrimento, aliás, como bem assinala o Grupo Musical Legião Urbana através da música Vento no Litoral “(6)

**De tarde eu quero descansar, chegar até a praia e ver/Se o vento ainda está forte/E vai ser bom subir nas pedras/Sei que faço isso pra esquecer/Eu deixo a onda me acertar/E o vento vai levando tudo embora/Agora está tão longe/Vê, a linha do horizonte me distra//Dos nossos planos é que tenho mais saudade/Quando olhámos juntos na mesma direção...**

Pois bem. Originário do grego “pathos”, a expressão “paixão” sinteticamente quer significar uma atração intensa, um querer bem de forma muito extremada, fora do normal. Vale acenar, a demonstração impetuosa do Amor e porque não dizer do próprio Amor de forma incomum. Noutro falar, ante a falta da pessoa amada, a paixão se faz caracterizada por um sentimento tão intenso no comportamento do indivíduo a ponto de levá-lo às raias da loucura.

Segundo a vasta e mais antiga literatura, o objeto subjacente da paixão é, iniludivelmente a felicidade – repetindo –, a bem-aventurança que é cantada em prosa e verso em todas as ordens sociais do mundo, e cuja exegese, digamos, estaria tomada no sentido do “Amor físico”, do “Amor platônico”, do “Amor Cristão”, de tal sorte que no ato de “vencer as paixões”, a complexidade está *in re ipsa*, da própria expressão de Amor.

Reportando-se ao tema, Platão caracteriza o Amor pelo sentimento de falta ou pelo desejo de ter o que não possuía. Para sua completude a pessoa amada precisava preencher o espaço vazio. Por sua vez o grande Aristóteles deduzia a felicidade pela manutenção de uma vida virtuosa ao lado de quem se tem forte sentimento do “bem querer”. Ao se reportar ao Amor, René Descartes o insere como sendo “a emoção da alma” por entende-la capaz

de levar o indivíduo a uma vida de união com a pessoa amada. Em breve suma, o mestre Spinoza alude que “a felicidade consiste no potencializar os mecanismos de agir e pensar, em compreender e criar as circunstâncias que aumentem nossa potência de agir e de pensar, proporcionando o afeto de alegria e libertando-nos das determinações alheias (7).

6.2. Do acima exposto a questão revelada é a de saber se a felicidade tão decantada nos Cânticos e nos livros poéticos seria a mesma felicidade buscada pelo indivíduo no ato de “vencer as paixões” no intuito de libertação de seu desejo, ou, por outra, se objetiva reprimir com intensidade as suas paixões até mesmo as mais inconfessáveis (8).

Ressalte-se, na hipótese do “pathos” extremado, a prudência, a razão e o bom-senso são de todo inexistentes, pois na dogmática da vida animal, segundo a literatura, o “pathos” figura no homem como o seu elemento subjacente e primordial; consiste no motor que o impulsiona a agir e viver. Falando de outro modo, o “pathos” configura o elemento propagador do impulso dos afetos no seu mais alto grau de paixão.

É certo que a um só tempo a prudência é causa e efeito da ação do homem nas suas relações com os demais, sendo certo, contudo, na situação do “pathos” extremado, o bom-senso e a razão se tornam de todo inoperante. Desse modo, sobretudo nesse estágio de inflexão mental, a direção dos acontecimentos está a depender da ação ou atitude que o indivíduo vier adotar. Se a ação cometida estiver segundo os cânones da civilidade, ótimo, caso contrário, circunscrito aos avatares da vida animal.

Daí a necessidade de se pontuar o velho jargão popular segundo o qual “**tudo o que não se pode contar como fez, não se deve fazer**”. Ou por outra, **se há razões para não poder contar, essas são as mesmas razões que ditam ao homem o que “não fazer”**.

Por fim, nesse divisar de rumos, a esperança constituiu-se na chamada “**argamassa**” com que se ligam os homens livres e de bons costumes de ontem, de hoje e quiçá do futuro, no firme propósito de vê-los “**vencer as paixões**” nos seus multifacetados sentidos, inclusive unidos tal qual a Corda de 81 Nós, especialmente nos festejos de Solstícios, demarcando com tintas fortes, o verdadeiro Traço de União dos homens com a felicidade.



artigo

## A VAIDADE E SUAS CONSEQUÊNCIAS – II

Anestor Porfírio da Silva | Cadeira nº 32

Ruth trajava um vestido novinho, estampado, com um enorme decote, mandado confeccionar com todo capricho exclusivamente para aquele momento. Não era, por certo, uma mulher culta, mas vaidosa, isto sim, e além da conta, talvez por já não compreender que ainda estivesse ostentando razoável beleza. O que mais satisfazia o seu ego era produzir-se para ser observada e, por isso mesmo, usava dos recursos da vaidade para ser alvo de “admiração” das pessoas à sua volta, especialmente dos homens, pois mesmo depois de tantos anos vivendo solteira, ainda alimentava esperanças de que o seu príncipe encantado estava à sua procura e ela haveria de encontrá-lo a qualquer momento.

Naquele dia, talvez sem querer, mas por conta de excessiva vaidade, Ruth foi ao ridículo. O enorme e escandaloso decote do seu vestido deixara exposta a metade de dois grandes seios que há anos atrás foram durinhos e empinados (agora flácidos, murchos e decaídos) para os quais olhavam os presentes, com ares de censura. Ruth teria sido insensata e despudorada ao se apresentar trajada da forma como se encontrava ou, simplesmente, estaria com vis propósitos naquela hora, contrariando os costumes? Não sei! Nos lábios, um batom bem vermelho em harmonia com o esmalte das unhas. Os cabelos, tingidos de preto,

lisos e longos espalhavam-se sobre seus ombros. Naquele momento, era ela quem mais se esbaldava. Com tantos olhares em sua direção, tinha o fundo dos seus mais nobres sentimentos alimentado pela falsa ilusão de que se encontrava ainda mais fascinante do que se estivesse se apresentando ao seu natural. Na verdade, o que nela estava a chamar a atenção era aquela parte dos seios que o desalinhado decote de suas vestes não conseguia encobrir.

Quando a cerimônia terminou todos se dispersaram. Ruth também seguiu seu rumo e eu nunca mais a vi.

Depois de vários anos, voltei àquele lugar para rever o casal amigo e saber como os dois se encontravam. Perguntei-lhes por Ruth, a mulher que era tida como símbolo da vaidade e fiquei sabendo que há tempos ela havia falecido desamparada e em completa solidão. Sua saúde fora afetada por uma moléstia que, aos poucos, tirou-lhe a vida, tendo findado seus dias depois de muita angústia e sofrimento. Lamentei por ela, por nunca ter aceitado a decadência de sua beleza e ainda ter que chegar ao final da vida, com metade do seu lindo rosto destruído por um agressivo câncer de pele, que surgiu provavelmente em razão dos demorados banhos de sol a que ela se expôs ininterruptamente durante vários anos.

Como Ruth, sei que existe, mundo a fora, uma leva de incontáveis homens e mulheres que vagam por esta vida, carregados de vaidade. E é certo que, por onde passa o vaidoso, mesmo que encontre tudo em ordem e funcionando a contento ao seu redor, ele quer criar, modificar, ampliar, extinguir, substituir, alterar, enfim, usar da oportunidade colocada diante de si, do posto ou do cargo alcançado, para deixar seu nome gravado em algum lugar unicamente para satisfação do incontável desejo de se tornar imortal ou de estar sempre merecendo a atenção dos outros.

Não raramente esse tipo de pessoa é visto dentro de qualquer segmento social. Uns, com inegável e até invejável capacidade de trabalho. Outros, nem tanto assim. Porém, em qualquer das situações, quem age impulsionado pela vaidade nunca aceita dividir a autoria, nem o mérito daquilo que faz e, por isso mesmo, é também um egoísta por natureza. Toda pessoa vaidosa quando age rumo às criações, ou às mudanças, o faz não só com o desejo de realizar alguma coisa, mas essencialmente para, afinal de contas, ufanar-se ante os elogios e por ver a atenção dos outros voltada para si, pouco importando se o que fez teria que ser realmente feito, se havia necessidade ou não, daí desprender-se que, o que leva uma pessoa vaidosa a agir não é o império da força de uma circunstância, mas a satisfação do seu próprio ego. Quem não sofre desse mal, cria, recria, modifica, altera, amplia, muda alguma coisa somente quando a necessidade for um imperativo. O vaidoso, ao contrário, age por vontade e, na maioria das vezes, sem que haja necessidade.

*Continua na próxima edição...*



opinião

## A MAÇONARIA E A PROCLAMAÇÃO DA REPÚBLICA – II

Michael Winetzki | Colaborador

Em 1870 Joaquim Saldanha Marinho e Quintino Bocaiuva fundaram o Partido Republicano e publicaram o Manifesto Republicano que criticava a centralização do poder na monarquia e exigia um modelo federalista no Brasil com autonomia às províncias; responsabilizava a monarquia pelos problemas do país e indicava a república como a solução. Bocaiuva era editor do jornal A República e realizava reuniões cuja tema era a derrubada do Império. Três anos depois, na cidade paulista de Itu, a maçonaria iria organizar a Convenção Republicana.

A rica elite econômica, os abastados fazendeiros de São Paulo e Minas Gerais, se opunham a libertação dos escravos, cuja mão de obra era a razão de sua fortuna e tinham interesse na manutenção do estado de coisas como era com a monarquia. Entre eles também havia maçons, mas os interesses econômicos se sobrepunham ao ideário maçônico. Esses membros da elite e da nobreza participavam do partido conservador, monarquista, e combatiam com ferocidade as ideias liberais.

Em 1882 a maçonaria estava novamente agrupada em uma única obediência, o Grande Oriente, e embora

seu Grão Mestre, Vieira da Silva, fosse monarquista e leal ao imperador, o assunto da Proclamação da República fervilhava nas Lojas.

No dia 10 de novembro de 1889 Benjamin Constant, que já havia convertido a maior parte da oficialidade jovem do exército para a causa republicana e positivista, convoca para uma reunião na sua casa os irmãos Campos Sales, Prudente de Moraes, Silva Jardim, Rangel Pestana, Francisco Glicério, Ubaldino do Amaral, Aristides Lobo e Bernardino de Campos. Nessa reunião decidem a queda do Império. Deodoro foi informado de que a intenção da reunião era apenas a derrubada do gabinete chefiado pelo Visconde Ouro Preto.

Sem a ação da tropa isso não seria possível e Benjamin Constant é designado para convencer Deodoro da Fonseca, a mais alta patente militar do Império a liderar o movimento. Missão difícil porque Deodoro era amigo leal e afeiçoado ao Imperador. Constant informa a Deodoro que o movimento era apenas para derrubar o gabinete do Primeiro Ministro. O Marechal se põe a frente da tropa e em 15 de novembro prende o Visconde de Ouro Preto. Dá vivas a D. Pedro II e

volta para casa, de onde havia saído adoentado para o Campo de Santana.

Sob o argumento levado por Constant (era mentira) de que o Imperador iria nomear para o cargo de primeiro-ministro a Silveira Martins, o seu inimigo pessoal e político, antigo rival no amor da gentil senhora Maria Adelaide, Deodoro revoltado assume a liderança do movimento e Floriano Peixoto assina um documento extinguindo a monarquia e proclamando a República.

Mas a reunião das tropas no quartel-general Campo de Santana não formalizou a República. Isto veio a acontecer numa reunião extraordinária convocada as pressas na Câmara Municipal, quando o vereador José do Patrocínio leu o documento da Proclamação da República, e o povo nas imediações passava a comemorar cantando nas ruas o hino francês “A Marselhesa”.

No mesmo dia 15/11 o editorial da Gazeta da Tarde publicava:

A partir de hoje, 15 de novembro de 1889, o Brasil entra em nova fase, pois pode-se considerar finda a Monarquia, passando a regime francamente democrático com todas as consequências da Liberdade.

No Palácio o Conde D’Eu, genro do Imperador e militar de carreira, e o Engenheiro André Rebouças tentaram convencer D. Pedro II a autorizar um movimento de resistência, que possivelmente teria êxito, uma vez que o mandatário era idolatrado pelo povo, mas custaria muito sangue derramado. Seu sentimento era de que não valia a pena o sacrifício de tantas pessoas. Idoso, doente e alquebrado, assim como sua esposa que veio a falecer decorrido um mês e recebendo a notícia em casa redige uma resposta:

**“À vista da representação escrita que me foi entregue hoje, às 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao império das circunstâncias, partir, com toda a minha família, para a Europa, deixando esta Pátria, de nós tão estremecida, à qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranho amor e dedicação, durante mais de meio século em que desempenhei o cargo de chefe de Estado. Ausentando-me, pois, com todas as pessoas da minha família, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo os mais ardentes votos por sua grandeza e prosperidade.”** Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1889 D. Pedro de Alcântara.

Estava proclamada a República e o maior, mais admirado e mais culto estadista que o Brasil já conheceu foi exilado para morrer num modesto quarto de hotel em Paris, tendo por travesseiro um saquinho de terra de sua Pátria e deixando aos brasileiros a memória de mais de meio século de governo quando o Brasil foi um dos países mais respeitáveis e admirados do mundo.



**artigo**

## MOISÉS AUGUSTO SANTANA

Paranahyba Santana | Cadeira nº 25

Na segunda metade do século XIX, nascia, aos 07 de fevereiro de 1879, na Cidade de Goiás, filho de Joaquim José Santana e Bárbara Augusto Alves de Castro Santana, o irrequieto por toda sua vida, Moisés Augusto Santana. Em seu perfil biográfico consta haver sido Deputado Estadual na 5ª Legislatura (1905/1908) e Procurador da República em Goiás, em 1907. Mas, foi como jornalista combativo e independente, autor de inúmeras publicações, além de fundar diversos jornais, que ficou conhecido no âmbito estadual e nacional. Dado aos riscos aos quais se impunha para o exercício de seu jornalismo, acabou sendo assassinado pelo Presidente da Câmara de Uberaba, Minas Gerais, o médico João Henrique Sampaio Vieira da Silva, sobre a máquina de escrever que fazia uso em seu trabalho no Jornal Lavoura e Comércio, naquela cidade, aos 43 anos de idade. Tais fatos ocorreram em 20 de maio de 1922 e Moisés Augusto Santana veio a óbito no dia seguinte. No ano de 2022, registrou-se um século de sua passagem entre nós. Um poema satírico intitulado “Henriqueta”, foi o objeto da tragédia. O jornalismo goiano tem um débito impagável para com o homem extremamente culto e polivalente em todos os seus termos. A imprensa perdia, em 1922, um dos maiores jornalistas que o Brasil viu nascer. O escritor Humberto Crispim Borges, em 1980, lançou o livro MOISÉS SANTANA, VIDA E OBRA, traçando seu perfil literar, sem emitir detalhes da história daquele que viveu tempos conturbados. “É tido como o criador de nome de Anápolis, que se chamava Santana das Antas e de Inhumas, que era conhecida por Goiabeira”. Considerado o Pai do Jornalismo em Goiás, Moisés Augusto Santana é avô paterino do ocupante da Cadeira nº 25, da Academia Goiana Maçônica de Letras, Paranahyba Santana.

O texto que segue abaixo foi compilado do blog de Maysa Abrão, de Catalão. A quem agradecemos penhoradamente.

A Academia Catalana de Letras lembra que, um jornalista vilaboense, para sair com vida de Catalão, teve que fugir enrolado em um colchão e colocado num vagão de carga da estrada de ferro. Tamanha era a hostilidade do ambiente para com os órgãos de imprensa que contrariassem os chefes políticos de antigamente.

O nome do vilaboense era Moisés Santana, assassinado na redação do jornal “Lavoura e Comércio” de Uberaba, Minas Gerais, poucos anos depois de sua espetacular fuga.

Os jornais do interior, no início do século passado, tinham vida curta. Suas matérias eram carregadas de emoção e suas posições eram fortemente político-partidárias. Serviam para atender os ideais de exibição pessoal de chefes políticos ou então, pelo contrário, para manter uma posição de confronto contra os detentores do poder. Os jornalistas, ao esposar qualquer lado da refrega, quando derrotados, perdiam a condição de viver na cidade com segurança. A não ser que a facção perdedora tivesse condição de acobertá-lo contra a ira dos adversários. O que era muito raro e difícil.

Na época, matar jagunço era até aceitável porque se tratava de legítima defesa e matar jornalista era facilmente defensável porque se tratava de um ato de defesa da honra. O vilaboense sabia disso, mas como jornalista atrevido e polêmico, acabou sendo algoz de si mesmo.

Moisés Augusto Santana, natural da cidade de Goiás, ingressou no Educandário Santa Cruz e depois foi para a Escola Militar do Rio de Janeiro onde experimentou breve carreira no exército brasileiro. Com o temperamento indisciplinado e rebelde, foi destituído da corporação. Afastado foi, como disseram, porque seria capaz de vaiar o próprio Ministro da Guerra ou o Presidente da República. De lá, Moisés Santana foi

para São Paulo onde assumiu um cargo na segurança pública. Mas, não fixou residência, tornando-se, desde então, um andarilho profissional. Retornou a Goiás, vivendo em Anápolis, Cidade de Goiás, Santa Rita do Paranaíba (hoje Itumbiara), Inhumas, Rio Verde e outras cidades do Triângulo Mineiro. Em todos esses lugares deixou histórias marcantes de sua passagem. É tido como o criador de nome de Anápolis, que se chamava Santana das Antas e de Inhumas, que era conhecida por Goiabeira. Em todas essas cidades, esteve acompanhado da esposa, Cassiana de Souza Dutra e dos filhos.

Em Catalão, fundou o jornal “Sul de Goyaz”, em agosto de 1907. O periódico esteve menos de um ano em circulação. Era um profissional de grande talento, uma pessoa extraordinária, mas de uma independência toral, que não combinava com o forte coronelismo municipal.

Foi intimado a fechar o jornal e sair da cidade. Não encontrando outra alternativa, pegou a família, montou no cavalo e partiu. Na última edição do “Sul de Goyaz”, em junho de 1908, deixou registrada a sua impressão da cidade: “Catalão, terra que tem secularmente formada uma tradição de crimes, dos mais grosseiros e revoltantes atentados à vida, à propriedade e à liberdade, manietada sempre e sempre por um mandonismo ferrenho, tremendo e odioso. Entregue às mãos criminosas de um ajuntamento de imbecis, armados com os poderes discricionários do mando político e da autoridade da justiça, convertida numa berregã imunda, sem honra e sem brio.”

Deixou publicada tamanha ofensa e desapareceu.

Porém, depois de oito anos, em 1916, Moisés Santana e retornou à “berregã imunda e sem brio”. Aqui já vivia a sua irmã mais nova, Dona Iayá, eminente professora do Externato Santana. Logo reabriu o antigo periódico “Sul de Goyaz” como jornal político ainda mais combativo que antigamente. Segundo alguns memorialistas, difamava e escrevia horrores das autoridades constituídas de Catalão. Na verdade, o “Sul de Goyaz” mostrava ser um jornal independente, opinativo e destemido.

Novamente o periódico durou menos de um ano. Moisés Santana, consciente de que estava sendo caçado por

jagunços e de que iria ser fatalmente morto, foi auxiliado por alguns amigos que o despacharam de trem para Uberaba, envolto em um colchão.

Jornalista de reconhecida competência, foi logo empregado no “Lavoura e Comércio” de Uberaba, onde trabalhou por alguns anos. Porém, morreu aos 43 anos, friamente assassinado na redação daquele jornal, pelo médico João Henrique Sampaio Vieira da Silva, em razão de seus escritos na imprensa uberabense. João Henrique era um poderoso político local e, logo após o crime, compareceu ao quartel da polícia dado conta do ocorrido. Foi absolvido pelo Tribuna do Juri como ato cometido em defesa da própria honra.

Moisés Santana era bastante conhecido na imprensa estadual e nacional que muito lamentou o ocorrido. No Rio de Janeiro, o escritor Coelho Neto, da Academia Brasileira de Letras, registrou: “Foi o polemista mais audaz e vigoroso de seu tempo”.

Mesmo em Catalão, de onde foi expulso duas vezes, ganhou o nome de logradouro público: Rua Moisés Santana.”



Extraído do blog de Maysa Abrão, de Catalão/GO.



**opinião**

## CONTROLE PARENTAL SOBRE AS TELAS NA INFÂNCIA

Joás de França Barros | Cadeira nº 29

Segundo o conceito “Socialização Primária” do sociólogo Émile Durkeim, as instituições, como a família, tem papel fundamental na introdução do indivíduo no meio social, onde a priori, ele inicia suas relações no meio informal e íntimo, ou seja, com os seus pais dentro de casa. O crescente avanço tecnológico na fabricação de “smartphones” e o recente isolamento social por conta da pandemia do covid-19, obrigando a quase totalidade das crianças a se refugiarem em casa, trouxe em questão a necessidade de proteção às crianças expostas a conteúdos digitais. Logo, é fato que a família possui o papel principal nessa questão, por ser responsável pela garantia na formação interna, quanto externa, no preparo para as vivências fora de casa.

Em primeiro lugar. É válido apontar que o uso excessivo de eletrônicos, gera consequências no

desenvolvimento mental e físico da criança. Para comprovar esse fato, a Sociedade Brasileira de Pediatria afirma que o uso exacerbado de telas gera ou acelera transtornos mentais como crises de autoestima e físicos, como o sedentarismo. Isso acontece devido, primeiro, à nova geração digital, que vem sendo formada, os “influencers” que por meio de redes sociais como o Instagram, moldam sua realidade, mostrando uma rotina fantasiosa e desejável ao público, um sentimento de paralização e comparação pelo ideal de vida inatingível, e segundo ao tempo de tela, onde pais como forma de distrair os pequenos, aumentam as horas em frente a televisão ou aparelhos digitais.

Além disso, são despertadas na infância a curiosidade e a vontade de estar sempre atualizado diante dos acontecimentos ao redor do mundo. Nesse viés,

a psicóloga Kelma Johnson afirmou que o uso de smartphones pela criança tem dois lados: o positivo, afinal a internet abre portas para pesquisas e informações, mas, por outro lado, o uso sem limites gera risco a longo prazo. Assim, embora os sites ofereçam um conhecimento do mundo, das artes e da cultura em geral, é nela também que há o risco do acesso a conteúdos impróprios para a idade, gerando dentre outros problemas a hipersexualização infantil.

Portanto, é de função parental o controle sobre as telas na infância, como meio de protegê-las. Diante disso, a internet e as mídias fazem parte do cotidiano social e a introdução desse meio é inevitável, devendo ser introduzida de forma controlada pelo corpo familiar, cumprindo seu papel como posto pelo nobre sociólogo.

*Exagero ou necessidade de proteção às crianças?*

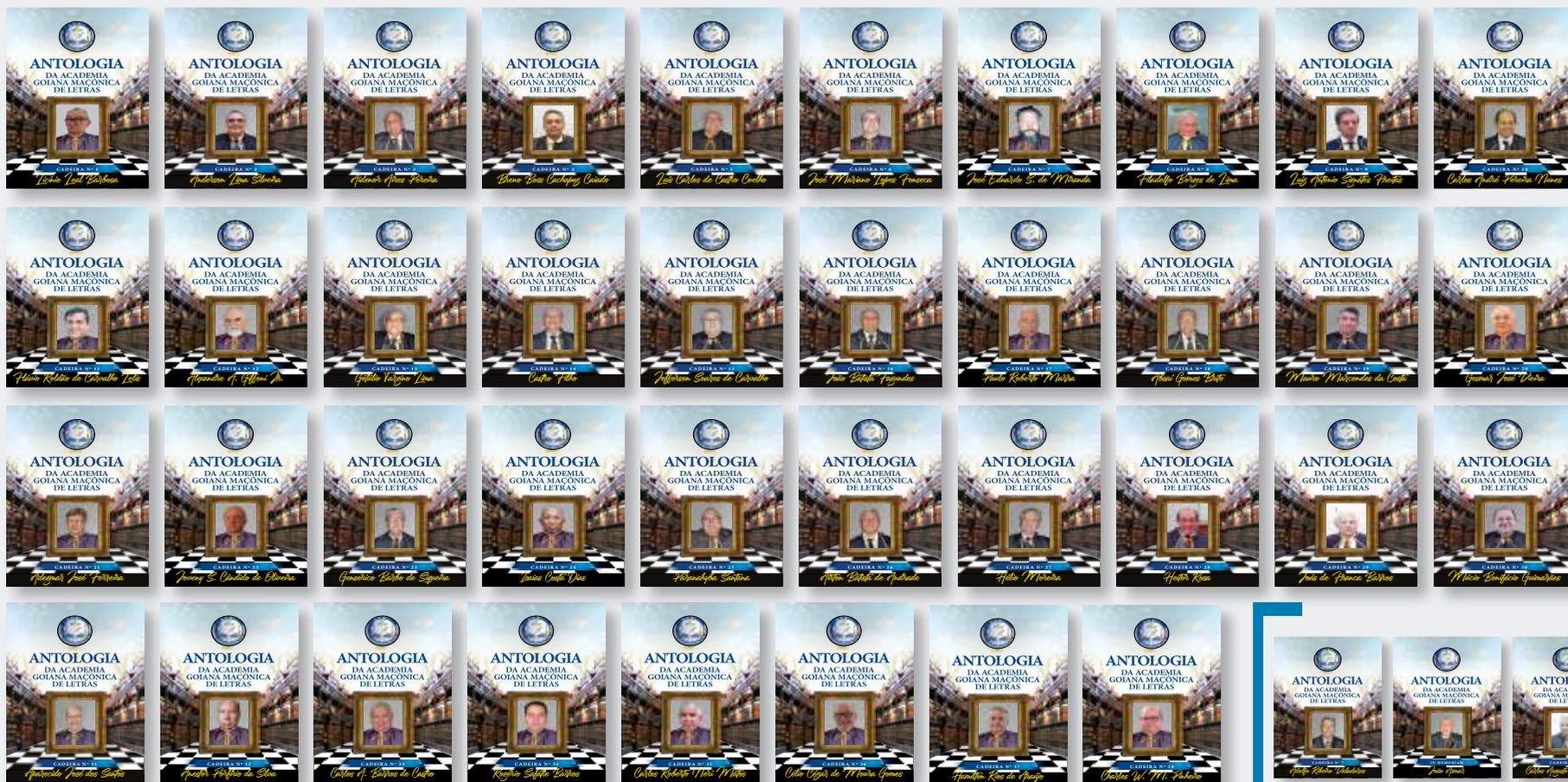


Jornal – O Confrade

Antologia Escritores

Antologia Confrades

## Antologia dos Confrades escritores da AGML



[ Publicações In memoriam ]



### crônica

## OS CONVERTIDOS

Filadelfo Borges de Lima | Cadeira nº 08

Isac Rodrigues Machado, de saudosa memória, era meu sogro. Carpintaria a sua profissão, exercida na modesta e prestigiada oficina instalada ao lado da residência na qual criou, com dona Helena, sua esposa e minha sogra, 12 filhos, dentre os quais a senhora Ilsa, minha consorte. Situava-se essa propriedade na acolhedora Mineiros, Sudoeste Goiano.

Isac não era um carpinteiro qualquer, mas um artista. Homem honesto e de poucas letras que aprendera, didaticamente e no exercício da profissão, a desenvolver cálculos matemáticos, como o de fazer uma pipa, de formato oval, para guardar mil litros de aguardente. Ele fez muitas pipas, muitos carros de boi, muitas rodas de fiar etc.

Católico sincero o senhor Isac. Sem fanatismo cumpria os preceitos do credo que aprendera na infância. Era costume aparecer, na carpintaria do Isá Machado, gente da sua amizade, parentes, vizinhos ou meros conhecidos para conversar. Em uma ensolarada tarde, quem por lá apareceu foi o Guilhermino, amigo de muitos janeiros. Queria um favor do carpinteiro. Em que posso te servir? Guilhermino então lhe disse que Nivaldo, seu irmão, tornara-se pentecoste (naquele tempo o povo denominava pentecostes os pentecostais) e a família estava muito descontente com isso e queria que o Isac fosse aconselhar o Osvaldo voltar para a Igreja Católica. Isac aceitou a tarefa e afirmou que dentro de 3 dias procuraria a ovelha

desgarrada para tentar seu retorno ao aprisco. Satisfeito, Guilhermino se despediu. Dois dias se passaram e Guilhermino, por volta das 9 da manhã, chegou, de bicicleta, à casa do Isac. Disse-lhe o Guilhermino:

– Vim te dizer que não precisa mais falar de religião com o Nivaldo. Eu também virei pentecoste porque ele me convenceu. Queremos levar Helena e você e Helena pra nossa igreja.

Despediram-se. Guilhermino e Nivaldo nunca mais falaram de religião com esses amigos que nunca deixaram o catolicismo.



## CURIOSIDADES

- Quando a Maçonaria passou da fase Operativa para a fase Especulativa, em 1717, ou seja, quando a Ordem deixou de ser composta apenas de construtores e passou a acolher homens cultos, que não tinham ligação direta com as grandes construções, estes homens, lotaram Lojas Maçônicas por toda a Inglaterra, Escócia e França. Vale lembrar, que neste período inicial, a Maçonaria só tinham dois graus.
- Durante o Iluminismo, o termo "especulativo" significava um exercício da mente, e não um investimento em títulos de alto risco.
- A Ideia dessa nova versão da Maçonaria filosófica se tornava popular com rapidez. Mas, apesar de gostarem da ideia de basear a fraternidade nas guildas de ofício e suas cerimônias, de alguma forma era necessário algo maior.
- Como resultado disso, alguns homens escreveram alguns rituais e cerimônias baseados nos antigos, com algumas novas mudanças. A fascinação pela antiga guilda, novos aprendizados, a alegoria bíblica, os mistérios e um pouco de drama levaram à criação de um terceiro grau, o de Mestre Maçom, por volta de 1725-26.
- Representado pela primeira vez como uma peça teatral com um elenco totalmente maçônico na Sociedade Apolínea para os Amantes da Música e Arquitetura (Philo Musicae et Architecturae Societas Apollini) em Londres, ele contada de forma dramática duas histórias: a construção do Templo do rei Salomão e a Morte de Noé, e, com a sua morte, a perda do seu "conhecimento secreto".

REUNIÃO / LANÇAMENTO COLETIVO



registro ABIN



confraria celestial



*Mas – o que é um pormenor de ausência. Faz diferença? “Choras os que não devias chorar. O homem desperto nem pelos mortos nem pelos vivos se enluta” – KRISHNA instrui Arjuna, no Bhágavad Gita. A gente morre é para provar que viveu. Só o epitáfio é fórmula lapidar. [...] Alegremo-nos, suspensas ingentes lâmpadas. E: “Sobe a luz sobre o justo e dá-se ao teso coração alegria!” – desfere então o salmo. As pessoas não morrem, ficam encantadas. [ GUIMARÃES ROSA ]*



GRANDE ORIENTE DO BRASIL-GOIAS



MEMBROS DA ACADEMIA GOIANA MAÇÔNICA DE LETRAS

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
01	Licínio Leal Barbosa	
02	Anderson Lima Silveira	andersonlimadasilveira3@gmail.com
03	Aidenor Aires Pereira	aidenoraire@hotmail.com
04	Breno Boss Cachapuz Caiado	brenocaiado@hotmail.com
05	Luis Carlos de Castro Coelho	luiscoelho.adv20@gmail.com
06	José Mariano Lopes Fonseca	josemarianolopesfonseca@hotmail.com
07	José Eduardo Souza de Miranda	jemiranda@mirandacorrealima.com
08	Filadelfo Borges de Lima	filadelfoborgesdelima@gmail.com
09	Luiz Antônio Signates Freitas	signates@gmail.com
10	Carlos André Pereira Nunes	carlosandre@carlosandre.com.br

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
11	Flávio Roldão de Carvalho Lelis	flavio.roldao@ifg.edu.br
12	Alexandre Avelino Giffoni Júnior	agiffoni@outlook.com
13	Getúlio Targino Lima	gtargino@hotmail.com
14	Sebastião de Oliveira Castro Filho	castrofilho.o@gmail.com
15	Jefferson Soares de Carvalho	jcarv57@yahoo.com.br
16	João Batista Fagundes	fagundesadv@hotmail.com
17	Paulo Roberto Marra	marra.paulo@gmail.com
18	Absai Gomes Brito	brito.absai@gmail.com
19	Mauro Marcondes da Costa	mauromarcondes.costa@gmail.com
20	Gesmar José Vieira	gesmarjv@uol.com.br
21	Adegmar José Ferreira	degmarjferreira@uol.com.br
22	Joveny Sebastião Cândido de Oliveira	jaqueline5oficio@gmail.com
23	Genserico Barbo de Siqueira	irtid.anapolis@gmail.com
24	Isaias Costa Dias	isaiascdmc@hotmail.com
25	Paranahya Santana	paranasan@gmail.com

CADEIRA	MEMBROS	E-MAIL
26	Aíron Batista de Andrade	airtonbandrade@gmail.com
27	Hélio Moreira	drhmoreira@gmail.com
28	Heitor Rosa	heitorrosas@gmail.com
29	Joás de Franca Barros	quintinobocaiuva@hotmail.com
30	Mucio Bonifácio Guimaraes	
31	Aparecido José dos Santos	ajsaparecido09@hotmail.com
32	Anestor Porfírio da Silva	silvaanestor001@gmail.com
33	Carlos Alberto Barros de Castro	barros@polipar.com.br
34	Rogério Safatle Barros	rogeriosafatle@gmail.com
35	Carlos Roberto Neri Matos	carlosmerim@gmail.com
36	Célio César de Moura Gomes	celio2004mg@hotmail.com
37	Hamilton Rios de Araújo	relacoesinteriores@gleg.com.br
38	Charles Wellington de Matos Pinheiro	charleswellingtonpinheiro@yahoo.com.br